

Marcelo D'Aquino Rosa

**SELEÇÃO E USO DO LIVRO DIDÁTICO NA VISÃO DE
PROFESSORES DE CIÊNCIAS:
UM ESTUDO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Científica e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Mohr

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rosa, Marcelo D'Aquino

Seleção e uso do livro didático na visão de professores de Ciências: Um estudo na rede municipal de ensino de Florianópolis/ Marcelo D'Aquino Rosa;

Orientadora: Adriana Mohr - Florianópolis, SC, 2013.
197 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas.

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica.

Inclui referências

1. Educação Científica e Tecnológica.
2. Seleção de Livro didático.
3. Uso de Livro didático.
4. Livro didático de Ciências.
5. Programa Nacional do Livro Didático. I. Mohr, Adriana. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E
TECNOLÓGICA

“Seleção e uso do livro didático na visão de professores de Ciências: um estudo na rede municipal de ensino de Florianópolis”

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Científica e Tecnológica

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 12/04/2013

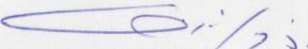
Profª. Drª. Adriana Mohr (MEN/CED/UFSC - Orientadora)

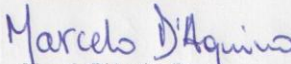
Profª. Drª. Isabel Martins (NUTES/UF RJ - Examinadora)

Profª. Drª. Nadir Castilho Delizoicov (PPGECT/UFSC - Examinadora)

Profª. Drª. Sylvania Regina Pedrosa Maestrelli (BEG/CCB/UFSC - Examinadora)

Profª. Drª. Rejane Maria Ghisolfi da Silva (MEN/CED/UFSC - Suplente)


Dr. Carlos Alberto Marques
Coordenador do PPGECT


Marcelo D'Aquino Rosa

Florianópolis, Santa Catarina, abril de 2013.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às pessoas que sempre acreditaram em mim: minha orientadora, a excelente professora Adriana Mohr, minha família e meus melhores amigos, que não vou citar aqui, pois sei que eles se identificarão com o título.

Agradeço também à CAPES, pela bolsa de mestrado concedida desde o primeiro mês de pós-graduação, o que sempre me deu muito conforto, segurança e tranquilidade para estudar e realizar minha pesquisa.

Um obrigado especial aos meus professores do mestrado, que sempre estiveram comigo ao longo dessa caminhada, em especial aos docentes: Adriana Mohr, Sylvia Maestrelli, Vivian Leyser e José de Pinho Alves Filho.

Obrigado também aos professores com quem tive a oportunidade de trabalhar na Educação a Distância (EAD) ao longo de dois anos como mestrando: Daniela Ramos, Marimar da Silva e Marina Bazzo. Vocês me ensinaram muito e ajudaram a construir este profissional que eu estou me tornando!

Muito obrigado às professoras Nadir Castilho Delizoicov, Rejane Maria Ghisolfi da Silva e Sylvia Regina Pedrosa Maestrelli, pelo carinho e pelas contribuições bastante positivas na banca de qualificação. Vocês tornaram este momento muito menos traumático!

Obrigado à Prefeitura Municipal de Florianópolis, pela autorização para contato com os professores de Ciências da rede. A colaboração firmada foi extremamente sólida e me deu respaldo para seguir adiante com meu trabalho.

Agradeço imensamente aos professores de Ciências que tive a honra de conhecer, entrevistar e aprender muito com suas histórias de vida. Agradeço o carinho e a atenção com que fui recebido por todos nas escolas municipais visitadas, muitas vezes em meio a horários de aulas e atividades de toda a equipe pedagógica. Sem todos vocês este trabalho jamais seria realidade.

O sonho

Sonhe com aquilo que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida
e nela só se tem uma chance
de fazer aquilo que quer.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes
não tem as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor das oportunidades
que aparecem em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem
a importância das pessoas
que passaram por sua vida

(Clarice Lispector)

RESUMO

O presente trabalho é uma dissertação de Mestrado, desenvolvida no Programa de pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, da Universidade Federal de Santa Catarina. Nesta pesquisa investigo aspectos relacionados à seleção e ao uso do livro didático (LD) de Ciências por professores de escolas da rede municipal de ensino de Florianópolis, Santa Catarina. Os docentes participantes da pesquisa fornecem informações sobre sua formação e as formas de seleção e utilização do livro didático de Ciências e a qualidade deste material, em suas visões. Os dados são obtidos através de entrevistas semi-estruturadas com os docentes, transcritas e analisadas com a ajuda da Análise Textual Discursiva (ATD). A fala dos professores permite fazer algumas inferências sobre as políticas de distribuição de LDs nas escolas da rede municipal de ensino e o trabalho docente relacionado a estes materiais. Os resultados da investigação apontam que o professor de Ciências é o responsável pela escolha do LD dentro da rede municipal de ensino de Florianópolis. Estes docentes afirmam escolher os LDs baseados em elementos como a proposta curricular do município e o projeto político-pedagógico da própria escola, consideram-se razoavelmente satisfeitos com a forma com que selecionam e utilizam o livro didático em seus trabalhos e pensam que a qualidade deste material vem melhorando. Por fim manifestaram visão positiva sobre a presença destes livros em suas escolas e sobre a forma com que os mesmos são empregados nos seus trabalhos.

Palavras-chave: Seleção de Livro didático, uso de Livro didático, Livro didático de Ciências, Programa Nacional do Livro Didático, formação de professores, ensino de Ciências.

ABSTRACT

The present study is a Masters dissertation, developed at the *Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica*, of the *Universidade Federal de Santa Catarina*. In this research, I investigated some aspects related to the selection and use of Science textbooks by eight Science teachers from municipal public schools in *Florianópolis, Santa Catarina*. The participant teachers provided personal information on their formal education, as well as on the forms of selection and use of Science textbooks, and expressed their opinion about the quality of these pedagogic materials as well. Those pieces of information were collected through semi-structured interviews with the participants, transcribed and analyzed with the help of *Análise Textual Discursiva*. The participants' discourse allowed us to make some inferences about the distribution policies of textbooks in municipal schools and the teaching practices related to these textbooks. The results of this investigation showed that Science teachers are the responsible for choosing the Science textbook to be used in municipal schools in *Florianópolis*, and that the participants' choices regarding textbooks are based on the Municipal Curricular Proposal and the Pedagogical Policy Project of the schools they work for. Moreover, the participants feel reasonably satisfied with the way they select and use textbooks in their practices and think the quality of Science textbooks is getting better overtime. Finally, the participants expressed a positive view about the fact that their schools have access to textbooks offered by the Brazilian Government, and about the way these pedagogic tools are used in their work context.

Keywords: Textbooks selection, Textbooks use, Science textbooks, *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD), teacher education, science teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Resumo da trajetória das políticas públicas relativas ao livro didático no Brasil ao longo do tempo.....	38
Figura 2. Quantidade e valores dos livros didáticos vendidos nos anos de 2009 e 2010 no Brasil.....	40
Figura 3. Página 7 do Guia de Livros Didáticos de 2011 (adaptado de BRASIL, 2011).....	42
Figura 4. Mapa do município de Florianópolis.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD – Análise Textual Discursiva

CNLD – Comissão Nacional do Livro Didático

EBM – Escola Básica Municipal

EC – Ensino de Ciências

FAE – Fundação de Assistência ao Estudante

FENAME – Fundação Nacional de Material Escolar

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GLD – Guia de Livros Didáticos

INL – Instituto Nacional do Livro

LD – Livro didático

MEC – Ministério da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PLD – Programa do Livro Didático

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	21
2. O LIVRO DIDÁTICO (LD) E O PROFESSOR: ELEMENTOS PARA CONTEXTUALIZAÇÃO	27
2.1 Os livros didáticos e o ensino de Ciências	27
2.2. A atuação docente relacionada ao livro didático de Ciências	30
2.3 Políticas públicas para o Livro Didático e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	35
2.4 Escolha e uso dos livros didáticos pelos professores.....	46
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1 Natureza e instrumentos de investigação.....	51
3.2 Sujeitos de pesquisa e dinâmica da investigação.....	54
3.3 A revisão bibliográfica	59
4. RESULTADOS E ANÁLISE	61
4.1 A capacitação para a escolha do LD.....	62
4.2 A escolha do LD.....	66
4.3 A qualidade do LD	73
4.4 O uso do LD	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
6. REFERÊNCIAS.....	95
7. APÊNDICES.....	105
8. ANEXOS	183

1. APRESENTAÇÃO

O livro didático (LD) já foi tema de pesquisa explorado em minha monografia de conclusão de curso (ROSA, 2009; ROSA; MOHR, 2010). Trabalhando com análise dos conteúdos de Micologia (Reino *Fungi*) em livros utilizados na disciplina de Ciências, pude ter um pequeno, mas sistemático contato inicial com o LD e conhecer as diferentes escolas e regiões da ilha de Santa Catarina, o que me fez refletir sobre as realidades destes locais. Esta situação despertou grande interesse em seguir com esta linha de pesquisa após a graduação, pois a investigação proposta em minha monografia apontou algumas outras questões de pesquisa relativas ao LD de Ciências.

O LD é um recurso de ensino que vem sendo alvo crescente de investigações ao longo das duas últimas décadas. De uma forma geral, as pesquisas com LDs de Ciências são recentes, datando da segunda metade do século XX. Este campo relativamente novo é ainda pouco explorado em alguns aspectos e, em minha opinião, merece maior atenção por parte dos pesquisadores da área da Educação e do Ensino de Ciências (EC).

Para Cassab e Martins (2008) as pesquisas com LDs pouco abordam os aspectos relacionados ao uso do mesmo entre professores e estudantes. O enfoque, de acordo com as autoras, é quase sempre outro:

Embora um número crescente de pesquisas e ações governamentais (AMARAL, 2006; FERREIRA, 2004; MARTINS 2006; SELLES; FERREIRA, 2004; SOUZA, 1999) tenha o livro didático (LD) como foco, observa-se, de forma geral, que estas pouco problematizam aspectos relacionados ao seu uso por professores e alunos no ambiente escolar nem as práticas de leitura a ele associadas. Em particular, é ausente a discussão das relações que o professor, mediador por excelência das interações entre livro-aluno-conhecimento, estabelece com este material. [...] (CASSAB; MARTINS, 2008, pág. 2).

Freitag, Motta e Costa (1987), em um estudo pioneiro sobre o estado da arte do LD no Brasil, já apontavam a história recente da pesquisa com LDs ao descreverem sua pesquisa:

Como nos havíamos proposto estudar o livro didático, focalizando os estudos dos últimos

quinze a vinte anos, os estudos feitos realizados nas décadas de 50 e 60 caíam fora da nossa análise. A decisão de incluir alguns deles neste debate decorre do fato de que eles são efetivamente pioneiros, traçando rumos e fixando critérios [...] (FREITAG; MOTTA; COSTA, 1987, pág. 49)

Nascimento e Martins (2009) acrescentam, analisando a investigação das autoras supracitadas que:

[..] a maioria desses estudos privilegia a análise de seu conteúdo, podendo ser divididos em dois grupos. No primeiro, destacam-se o interesse teórico-metodológico e as reflexões em torno da fundamentação pedagógica, psicológica, lingüística e semiológica dos textos. No segundo, destaca-se a preocupação em revelar valores, preconceitos, concepções ideológicas contidas no livro didático. Este segundo grupo direcionou suas investigações para livros de cada uma das áreas do conhecimento, entre elas a das Ciências Naturais. (NASCIMENTO; MARTINS, 2009, pág.4).

Já para Fernandes (2004), a pesquisa com estes materiais assumiu outras dimensões em tempos recentes. A autora afirma, em relação às pesquisas com LDs, que as mesmas “têm diversificado temas e documentos, dando conta desde sua concepção, produção, difusão e uso, quanto de suas relações com as políticas públicas, os currículos escolares e a indústria editorial” (FERNANDES, 2004, pág. 533).

Ferreira e Selles (2003) também confirmam o fato de que as publicações e a pesquisa em LDs são vistas desde meados do século XX nos textos acadêmicos e periódicos das áreas da Educação e do EC. Outro dado relevante aparece também quando Ferreira e Selles (2003) observam, nesta produção, que os trabalhos em grande número nestas áreas são recentes. Choppin (2004) afirma que aproximadamente 75% das pesquisas com LDs possuem menos de vinte anos. Ferreira e Selles (2003), Choppin (2004) e Carneiro, Santos e Mól (2005) afirmam que a maioria dos trabalhos e produções observados por estes pesquisadores tratava da análise de conteúdos em LDs de Ciências.

Como vimos, grande parte das pesquisas com LDs tratam de outros temas que não a seleção e uso destes materiais. Carneiro, Santos e Mól (2005) afirmam que são poucos os estudos sobre o LD e seu

cotidiano na sala de aula ou nas concepções de seus usuários, os professores e alunos. Este é um aspecto que merece maior atenção e cuidado, pois a seleção e o uso deste material carregam consigo alguns aspectos muito particulares. A importância e a natureza do LD como ferramenta de apoio pedagógico exige que ele seja pesquisado e conhecido a fundo. De forma contrária, é difícil otimizar o trabalho com este recurso.

A seleção e a utilização do LD pelas escolas, no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), tornou-se objeto de meu interesse de pesquisa uma vez que podemos observar (no campo e a partir de textos de outros pesquisadores) quanto a articulação entre o trabalho dos docentes, a estrutura das escolas e a forma de funcionamento do PNLD apresentam desdobramentos pedagógicos positivos e negativos. Observei durante o trabalho de campo realizado anteriormente, por exemplo, que a escolha do LD – papel que deveria caber apenas ao professor, de acordo com as normas do PNLD – nem sempre é realizada da forma como é indicada por este Programa.

O PNLD é um programa que envolve milhões de reais, destinados à compra anual e avaliação de materiais didáticos pelo Governo Federal. Segundo Tolentino-Neto, Bizzo e Sano (2002), as editoras, como instituições comerciais, querem participar deste programa com o maior número possível de obras didáticas. São conhecidos, inclusive, casos de assédio dessas editoras aos docentes em atividade, pessoas que teriam poder de escolha (ou veto) dos títulos envolvidos (TOLENTINO-NETO; BIZZO; SANO, 2002). Ainda segundo estes autores, existem ofertas de “regalias” da parte das editoras aos professores e às próprias instituições de ensino.

Desta forma, o papel e as ações dos professores em atividade nas escolas públicas se tornam objetos de análise e estudo, pois os mesmos, enquanto responsáveis pela seleção e utilização do LD de Ciências nas escolas, constituem uma metafórica “ponta do iceberg” de uma gigantesca política pública. Fica clara, assim, a importância dos docentes quando se fala em PNLD.

O contato anterior com escolas e profissionais nelas atuantes mostrou-me que em algumas unidades escolares, um dos professores de Ciências escolheu o material para toda uma escola, onde ele não compõe sozinho o quadro docente da disciplina em questão. Em outras, o material utilizado era proveniente de outros anos e não foi substituído – por falta de cuidado da escola com os prazos exigidos pelo PNLD. Esta percepção breve e inicial também apontou-me que existiam ainda as

escolas onde eram os diretores quem tomavam a decisão da escolha dos títulos, sem o aval de qualquer professor de Ciências.

A forma pela qual os professores selecionam, avaliam e usam os LDs com seus alunos em sala de aula é o objeto de investigação geral a ser discutido nesta investigação. O PNLD e alguns de seus desdobramentos na unidade escolar constituem questões de pesquisa. Assim, podemos indagar: como os livros são selecionados nas escolas? Há livros para todos os alunos? Como estes docentes selecionam os títulos? Qual o uso que os professores fazem do LD? Por último, se faz interessante saber a própria opinião dos docentes a respeito da qualidade e diversidade das obras disponíveis para escolha.

Em função do exposto até aqui, defino meu problema de pesquisa como a análise da relação de professores atuantes na disciplina de Ciências do Ensino Fundamental com os LDs, especialmente no que se refere à seleção e uso deste recurso, em escolas integrantes da rede municipal de ensino de Florianópolis (SC). A coleta de dados foi estruturada na forma de entrevistas orais semi-estruturadas com os docentes, que foram transcritas e trabalhadas de acordo com a Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES; GALIAZZI, 2007).

O objetivo geral da investigação é analisar a escolha e o uso de LDs por professores de Ciências no âmbito do PNLD. Como objetivos específicos, elenco:

- Identificar como e quem escolhe o LD na escola;
- Verificar quais são a formação inicial e continuada do professor relativas à avaliação e escolha do LD;
- Identificar e analisar como o professor usa o LD em suas atividades pedagógicas;
- Identificar e analisar o conhecimento e o juízo de valor do professor relativos a aspectos do LD e do PNLD, especificamente sobre a seleção, qualidade e a utilização deste recurso em seu trabalho.

Segundo Nuñez *et al* (2001), analisar a seleção dos LDs pelos professores de Ciências é algo vital, no âmbito do PNLD:

A seleção dos livros didáticos para o Ensino de Ciências constitui uma responsabilidade de natureza social e política. Nesse processo os professores estão ou não valorizando o dinheiro do salário-educação, imposto relativo à compra de livros pelo MEC, estão tomando decisões que

podem comprometer a educação das crianças. (NUÑEZ *et al.*, 2001, pág. 3).

Este fato, por si só, já justifica e embasa fortemente as razões para este tipo de pesquisa.

No que diz respeito à estrutura do trabalho, segue-se a esta apresentação um capítulo que traz um panorama sobre o LD e sua utilização no EC, bem como aspectos do PNLD. O capítulo 3, referente aos procedimentos metodológicos, descreve o percurso e os instrumentos utilizados ao longo da investigação. Esta seção ainda trata sobre a revisão bibliográfica, a elaboração das entrevistas e a forma com que foram analisados os dados coletados. No capítulo 4, apresento os resultados e a análise das entrevistas obtidas com os oito professores participantes da pesquisa, discutindo as informações trazidas com os dados das referências bibliográficas lidas. Por último, encerro o trabalho com as considerações finais, sugerindo novas questões para reflexão.

2. O LIVRO DIDÁTICO (LD) E O PROFESSOR: ELEMENTOS PARA CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Os livros didáticos e o ensino de Ciências

Antes de falar sobre os LDs e o EC, é necessário caracterizar o que é este artefato tão presente nos processos de ensino-aprendizagem em nossas escolas. Para Martins, Sales e Souza (2009), a definição deste material pode ser dada por:

O livro didático é entendido como um material impresso, estruturado, destinado ao processo de aprendizagem ou formação acadêmica, sendo utilizado de forma sistemática. É possível, a partir daí, distingui-lo de outros livros e materiais escolares, como os textos-base, as antologias e os livros de referência. (MARTINS; SALES; SOUZA, 2009, pág. 13).

O LD é definido como uma ferramenta intelectual, que abriga os saberes individuais ou coletivos. Estes conhecimentos devem ser divulgados, para que possam ser utilizados (ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010). Estes materiais, ainda nos dias atuais, são muito importantes no EC, pois:

Diante de todas as transformações ocorridas no livro didático e do surgimento de novos recursos, provenientes, sobretudo, do mundo digital, um possível arquivamento dos livros didáticos poderia ser pensado como uma questão de tempo, pois o futuro chegaria e transformaria as escolas. Mesmo diante dessa previsão, o livro didático continua a ser um dos principais instrumentos pedagógicos em sala de aula, uma das principais formas de documentação e consulta empregadas por professores e alunos (BRASIL, 2004). (ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010, pág. 266).

De acordo com Macedo (2001) e Lopes (2007), o EC no Brasil é fortemente direcionado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998). Os PCNs balizam não só o EC, como os próprios instrumentos utilizados na sua prática, como os LDs (LOPES, 2007). Estes parâmetros, apesar de serem apenas recomendações, são considerados autoritários e arbitrários por alguns docentes, servindo

como algo regulador e impositivo para o ensino no Brasil (MOREIRA, 2002).

É principalmente da discussão curricular proposta pelos PCNs para o ensino das Ciências que é formulada a maior parte dos LDs. De acordo com Fracalanza (1992), o LD existe como um produto direto das condições do EC no Brasil. Estes materiais tendem a se adaptar às recomendações dos órgãos e entidades governamentais para o ensino das disciplinas escolares, como os PCNs. Assim sendo, os autores das coleções didáticas buscam construir as suas obras da forma mais contextualizada e interdisciplinar possível, seguindo estas recomendações (LOPES, 2007).

Conforme o exposto, a importância do LD no EC é notória. O LD de Ciências constitui-se em um verdadeiro desafio para os autores e professores, pois deve, ao mesmo tempo, abordar conteúdos amplos, sem cair no erro de trazer muitas e desconexas informações, tornando-se algo enciclopédico e descontextualizado a estudantes e docentes. Assim, analisar os LDs de Ciências a partir de um olhar mais atento e critérios definidos como importantes pode ajudar os educadores a repensar o EC.

A análise dos LDs pode comportar diversos aspectos. Segundo estudo de Martins *et al* (2003), as imagens são um elemento importante em um livro. Elas devem:

[...] evocar contextos do cotidiano, e familiares ao universo infantil relacionado aos temas abordados, e ilustrar de forma descritiva objetos, artefatos, cenários que tomam partes nas explicações [...] (MARTINS *et al*, 2003, pág.5).

Mas é importante ressaltar, no contexto do uso de imagens no ensino e aprendizagem das Ciências, que mais importante que utilizá-las é saber ler e interpretá-las, realizando um bom uso das mesmas (CARNEIRO, 1997).

Os LDs sempre apresentaram algumas particularidades nas suas formulações. Amaral (2006) afirma que é necessário chamar atenção para modificações dos LDs ao longo do tempo. Anteriormente eram abordados problemas como a passividade da natureza (subserviência e utilidade ao homem), a demonstração de um cientificismo exagerado (Ciência como a modificadora e controladora da natureza) e a noção fragmentada, parcial e desarticulada de ambiente (tratamento de algo compartimentado e isolado em tempo e espaço). Tais distorções e problemas no discurso científico de LDs sempre contribuíram negativamente para o ensino e a aprendizagem das Ciências naturais. O

trabalho no sentido de reformulação das obras didáticas disponíveis parece vir ao encontro da resolução destes problemas.

A formulação destes materiais didáticos repercutiu negativamente algumas vezes entre os educadores. Bizzo (1988) já afirmava que uma boa parcela das críticas feitas aos LDs de Ciências provinha da estimulação, pelos escritores destas obras, de habilidades rasteiras e superficiais nos estudantes. Ou seja, estes recursos pedagógicos estariam estimulando nada mais que a memorização de seus conteúdos. A memorização, segundo o autor, vem quase sempre acompanhada da desatualização destes conteúdos e dos próprios conceitos das obras, o que constitui outro grave problema na educação científica.

Outro aspecto importante quando pensamos no LD e o EC é aquele enunciado por Megid Neto e Fracalanza (2006): o LD de Ciências atual apresenta uma visão de Ciência dogmática, positivista, inquestionável e pronta. Os autores chamam a atenção para a importância e o peso deste fator no uso dos LDs em sala de aula pelos professores e alunos, questionando radicalmente sua importância dentro das escolas e a política pública que o sustenta:

Ora, com tudo isso, podemos nos interrogar: para que livro didático com esse modelo e essa qualidade atuais? Será que é possível elaborar alguma coleção didática que seja coerente não somente com o conhecimento científico e seus métodos de produção, mas também com as diretrizes e orientações curriculares de cada época? Não seria mais prudente abandonar o modelo em vigência de livro didático, ou pelo menos abandonar o investimento de recursos públicos na sua aquisição e distribuição pelas escolas públicas brasileiras, e investir em outros caminhos, em outros materiais e recursos para apoiar o trabalho pedagógico de professores e alunos? (MEGID NETO; FRACALANZA, 2006, pág. 166).

Muitas pesquisas apontavam que este era o panorama do LD de Ciências na educação no Brasil em um passado recente. Felizmente parece que a realidade atual é algo diferente do anteriormente constatado. Muito desta mudança deve-se ao desenvolvimento das pesquisas relacionadas ao conteúdo e uso destes materiais e uma conseqüente modificação nos critérios de compra deste material dentro da política pública que diz respeito ao LD.

Analisar a relação que o docente estabelece com o LD é outro aspecto importante da temática acerca do LD na escola. É o que faço no próximo item, trazendo pesquisadores que tratam do tema em suas investigações.

2.2. A atuação docente relacionada ao livro didático de Ciências

O LD de Ciências está bastante presente nas escolas desde a década de 1970. O acesso fácil e custeado pelo poder público a este material, segundo Silva e Trivelato (2000), parece ser uma razão plausível para este fato. A forte presença destes livros nas escolas torna evidente, mais uma vez, a necessidade de averiguação da atuação docente relacionada à utilização destes materiais.

A relação dos professores com este recurso pedagógico vem mudando ao longo do tempo. Segundo Megid Neto e Fracalanza (2006), os LDs estão sendo adaptados e adotados de formas e estratégias diferentes pelos professores de Ciências. Há algum tempo atrás, contudo, como identificado por Delizoicov (1995), o LD foi muitas vezes o único recurso:

Dada às condições precárias e ao descaso com que é tratada a educação no Brasil, pode-se inferir que grande parte dos professores deve estar simplesmente reproduzindo os conteúdos dos livros didáticos, particularmente aqueles que trabalham nos estados e municípios mais pobres e distantes dos grandes centros da nação onde, para professores e alunos o livro didático é, senão a única, no mínimo a principal fonte disponível para buscar-se o conhecimento sistematizado. Para além disso, dada as características da população que frequenta a escola pública de hoje, o livro didático é para muitos o único livro a que eles têm acesso. [...] (DELIZOICOV, 1995, pág. 17)

Concordo com Cassab e Martins (2003), que ao analisar o LD no trabalho dos professores confere sentido à utilização deste recurso didático no EC:

[...] Nesta perspectiva, tomamos o professor como detentor de um saber que precisa ser valorizado tanto na avaliação dos livros didáticos existentes quanto na elaboração de futuros, pois ao escolher

o material educativo o professor representa também em sua seleção os sentidos que ele atribui a sua prática profissional, à aprendizagem da ciência, à natureza da ciência e ao seu alunado. Saberes que precisam ser compreendidos, problematizados e valorizados. Em suma, ao discutirmos quais sentidos o professor atribui ao livro didático, discutimos também quais imagens o professor tem de si mesmo; quais imagens ele tem do lugar social que ocupa; qual imagem de aluno e qual imagem de ciências e ensino de ciências ele detém. (CASSAB; MARTINS, 2003, pág. 1).

Para estas autoras, os docentes que trabalham com LDs costumam avaliar a linguagem-escrita (texto) e a linguagem-visual (representações gráficas) e as consideram de grande importância. Estes professores pensam nas mesmas como contempladoras da linguagem do estudante, ainda com dever de ampliá-la ao invés de oferecer obstáculos. O estímulo e a motivação nos alunos é fator determinante para os professores usarem este material em seus trabalhos em sala de aula (CASSAB; MARTINS, 2003; 2008).

Segundo Maffia *et al* (2002), o LD de Ciências parece estar deixando de ser a única fonte de trabalho nas escolas e assumindo status de material auxiliar – ou seja, complementar às ações docentes e aos demais materiais – nas aulas de Ciências. Este fenômeno vem ocorrendo porque os LDs estão apresentando erros conceituais pontuais, relativos à apresentação dos conteúdos e conceitos abordados e à estrutura textual presente, além de problemas com impressão (qualidade do papel), diagramação e as figuras utilizadas. Os professores sensíveis a estes pontos estariam relativizando o uso do LD.

Outros aspectos estão sendo também observados pelos docentes na adoção e utilização de LDs nas aulas de Ciências. Obedecer a critérios como a flexibilidade curricular, interdisciplinaridade, contextualização e adequação à realidade local dos estudantes também se torna um grande desafio para as obras, o que faz professores de Ciências adotarem os LDs de forma parcial, utilizando o que julgam bom neste material e adequando-os às próprias realidades de trabalho (MAFFIA *et al*, 2002; MEGID NETO; FRACALANZA, 2006).

Uma solução para melhor adequação dos LDs de Ciências às práticas docentes, segundo Maffia *et al* (2002), pode ser a participação mais ativa dos professores na elaboração de critérios para seleção e

trabalho com estes materiais. Segundo estes autores, o professor que pensa as formas de uso dos materiais desenvolve uma criticidade mais aguçada e foge do senso comum. Desta forma, o docente de Ciências pode se preocupar com aspectos como a contextualização, a interdisciplinaridade e o estímulo pelo interesse no ensino das Ciências, o que nem sempre acontece como seria desejável.

Para Fracalanza (2005), há um interessante paralelo entre as adequações de professores e LDs aos currículos escolares, sejam estes em nível Fundamental ou Médio. O autor argumenta que todos os saberes e conhecimentos científicos apreendidos no Ensino Superior – ou seja, durante a formação inicial dos docentes – tornam-se inócuos ou esquecidos por não possuírem nexos ou se apresentarem incompletos quando precisam ser transpostos aos LDs ou utilizados na atividade docente relacionada ao ensino escolar de Ciências. Em outras palavras, é como se este saber erudito encontrasse dificuldades para se transformar em saber a ser ensinado na disciplina escolar de Ciências, o que por sua vez potencialmente dificulta o ensino desta disciplina em um ambiente escolar.

Alguns autores ainda verificam que o professor é muitas vezes agente passivo no trabalho com o LD, tendo sua prática restrita ou limitada a ele (DELIZOICOV, 1995; CARNEIRO; SANTOS; MÓL, 2005; FRACALANZA, 2006; LOPES, 2007; SILVA; SOUZA; DUARTE, 2009; ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010). Verifica-se neste caso uma situação onde, para o docente, o bom livro é aquele que existe para contemplar os currículos propostos e obedecer a padronizações, o que muitas vezes não é um fator positivo para o ensino-aprendizagem.

Um dos problemas é justamente o excesso de padronizações e fragmentações de conteúdos, o que não contribui para despertar o interesse dos estudantes. E como não questiona o material que tem em mãos, muitas vezes, este professor não consegue ver uma possível relação entre a (falta de) qualidade destes livros e as dificuldades cognitivas dos seus estudantes (FRACALANZA, 2006; ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010).

Tardif (2012) alerta para o fato do professor não possuir domínio e poder de seleção sobre o conteúdo que leciona aos seus alunos. Quando este docente segue um currículo pré-determinado por um LD adotado para o ensino em suas turmas, na verdade, está atuando como um mero transmissor ou reproduzidor do saber alheio. Porém, se os livros possuem um conteúdo padronizado, o mesmo não se pode dizer de diferentes professores de Ciências, pois cada docente transpõe para a sua

prática profissional aquilo que carrega de experiências e histórias de vida – ou seja, aquilo que é como pessoa. Assim, podemos dizer que, se os LDs podem ser todos iguais, os professores de Ciências não o são.

A grande crítica feita por Silva, Souza e Duarte (2009), e acompanhada por mim, nestes casos, é a questão da preparação do professor de Ciências para que o mesmo saiba escolher e trabalhar com LDs, sem tornar-se dependente dos mesmos. Silva (1983) e Ferreira (2000) frisam que o LD, por si só, não garante uma boa educação. Nas palavras de Echeverría, Mello e Gauche (2010), muitas vezes os professores não sabem explicar porque trabalham com este ou aquele LD e nem por qual razão ensinam os conteúdos propostos por aquela coleção. Vê-se claramente nestes casos que o livro atua como um limitador da prática do professor – e, por consequência, do EC nas escolas e turmas em que este docente leciona.

Maffia *et al* (2002) associam a qualidade do EC com uma boa seleção e uso dos LDs, complementada por outros recursos. A capacitação dos docentes parece ser uma boa maneira para se trabalhar de forma parcimoniosa com os LDs. Esta medida envolve atitudes como a formação continuada e a melhora das condições econômicas dos professores, para compra e uso de outros materiais e recursos didáticos (MAFFIA *et al*, 2002; FRACALANZA, 2005; SILVA; SOUZA; DUARTE, 2009).

Nas palavras de Lopes (2007), o LD é um “mal necessário” no EC, ou seja, seu uso não pode ser descartado. O problema em alguns casos é quando o professor que possui uma formação deficiente acaba se apoiando em excesso neste material para ensinar as Ciências aos estudantes. Por outro lado, também é verdade que um professor bem formado sabe selecionar melhor os LDs com que vai trabalhar (LOPES, 2007). No mesmo sentido, Carneiro, Santos e Mól (2005), afirmam que qualquer LD pode ser utilizado no EC, desde que o professor possua consciência dos defeitos presentes nesta obra e os discuta com seus estudantes.

Delizoicov (1995) contribui para o tema ao analisar a postura dos professores em relação ao LD de Ciências. Este aspecto foi abordado pela autora no âmbito de um estudo mais amplo que examinou também concepções de ensino e aprendizagem, de saúde e doença e desvelamento do currículo oculto por professores de Ciências. Com base nestes aspectos a autora identifica três grupos: os professores não transformadores, professores em transição e professores transformadores. Guardadas as proporções, e para os objetivos deste estudo, podemos identificar os três tipos de relação professor-LD. O

primeiro perfil de docentes é uma categoria que a autora descreve como fortemente relacionados com os LDs, adotando-os como norteadores de toda e qualquer ação em sala de aula, junto aos alunos. Os professores em transição são profissionais que ainda associam fortemente o LD de Ciências às suas práticas pedagógicas, mas já apresentam algum grau de independência do mesmo. A autora ainda defende que o uso de formas alternativas de trabalho, diferentes do LD, deve ser introduzido a partir do estímulo de uma consciência crítica e uma melhor capacitação dos profissionais:

Necessário se faz dar condições efetivas aos professores para que possam abandonar o livro didático. Apenas oportunizar a eles tomarem consciência das fragilidades do livro e abandoná-los, muito pouco se contribuirá para a superação da situação relativa ao uso do livro didático. (DELIZOICOV, 1995, pág. 87).

O último grupo identificado pela autora é o dos professores transformadores, que possuem uma postura crítica e reflexiva em relação ao LD, abandonando ou relativizando a utilização dos mesmos como auxiliares, quando estes colaboram no ensino e aprendizagem das Ciências Naturais. Ainda segundo Delizoicov (1995), a questão dos professores como meros reprodutores dos conteúdos dos LDs era um sério problema a ser vencido, ainda mais num contexto em que se visualizavam confusões e erros grosseiros na edição destas obras didáticas. Os resultados desta investigação, conforme será abordado no capítulo 4, mostram que os professores de Ciências participantes desta pesquisa parecem ter desenvolvido certa autonomia e independência do LD, utilizando o material em momentos ou atividades pontuais de suas aulas.

É interessante ainda mencionar, em relação às críticas e preferências dos professores de Ciências relativas aos LDs que utilizam para trabalhar em sala de aula, que os docentes – principalmente os do Nordeste do Brasil – reclamam que o livro trata sua região com algum preconceito, referindo-se à mesma como em desvantagem social, política ou econômica (TOLENTINO-NETO; BIZZO; SANO, 2002). Outras constatações interessantes, trazidas pelos autores, estão relacionadas à preferência dos professores pesquisados neste trabalho por livros com figuras chamativas e coloridas, com fotos no lugar de esquemas e desenhos. Em relação aos textos, os professores preferem trabalhar com os livros que apresentam passagens mais curtas e de fácil

leitura para os alunos. Os exercícios e experiências propostos pelos autores dos livros são raramente aplicados pelos professores, pois os mesmos envolvem grande complexidade ou planejamento, o que nem sempre é possível, devido à carga de trabalho (TOLENTINO-NETO; BIZZO; SANO, 2002)

Após este panorama sobre o LD, o EC e a prática docente, faz-se necessário discorrer brevemente sobre políticas públicas para o livro didático no Brasil, pois permeando a prática docente e sua relação com o LD de Ciências, está um programa federal de avaliação, compra e distribuição de obras didáticas para escolas de ensino público no Brasil.

2.3 Políticas públicas para o Livro Didático e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

As décadas de 1980 e 1990, no século passado, trouxeram grandes inovações econômicas, políticas e educacionais ao Brasil. Vimos, por exemplo, a criação de medidas como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e a criação dos PCNs (FERREIRA, 2000; MACEDO, 2001; BOER; MORAES, 2006), como parâmetros para guiar o ensino das disciplinas escolares em nosso país.

Estas mudanças e implantações de instrumentos normatizadores foram promovidas no início do plano Real pelas exigências externas de nossos investidores – como o Banco Mundial, o principal financiador externo da educação no país. Essas mudanças ocorreram pela crescente demanda econômica em se criar um sistema de avaliação da educação no país (FERREIRA, 2000; MACEDO, 2001).

Ainda, segundo Boer e Moraes (2006), anteriormente a estes fatores, o surgimento da Constituição Federal de 1988 foi um processo bastante importante neste quadro:

[...] No entanto, a justificativa para a elaboração dos PCNs baseou-se no Artigo 210, da Constituição de 1988, que determina como dever do Estado fixar conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, tendo em vista assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. [...] (BOER; MORAES, 2006, pág. 292).

Atualmente, no Brasil, existem muitas políticas públicas para o desenvolvimento da Educação. Hoffling (2000) afirma que é dever do poder público fornecer material didático, transporte, merenda escolar e

assistência às crianças em idade escolar. Outro exemplo de programa de apoio e assistência a educação é o programa Bolsa-Família, criado pelo Governo Federal, que distribui renda e ajuda famílias carentes que mantêm suas crianças, em idade escolar, regularmente matriculadas e estudando em escolas. Este programa foi estabelecido pelo Projeto de Lei nº 10.836, de 09/01/2004, e continua em vigor até os dias atuais.

Diretamente relacionado ao objeto livro didático, existe o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Este programa foi instituído pelo Decreto nº 91.542, de 19/08/85, tornando-se o maior programa de compra e distribuição de LDs do mundo (BRASIL, 1985). Segundo dados da própria página do programa (BRASIL, 2012), no ano de 2010 foi investido mais de um bilhão de reais para compra, avaliação e distribuição de LDs em 2011. Foram beneficiados quase trinta milhões de estudantes em todo o país.

O governo federal possui políticas públicas para distribuição e compra de LDs desde meados do século XX (HÖFLING, 2000; ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010; BAGANHA; GONZALEZ; BOAL, 2011). Além do governo central, alguns estados como São Paulo, Minas Gerais e Paraná assumem a responsabilidade pela compra e distribuição de LDs às escolas e seus estudantes (BIZZO, 2000b; BAGANHA, GONZALEZ; BOAL, 2011).

Em se tratando da melhora da qualidade dos LDs adquiridos pelos governos, não é exagero dizer que um dos grandes propósitos da avaliação destas obras no PNLD atende a este fim. As denúncias dos pesquisadores da área da educação sobre a baixa qualidade destes materiais pressionaram o poder público a criar as comissões que avaliam a qualidade dos LDs (BIZZO, 1996).

Quando se fala nos LDs de Ciências no Brasil, logo surge a questão da verificação do teor e da qualidade dos mesmos. A avaliação institucional do LD, promovida pelo Ministério da Educação (MEC), começou no ano de 1994, analisando itens como o projeto gráfico (diagramação, formatação, imagens e texto) das obras, os aspectos teórico-metodológicos e o manual do professor em livros de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (AMARAL, 2006). Antes destas avaliações institucionais, o professor de Ciências na escola realizava a escolha dos LDs com que iria trabalhar sem consultar um guia ou uma lista qualquer do MEC, ou seja, os materiais didáticos não eram pré-selecionados por nenhum órgão ou instituição governamental, como estão sendo hoje em dia (FERREIRA, 2000).

Atualmente, no Brasil existe o PNLD para apoiar as ações educativas em sala de aula e dar suporte ao trabalho dos professores

junto aos alunos. Este programa é uma ação do Governo Federal, que avalia, compra e distribui LDs a alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio em todo o país, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão ligado ao MEC.

El-Hani, Roque e Rocha (2011) exaltam a magnitude do PNLD quando conferem importância à distribuição gratuita de LDs a estudantes de escolas públicas. Para Cassiano (2004), o PNLD é um programa que universaliza o acesso ao LD e garante seu acesso a todos os estudantes da educação básica no Brasil. Podemos também afirmar que o LD vai ser muitas vezes o único material que a maioria da população tem acesso para leitura e estudos durante toda a sua vida:

No Brasil, esse tipo de livro é o único que a maioria da população brasileira conhece ao término da escola básica. Geralmente, o indivíduo perde contato com a leitura. Assim, esse livro se constitui, em relação a outros, em poderosa ferramenta política, ideológica e cultural, pois reproduz e representa os valores da sociedade quanto à visão da ciência, da história, da interpretação de fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento. (MARTINS; SALES; SOUZA, 2009, pág. 17).

A trajetória das políticas públicas relativas ao LD no Brasil remete à primeira metade do século XX no Brasil, quando no Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1938, através do Decreto-Lei 1.006, criou-se a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) (MARTINS, SALES & SOUZA, 2009). Em seguida, em 1945, pelo Decreto-Lei 8.460, o Estado passou a ter controle sobre o processo de adoção de livros para distribuição nas escolas. Já em 1967, é criada a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), com o propósito de produzir e distribuir livros e demais materiais didáticos às escolas, mas esta fundação não conseguiu sustentar sozinho este trabalho, tendo que estabelecê-lo em conjunto com outras editoras (HÖFLING, 2000; NUÑEZ *et al.*, 2001; HÖFLING, 2006; ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010).

No ano de 1972, ao ser criado o Instituto Nacional do Livro (INL), o trabalho em parceria com as editoras foi formalizado. Um pouco mais tarde, em 1983, foi criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que instituiu o Programa do Livro Didático (PLD) e enviava os LDs aos professores sem consultá-los. Já em 1985, o PLD foi transformado no PNLD, através do Decreto-Lei 91.542 (BRASIL,

1985), instituindo uma ação de compra e distribuição de LDs das séries do então 1º Grau a partir da solicitação dos professores deste nível (BIZZO, 2000b). Por fim, em 1997, a FAE foi extinta e foi criado o FNDE, órgão ao qual o PNLD continua até hoje vinculado (HÖFLING, 2000; NUÑEZ *et al*, 2001; HÖFLING, 2006; ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010). Um esquema resumido da trajetória destas políticas no tempo se encontra na Figura 1.

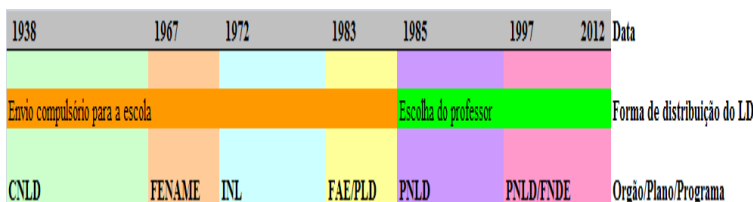


Figura 1. Resumo da trajetória das políticas públicas relativas ao livro didático no Brasil ao longo do tempo.

Antes da existência do PNLD, a escolha do LD cabia apenas à FENAME, que decidia quais livros editar e distribuir às escolas. Estas, por não terem solicitado os materiais que chegavam, muitas vezes acabavam por não utilizá-los. Para Ferreira (2000), o PNLD conferiu uma grande importância ao trabalho dos autores, dos editores e dos avaliadores dos LDs – estes últimos organizados em comissões de trabalho formadas pelo MEC.

As mudanças no processo de análise e seleção dos livros dentro do PNLD não foram sempre pacíficas: a instituição das comissões de avaliação criou inicialmente um clima de mal estar entre os avaliadores das obras e os autores dos LDs. Os editores de LDs chegaram a publicar cartas chamando as comissões de arbitrárias, sem critérios e autoritárias em seus julgamentos (FERREIRA, 2000; HOFFLING, 2000; CASSIANO, 2004).

De forma breve e resumida, podemos dizer que o PNLD funciona através da escolha de livros pelos professores das escolas a partir de um guia elaborado pelo MEC. Cada componente curricular possui seu guia específico e a seleção do material didático que compõe o guia de livros distribuídos pelo governo é feita por uma comissão de especialistas. Antigamente esta comissão era selecionada e coordenada diretamente pelo MEC. Hoje, a seleção e a montagem da comissão são feitas através de edital. A comissão, depois de formada, realiza a avaliação e atribui as notas e os pareceres aos LDs inscritos no programa.

É preciso ressaltar que a avaliação de LDs passou a ocorrer porque os especialistas que pesquisavam e analisavam a qualidade destes materiais denunciavam através de suas pesquisas a baixa qualidade das obras e o montante de dinheiro investido pelo governo na compra destas coleções (BIZZO, 1996; CASSIANO, 2004). O LD é, antes de tudo, “um produto industrial como qualquer outro. Sua produção e consumo só podem ser plenamente compreendidos se inseridos dentro da lógica de reprodução do capital no sistema capitalista” (FERREIRA, 2000, pág. 193), o que justifica em parte a necessidade que o governo sentiu de avaliar e classificar produtos que comprava. Mohr (1995) e Bizzo (1996) chegaram a comparar a distribuição de materiais didáticos ruins ao ato de servir merenda escolar estragada aos estudantes.

Höfling (2000) e Bizzo (2000b) alertam sobre as editoras que publicam e vendem LDs ao governo, no âmbito do PNLD: deve-se sempre ter em mente que as editoras são as instituições mais organizadas, dentre todos os envolvidos no PNLD. E para as editoras, um bom livro é o que vende mais, não aquele que é melhor formulado (BIZZO, 1996). Essa afirmação demonstra uma preocupação secundária com a qualidade dos materiais no momento anterior ao das avaliações das coleções distribuídas às escolas.

O LD, segundo Cassiano (2004), é o produto de maior rentabilidade para as editoras. Em 1995, Mohr já mencionava que o MEC era o maior comprador de livros das editoras, mostrando o peso do LD no setor livreiro:

De acordo com esta publicação no ano de 1991, a categoria 1º grau representava, em termos de títulos editados, 19,74% (2.294 títulos) do total publicado naquele ano (11.620 títulos), só perdendo para a literatura infanto-juvenil (20,07% com 2.332 títulos). Segundo a tiragem, os livros didáticos de 1º grau representavam a maior fatia do mercado editorial brasileiro (44,94%), significando um volume de 90.030.121 do total de 200.343.752 exemplares. (MOHR, 1995, pág. 8).

Atualmente, os dados relativos aos anos de 2009 e 2010, obtidos junto ao Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL, 2012), corroboram a importância e a participação do governo na compra de LDs, conforme mostra a Figura 2. A porcentagem da venda de LDs dentro do mercado de livros vendidos no Brasil é de cerca de

45,72%. A diferença para o segundo colocado – os livros com temática religiosa, com 10,30% do mercado – é de mais de 30%.

Subsetor Didáticos 2009-2010			
	2009	2010	Var. %
Títulos	11.418	14.637	28,19
Exemplares Produzidos Total	194.866.827	230.208.962	18,14
Faturamento Total (R\$)	1.795.796.505,25	2.102.178.508,83	17,06
Mercado	1.077.409.144,66	1.102.340.882,22	2,31
Governo	718.387.360,59	999.837.626,61	39,18
Exemplares Vendidos Total	175.577.067	202.658.992	15,42
Mercado	50.963.543	58.278.373	14,35
Governo	124.613.524	144.380.619	15,86

Figura 2. Quantidade e valores dos livros didáticos vendidos ao governo e dentro do mercado nos anos de 2009 e 2010 no Brasil (Dados obtidos do Sindicato Nacional de Editores de Livros – SNEL, 2012).

O PNLD é um programa muito importante também se considerarmos as altas cifras financeiras nele envolvidas (HÖFLING, 2000). No ano de 2006, por exemplo, o investimento neste programa foi de quase 564 milhões de Reais. Em 2007, foram gastos 661 milhões de reais. Em 2007, o PNLD comprou mais de 110 milhões de livros para serem utilizados no ano letivo de 2008 (BRASIL, 2008). Höfling (2006) ainda afirma que os recursos envolvidos, assim como a quantidade de livros distribuídos e alunos atendidos pelo PNLD são números crescentes ao longo do tempo.

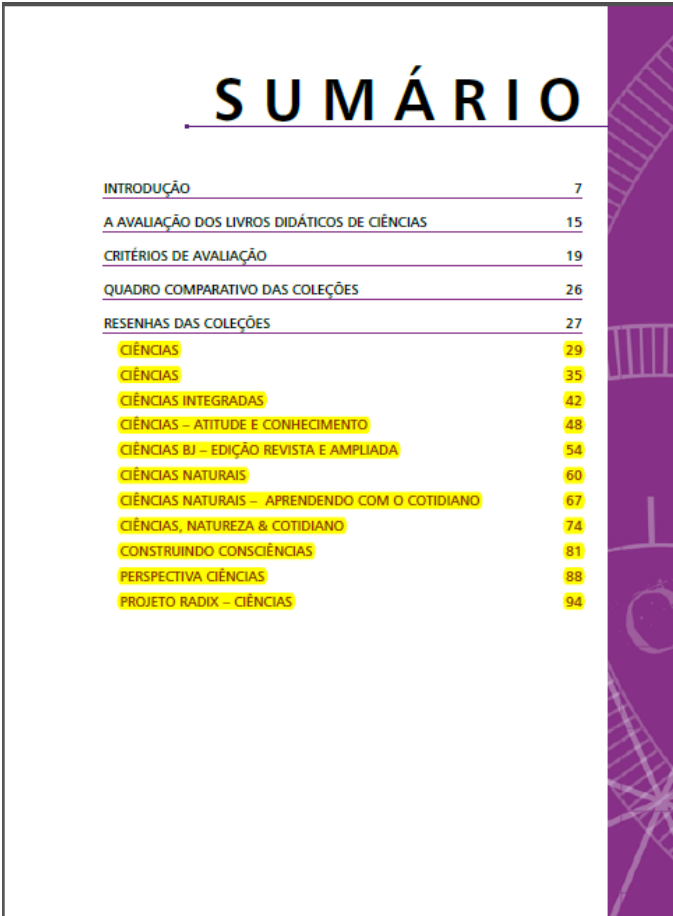
Ainda para Höfling (2000), o PNLD, enquanto um programa federal no Brasil, deve ser descentralizado como um todo. A autora dá ao termo descentralização o significado de transferência de poder de decisão, competências, atribuições e recursos entre as diferentes esferas e governo. Esta afirmação faz total sentido num país de dimensões continentais como o Brasil, onde cada local possui uma diferente realidade sócio-econômica, o que às vezes torna inadequado ou impossível logisticamente um LD de Ciências ser utilizado igualmente para as regiões sul e nordeste do país. Desta forma, a opção por LDs deve passar pelas realidades locais (município), até chegar em nível de governo federal, onde o livro é comprado e distribuído (HÖFLING, 2000).

Em relação à importância do PNLD enquanto um programa avaliativo das obras didáticas disponíveis, esta fica clara quando as avaliações permitem que as editoras recebam um parecer dos avaliadores, através das notas atribuídas em um documento oficial, e possam pensar e realizar algumas reformulações das propostas e dos temas de suas obras, visando a melhoria das mesmas (SILVA; TEIXEIRA; JUCÁ-CHAGAS, 2006; LEÃO; MEGID NETO, 2006). O fato disto ocorrer também pode, potencialmente, ocasionar uma melhora por parte dos autores em seus LDs, procurando com que os mesmos atendam aos critérios e sejam sempre mais atrativos e melhores vistos pelos seus avaliadores e também pelos professores da rede pública. No entanto, o PNLD não busca este propósito de servir às editoras (instituições privadas), mas sim à própria educação pública no Brasil.

As comissões que leem e analisam as obras didáticas elaboram pareceres sobre as coleções apresentadas pelas editoras para concorrência no edital do PNLD. Estes pareceres são formulados ao final do trabalho das comissões de avaliação. Como resultado deste trabalho de avaliação e, de acordo com os critérios estabelecidos pela comissão avaliadora das obras, é elaborado um material de apoio aos professores: o Guia de Livros Didáticos (GLD) (BRASIL, 2008; BRASIL, 2011).

Este documento¹ apresenta os títulos das coleções analisadas e disponibilizadas para seleção pelos professores de Ciências da rede pública de ensino. No GLD de 2011 (BRASIL, 2011), por exemplo, onze diferentes volumes de Ciências eram apresentados na edição (Figura 3). Este Guia ainda apresenta uma avaliação geral sobre os LDs de Ciências, um capítulo sobre os critérios utilizados para avaliação das obras, uma lista das coleções didáticas excluídas do PNLD por avaliação negativa (conforme caracterizada por BIZZO, 2000b) e um esquema em forma de quadro, com uma escala de tons de cor para comparar as coleções, em relação aos critérios estabelecidos.

1. Chamo este Guia de documento baseado na definição de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), que consideram documento qualquer registro ou material escrito, que comprove um fato ou acontecimento.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A AVALIAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS	15
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	19
QUADRO COMPARATIVO DAS COLEÇÕES	26
RESENHAS DAS COLEÇÕES	27
CIÊNCIAS	29
CIÊNCIAS	35
CIÊNCIAS INTEGRADAS	42
CIÊNCIAS – ATITUDE E CONHECIMENTO	48
CIÊNCIAS BJ – EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA	54
CIÊNCIAS NATURAIS	60
CIÊNCIAS NATURAIS – APRENDENDO COM O COTIDIANO	67
CIÊNCIAS, NATUREZA & COTIDIANO	74
CONSTRUINDO CONSCIÊNCIAS	81
PERSPECTIVA CIÊNCIAS	88
PROJETO RADIX – CIÊNCIAS	94

Figura 3. Página 7 do Guia de Livros Didáticos de 2011 (adaptado de BRASIL, 2011), apresentando as onze coleções didáticas (destacadas), incluídas e analisadas no volume deste ano.

Cabe ao professor da escola pública o papel de analisar e escolher um volume nesse guia de livros e fazer o pedido ao FNDE. Este Guia é atualizado e renovado a cada três anos para cada componente curricular, e serve de base para os pedidos de livros por professores. Nuñez *et al* (2003) afirmam que a seleção de bons materiais didáticos para as escolas se faz importante a partir do momento em que o mercado editorial apresenta uma grande oferta de LDs, alguns com qualidade superior a outros. Em minha opinião, esta é a principal importância dos

trabalhos de análise de LDs: a averiguação da qualidade dos materiais disponibilizados pode auxiliar a melhoria do processo de ensino-aprendizagem das Ciências e fornecer subsídios ao professor para a escolha de seus livros.

Silva, Souza e Duarte (2009) afirmam ainda, que apesar de se destinar totalmente aos professores, para seleção de LDs em suas turmas de Ciências nas escolas, muitas vezes o Guia não é conhecido por alguns docentes. Os critérios na avaliação das obras didáticas também não são os mesmos utilizados pelos professores que selecionam os livros escolares (MAFFIA *et al*, 2002) ou ainda este Guia não é utilizado pelos mesmos para orientação e auxílio na escolha do LD (ZAMBON *et al*, 2011).

Tais constatações são muito comuns nos resultados de pesquisa da área e chamam a atenção para o seguinte aspecto: até que ponto a qualidade e a avaliação institucional realizada pelos órgãos de educação no Brasil são considerados pelos professores de Ciências para seleção e uso de LDs em suas aulas na disciplina? Nuñez *et al* (2001) destacam que a seleção de LDs de Ciências vai além do momento da escolha destes materiais pelos professores estudos:

O professor deve estar preparado não só para selecionar os livros de uma "lista" organizada por "especialistas", como também para saber lidar com os erros presentes nos livros ao alcance de seus alunos. Não todos os livros excluídos pelo MEC deixaram de circular pelas escolas. Muitos deles ainda são parte do acervo bibliográfico das escolas e de uso das crianças. Essa situação mostrou que a questão do livro didático ultrapassa a seleção, para incorporar também a preparação do professor para trabalhar com esse material, capacitado para participar como profissional, com seus saberes, competências, nessa atividade, que não pode ser delegada com exclusividade a um grupo de profissionais monopolizadores de saberes específicos. Aos professores tem que ser dada oportunidade de dominar esses saberes se é desejável que o trabalho com o Livro Didático para Ensinar Ciências se transforme numa atividade profissional do professor. (NUÑEZ *et al*, 2001, pág. 8).

Ferreira (2000) destaca que talvez esteja havendo um esforço vazio do governo em avaliar e oferecer melhores LDs para escolha dos

professores quando estes não os selecionam ou utilizam os mesmos com empenho e atenção nas suas atividades docentes. O que está em questão neste ponto é uma potencial passividade do professor ao longo de todo o processo de seleção do LD. Fica evidente que o professor poderia – e deveria – ser mais importante nesta etapa. Parece que o GLD é algo desinteressante para o professor de Ciências porque não foi formulado com sua ajuda e empenho. Ou seja, parece que o MEC assume totalmente para si a responsabilidade pela avaliação e seleção dos materiais didáticos, cabendo ao professor que atua nas escolas apenas escolher entre uma das boas opções dadas a ele pela comissão de avaliadores formada pelo MEC (NARDI, 1999).

Mesmo assim é importante que os professores de Ciências conheçam as diversas opções de obras com que podem trabalhar, a partir da leitura deste guia. Assim como também é importante lembrar o já explicitado que um bom LD, por si só, não garante uma boa educação e formação:

Também de pouco adiantará os manuais selecionados e enviados pelo MEC estarem de acordo com os parâmetros curriculares oficiais, sintonizados com os últimos avanços e teses acadêmicas ou “limpos” de erros conceituais, indução a erros, insuficiências metodológicas, preconceitos ou discriminações, se não se levar em conta o uso que o professor fará dele. (FERREIRA, 2000, pág. 196).

Segundo Maffiaet *al* (2002), O GLD deve chegar às escolas e aos professores com alguma antecedência, para que estes, junto aos colegas de disciplina e coordenadores das unidades escolares, possam ler este material atentamente e refletir sobre o ato de pesquisar e selecionar as suas obras para trabalho na escola. Mas alguns professores podem se sentir desestimulados a ler o GLD para escolher o LD com que vão trabalhar, pois terão sua escolha barrada ou preterida, seja por questões políticas ou organizacionais das suas redes de ensino (TOLENTINO-NETO; BIZZO; SANO, 2002).

A formação de comissões que trabalham na avaliação dos materiais didáticos teve início em meados da década de 90, no trabalho com livros de Ciências, Matemática, Português e Estudos Sociais no ciclo da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental (NARDI, 1999). Estas equipes que avaliavam os LDs eram compostas por professores da disciplina analisada, a maioria deles atuantes em universidades públicas brasileiras e indicados às comissões por estas instituições (LEÃO;

MEGID NETO, 2006; EL-HANI; ROQUE; ROCHA, 2011). No final da década de 1990, foi formada a primeira comissão de avaliadores das obras de 5ª a 8ª séries. Esses grupos de trabalho foram criados visando uma melhoria na qualidade dos materiais didáticos:

Por outro lado, as pesquisas acadêmicas têm apontado graves deficiências nos manuais escolares, revelando que eles reforçam estereótipos e preconceitos raciais e sociais, mitificam a ciência, favorecem o desenvolvimento de noções científicas equivocadas parcial ou totalmente, não abordam de maneira adequada aspectos fundamentais do ensino na área de Ciências Naturais. (LEÃO; MEGID NETO, 2006, pág. 35).

A análise das obras didáticas segue padrões e normas estabelecidas por cada grupo de trabalho formado nas comissões de avaliação. Para isso, os avaliadores estabelecem critérios de análise. A comissão formada em 2001, por exemplo, que avaliou livros de Ciências de 1ª a 4ª série, trabalhou com critérios eliminatórios como “conceitos e informações incorretas”, “incorreção e inadequação metodológicas”, “prejuízo à construção da cidadania” e “riscos à integridade física do aluno” (LEÃO; MEGID NETO, 2006).

Na avaliação da comissão descrita por Bizzo (2000a), os livros eram classificados dentro de algumas categorias de recomendação, de acordo com a nota atribuída em suas avaliações, como “recomendados com distinção”, “recomendados”, “recomendados com ressalvas” ou “excluídos”, sendo que as obras constantes desta última categoria eram eliminadas do Guia, por apresentarem qualidade muito questionável. Segundo El-Hani, Roque e Rocha (2011), o principal motivo para exclusão das obras didáticas do GLD pela comissão de avaliação ainda é a incorreção conceitual, seja esta na forma de texto ou imagens (EL-HANI; ROQUE; ROCHA, 2011).

Bizzo (2000b) afirmava que os livros distribuídos às escolas já não possuíam ou possuíam menos erros graves que aqueles anteriores a este trabalho desenvolvido dentro do PNLD. Problemas como o estímulo ao preconceito, erros conceituais graves, afirmações e/ou instruções equivocadas e riscos à integridade física do aluno ou professor já não eram observados nas obras que chegavam às escolas, pois estes livros já passaram a ser automaticamente excluídos da listagem final de obras disponíveis no GLD (BIZZO, 2000b).

A criação destas comissões de avaliação dos LDs pelo MEC aproximou os autores dos LDs e educadores, fazendo com que as partes se ouvissem, interagissem e entendessem melhor as demandas uma da outra. Este fato propiciou uma melhora das obras e também o estabelecimento de um padrão de qualidade dos LDs no Brasil, de uma maneira geral (BIZZO, 2000a; EL-HANI; ROQUE; ROCHA, 2011).

2.4 Escolha e uso dos livros didáticos pelos professores

Com o exposto anteriormente, fica clara a importância do GLD no momento da escolha do LD. É através deste material que os professores das escolas selecionam os livros com os quais irão trabalhar durante o ano letivo escolar. Mas, segundo El-Hani, Roque e Rocha (2011), nem sempre a escolha do LD é uma decisão que cabe apenas ao professor da disciplina e a logística do PNLD colabora muito com este fato.

Em relação aos processos de escolha do LD, segundo Silva (1983) a seleção e produção dos LDs ocorriam muitas vezes sem a participação efetiva do professor. Em minha opinião este é um problema grave, pois o protagonismo dos docentes deveria estar presente nestas etapas. Segundo a autora, o professor era uma figura ausente dos momentos de escolha e até da formulação dos LDs principalmente pela falta de capacitação e formação para atuar ativamente nas tarefas de elaboração e escolha destes materiais. Um critério básico, ainda na visão da autora, seria transformar todo este processo num momento educativo e formativo também aos docentes, visando aproximá-los mais destas atividades.

As esferas municipais e estaduais do poder público também podem interferir nas relações dos docentes com este programa do governo federal, principalmente quando enviam outros materiais diferentes daqueles solicitados pelas escolas ou quando, pelas normas do PNLD, assumem a responsabilidade da seleção dos LDs, papel que caberia apenas ao professor (EL-HANI; ROQUE; ROCHA, 2011). Para Martins, Sales e Souza (2009), o professor de Ciências possui uma liberdade ilusória: ele realiza uma escolha dentro de uma pré-seleção realizada sob forma de avaliação das obras didáticas e contida no GLD.

Segundo estes autores, o LD é a forma com que o governo controla os currículos e o EC pelos professores nas escolas. Através do LD pré-selecionado pelo MEC, o professor já sofre esta influência sobre quais conteúdos deve trabalhar e como deve ensiná-los. As avaliações

das obras excluem, por exemplo, títulos que não estão dentro de determinadas correntes de pensamento, como o modelo Construtivista.

Com relação aos critérios de escolha dos LDs pelos professores de Ciências, há ainda outros fatores que podem colaborar para a escolha do LD pelos docentes. Os elementos que influenciam a escolha das obras pelos professores de Ciências não são apenas os critérios adotados pelo GLD ou aqueles formulados pelos próprios professores que folheiam o Guia: a seleção dos conteúdos e livros de Ciências também pode se basear no projeto político-pedagógico da escola e nos PCNs (BRASIL, 1998).

Campos e Lima (2008) afirmam que a escolha do LD pelos professores é permeada por alguns aspectos, como a inserção na realidade do aluno, principal sujeito no uso desse material pedagógico. Segundo estes autores, esta inserção na realidade é conhecida como contextualização e constitui um dos principais fatores para inclusão ou exclusão da obra na listagem final dos materiais disponíveis para seleção das escolas.

Já Silva (1983) e Pierson & Neves (2001) defendem que a boa escolha e o bom uso destas obras também estão associados à formação continuada dos docentes, visando melhores capacitações e desempenhos do papel de um professor de Ciências. Esta afirmação está totalmente consonante com os dados obtidos neste trabalho, conforme veremos no capítulo 4.

Chama atenção o modo de implementação de etapas do PNLD nas escolas:

Ouvem-se com muita frequência reclamações da forma como se realiza a escolha das coleções. Um número significativo de professores nunca manuseou um Guia do MEC, embora muitos saibam de sua existência e esses guias até estejam disponíveis em suas escolas. Queixam-se, generalizadamente, de que as escolhas são feitas sempre de afogadilho, na última hora, impedindo um exame aprofundado das novas coleções que chegam como novidades aos estabelecimentos de ensino. Essa precariedade é atribuída ora ao descaso da direção da escola, ora às condições de trabalho que inviabilizam a destinação de um tempo satisfatório para uma avaliação mais consistente e consciente, ora à descrença de que os novos livros didáticos possam trazer alguma inovação significativa. Em última instância,

acabam adotando o livro disponível na escola ou solicitando aquele que sabem ser bastante utilizado no âmbito do ensino de Ciências. Em outras palavras, parece que todo o esforço avaliativo do MEC em grande parte se perde na sua operacionalização entre os professores, teoricamente seus principais interessados. (AMARAL, 2006, pág. 87).

O trabalho de investigação desenvolvido buscou compreender melhor esta dinâmica. Em relação às necessidades docentes para bem selecionar e utilizar os LDs em sala de aula, minha visão vai ao encontro do que El-Hani, Roque e Rocha (2011) propõem ao defender a delegação de poderes aos professores:

[...] tanto no que diz respeito aos conhecimentos de que necessita para fazer uma escolha justificada, o que remete à sua formação, quanto no que concerne a uma posição sociopolítica que impeça que seu direito de escolha seja alijado por secretários de educação, diretores de escolas etc. Considerando o primeiro fator, é sem dúvida importante que os professores estejam capacitados para ir muito além, em seu trabalho com o livro didático, de uma preparação para selecionar livros nos catálogos produzidos pelas equipes de avaliação dos programas do MEC (EL-HANI; ROQUE; ROCHA, 2011, pág. 236).

Alguns autores afirmam que o LD, embora hoje em dia apoiado por outros elementos, é o objeto mais utilizado para os processos de ensino-aprendizagem nas escolas brasileiras (FERREIRA, 2000; DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002; MAFFIA *et al.*, 2002; CARNEIRO; SANTOS; MÓL, 2005; AMARAL, 2006; SCHROEDER *et al.*, 2008; SILVA; SOUZA; DUARTE, 2009). Autores como Echeverría, Mello e Gauche (2010) e Baganha, Gonzalez e Boal (2011) ressaltam o LD como um artefato cultural, fundamental no processo de escolarização. Para estes, a importância do LD é tão grande justamente porque esta foi a única ferramenta presente e utilizada nas escolas para os processos de ensino e aprendizagem em um momento da história – no Brasil, em meados da década de 1970 .

Nascimento e Martins (2009) afirmam que os LDs são os componentes que exercem papel determinante no trabalho dos professores. Segundo as autoras, os LDs são os elementos que norteiam

o planejamento, a atualização do professor, a seleção dos conteúdos a se trabalhar junto aos estudantes e os modelos de avaliação reproduzidos em sala de aula. Lopes (2007) afirma que o LD é formulado muitas vezes como um guia curricular, servindo não apenas ao estudante, mas também para auxiliar o professor na preparação e condução das suas aulas.

O problema da utilização do LD pode ocorrer quando o professor está amparado em materiais didáticos de qualidade duvidosa e/ou quando o professor não utiliza este tipo de recurso de forma crítica, repensando e reformulando sua prática relacionada a este instrumento. A própria dependência do professor ao LD já é problemática, pois fatores como a formação do docente e a autonomia no planejamento do ensino são completamente descartados nestes casos. Esta dependência é ruim e indesejada por si só. Nas palavras de Mohr (1995), a relação entre professor e LD chega a uma situação extrema quando:

Consequência de vários fatores, que vão do despreparo à falta de tempo hábil para a organização e planejamento do curso, o professor acaba por adotar o índice do livro didático como programa de curso para o período letivo. O livro, ao longo do ano escolar assume, assim, caráter de único instrumento de trabalho de professores e alunos: o livro didático é a fonte das informações, dos textos e das ilustrações utilizadas em aula; assim como são do livro os exercícios que se realizam na classe ou como tarefa de casa. (MOHR, 1995, pág. 7).

Este assunto também é discutido por Maffia *et al* (2002). O fato do LD de Ciências ser assumido como matriz curricular ou elemento direcionador no ensino dos conteúdos ministrados na disciplina de Ciências tem consequências geralmente negativas. O ideal no planejamento do ensino é o professor desenvolver certa autonomia em relação ao LD de Ciências, não assumindo este material como guia, mas sim como um recurso entre outros. Martins, Sales e Souza (2009) fazem um importante alerta ao dizer que um professor que apresenta lacunas em sua formação pode escolher materiais didáticos de qualidade duvidosa ou mesmo não saber trabalhar com os bons livros que possui em mãos.

A decisão pelo LD como grade curricular na disciplina de Ciências tem ainda outros problemas, pois não existe uma padronização entre os diferentes autores de materiais didáticos no Brasil, o que pode

ocasionar em conteúdos científicos que são ensinados em uma escola e são menos desenvolvidos em outra instituição de ensino, fator que pode tornar a adoção do LD como currículo um fator ainda mais negativo. Porém, em um país de dimensões continentais como o Brasil, que vive diversas realidades, diversificar o ensino e os conteúdos dentro da disciplina de Ciências pode ser uma alternativa bastante viável.

Um dos grandes desafios, no caso da questão do uso do LD, parece ser encontrar uma forma autônoma e segura no emprego do mesmo nos processos de ensino e aprendizagem. Esta nunca é uma tarefa fácil ao professor de Ciências que trabalha com este material e exige que o mesmo se renove constantemente dentro de sua forma de trabalho.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Natureza e instrumentos de investigação

A delimitação do campo de estudo ocorre em torno dos professores de Ciências e as suas posturas em relação ao LD, objeto do estudo. Estes fatores caracterizam o presente trabalho como um estudo qualitativo na área da pesquisa em EC, de acordo com Minayo, Deslande e Gomes (2011). Segundo os autores, a natureza deste tipo de pesquisa trabalha com um nível de realidade que não pode – ou não deveria – ser quantificado.

Ainda segundo Minayo, Deslande e Gomes (2011), a realidade dos estudos de natureza qualitativa está nos significados, precisando que estes sejam expostos e interpretados. A pesquisa qualitativa, assim, não se preocupa em agrupar dados estatísticos para comprovar regularidades ou fenômenos recorrentes. Desta forma, este trabalho está claramente caracterizado como uma pesquisa desta natureza.

A forma para se investigar a natureza do tema proposto nesta dissertação foi a realização de entrevistas semi-estruturadas com os professores. Minayo, Deslande e Gomes (2011) afirmam que este instrumento de coleta de dados fornece ao entrevistado a possibilidade de discorrer sobre o tema abordado sem se prender à indagação inicialmente formada pelo pesquisador.

A questão das entrevistas serem parcialmente abertas denota uma preocupação com as demais informações relevantes que venham a surgir das falas e comentários dos docentes entrevistados. Triviños (2006) conceitua a entrevista semi-estruturada na seguinte passagem:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 2006, pág. 146).

As entrevistas foram audiogravadas e em seguida transcritas para o papel, para fins de análise. A transcrição das entrevistas obedece a aspectos da metodologia proposta por Carvalho (2006), porém adaptada para este trabalho. A notação utilizada para transcrição está no Anexo I, ao final deste texto. Esta autora afirma que questões como a transcrição correta do Português da linguagem falada para a linguagem escrita exigem certo tato do pesquisador, uma vez que o mesmo está transcrevendo a fala de seus colegas de profissão. Desta forma, e em respeito aos colegas, transcrevo as falas das entrevistas em linguagem culta. Carvalho (2006) recomenda que as transcrições dos dados estejam disponíveis integralmente para que o leitor possa aquilatar a precisão e propriedade das interpretações feitas a partir das entrevistas.

O método para análise das entrevistas dos professores foi a ATD (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2007). Segundo os autores, a principal particularidade desta forma de trabalho é a possibilidade de compreensão acerca do fenômeno estudado, que ocorre no momento da análise do material produzido – por meio da transcrição das falas de entrevistas, principalmente (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2007). Quando se desconstruem ou se desmontam estas transcrições, surgem as unidades constituintes do problema de pesquisa, também conhecidos como descritores, que são os trechos das falas dos professores que respondem aos problemas de pesquisa propostos neste trabalho. A análise ocorre a partir do estabelecimento de uma relação entre essas unidades de base, unitarizadas no momento da desconstrução, o que os autores chamam de categorização. É a partir deste processo que se observa o novo emergente, caracterizando uma compreensão sobre os objetos e fenômenos abordados no estudo (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2007).

A ATD é adequada para esta investigação, pois pode ser compreendida como “um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinados objetos de estudo, a partir de materiais textuais referentes a esses fenômenos” (MORAES; GALIAZZI, 2007, pág. 45). Assim, a desconstrução (unitarização), seguida do estabelecimento de relações (categorização) e do surgimento de um novo emergente (metatexto), na visão de Moraes e Galiazzi (2007), parecem maneiras válidas de se trabalhar as falas transcritas dos professores de Ciências.

Como um breve exemplo deste processo, remeto ao trecho abaixo. Nele a transcrição escrita da entrevista foi tomada para desmontagem e análise a partir das unidades (palavras ou frases). Em seguida foram estabelecidas as relações entre estas unidades de base e as

questões de pesquisa propostas neste trabalho. Quando analiso a fala de um professor na resposta a uma das perguntas da entrevista, destaco o trecho deste depoimento que corresponde ao problema investigado nesta pesquisa:

Entrevistador (E): Ótimo... bom, vamos finalizar aqui a entrevista... temos mais três perguntas... pensando na tua atividade pedagógica atual, o senhor conseguiria desenvolver as tuas aulas sem o livro?

Professor Entrevistado 3 (PE3): ... ((professor hesita))... **conseguiria, mas... ((mais um pouco de hesitação))... é... eu acho FUNDAMENTAL o uso do livro didático... então, você veja, eu posso usar outros recursos e tudo, mas... essa coisa que eu te falei da parte do corpo humano na sétima série... dando ali educação pura... aparelho reprodutor feminino, aparelho reprodutor masculino... o aluno chegou a me pedir... ((professor fala como se fosse o aluno em aula)) mas me mostra, eu quero ver, é difícil imaginar o interior do corpo da mulher com o ovário lá ou do homem com epidídimo, com testículo, com não sei o que lá... então... ((professor volta a falar no seu tom de voz)) é bom... **eu considero fundamental ((o livro didático))... [grifo meu]****

Os trechos grifados correspondem a recortes do texto da transcrição das entrevistas (unitarização), que estabelecem as relações (categorização) com as questões propostas por esta dissertação. Estes grifos formam o novo emergente, conhecido como metatexto (MORAES, 2003). A emergência das novas compreensões, propostas neste trabalho, é contemplada no momento em que este metatexto é utilizado para responder minhas hipóteses e endossar as colocações propostas pelos autores com quem dialogo ao longo do capítulo 4 deste texto.

Assim, do material final das transcrições são obtidas as informações e dados que busco para a formação de um novo emergente. Este metatexto responde, total ou parcialmente, ao problema e às questões de pesquisa e faz emergir novas compreensões sobre o tema estudado (MORAES, 2003). Esta foi a forma com que a ATD foi empregada ao longo deste trabalho.

As posteriores compreensões e surgimento de novas ideias e olhares relativos aos objetos de estudo parecem confirmar o quanto importante pode ser esta forma de se trabalhar com entrevistas neste caso. Na área de estudos de educação que se dedica às pesquisas com políticas educacionais e materiais didáticos escolares, Fernandes (2004) afirma:

[...] Nessa linha, pesquisas a partir de fontes orais começam a contribuir também para ampliar a compreensão do papel histórico e social dos manuais escolares. (FERNANDES, 2004, pág. 533).

3.2 Sujeitos de pesquisa e dinâmica da investigação

Um contato inicial com a Secretaria Municipal de Educação foi feito para autorizar o trabalho realizado com os professores nas entrevistas para coleta de dados. A declaração concedida pela Gerência de Formação Permanente (FLORIANÓPOLIS, 2012a) se encontra no Anexo II. A seleção destes professores foi pensada para abranger geograficamente as diferentes regiões e escolas do município de Florianópolis. A lista completa das unidades escolares municipais foi obtida de Florianópolis (2012b) e se encontra no Anexo III.

Atendendo aspectos da ética em pesquisa, que envolve os professores da rede pública municipal, foi utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo IV), que foi apresentado, lido e assinado pelos docentes no momento anterior às entrevistas. O andamento do trabalho ficou condicionado à coleta das assinaturas destes professores no TCLE.

Nos dias 28 e 29 do mês de Maio de 2012 foi estabelecido contato com as 26 unidades escolares do município via telefonema. Deste número, vinte unidades apresentaram **professores efetivos** de Ciências em seus quadros docentes. Nestas ligações busquei identificar o número de professores efetivos de Ciências que atuavam em cada escola, visando mapear os locais e as unidades de trabalho destes docentes. Os dados desta coleta inicial estão na Tabela 3.1.

Tabela 3.1. Distribuição de professores por unidade escolar, dentro de cada região do município de Florianópolis.

Região da cidade	Número de escolas	Quantidade de professores	Professores entrevistados
NORTE	8	9	2
SUL	4	8	2
LESTE	3	4	2
CENTRO	5	7	2
TOTAL	20	28	8

Os docentes entrevistados foram selecionados por região da ilha de Santa Catarina. Para esta escolha, subdividimos o município de Florianópolis em quatro regiões e selecionamos dois docentes provenientes de unidades escolares de uma destas regiões, conforme visualizado na Figura 4.

O contato com as escolas foi feito através de visitas pessoais do pesquisador. Cada escola foi visitada cerca de duas vezes: a primeira para estabelecer um contato inicial com as equipes pedagógicas e entregar uma carta de apresentação aos professores. Geralmente a entrevista era agendada através de contato telefônico ou eletrônico (*e-mail*) para a semana posterior à primeira visita em todas as unidades escolares. Todas as entrevistas foram agendadas e realizadas no mês de Junho do ano de 2012.



Figura 4. Mapa do município de Florianópolis, dividido em quatro áreas: região central (verde escuro), região norte (amarelo), região leste (verde claro) e região sul (azul). (Fonte: <http://www.viagemdeferias.com/florianopolis/fotos/mapa-hoteis-florianopolis.gif>, acesso em 30/06/2012).

O número final de docentes entrevistados por este trabalho foi baseado no critério de saturação dos dados (MINAYO, 2010). Este critério foi determinado após a finalização das primeiras oito entrevistas, pois verifiquei que muitos dos dados fornecidos se repetiram ao longo desta fase de coleta de dados. A autora se refere a este termo na seguinte passagem:

O dimensionamento da quantidade de entrevistas, grupos focais e outras técnicas deve seguir o critério de saturação. Por critério de saturação se

entende o conhecimento formado pelo pesquisador, no campo, de que conseguiu compreender a lógica interna do grupo ou da coletividade em estudo... [...] (MINAYO, 2010, págs. 197-198).

Em relação aos tópicos das entrevistas, os mesmos foram formulados a partir dos objetivos do trabalho. Além disto, contribuíram para a elaboração do roteiro, as leituras sobre o tema do LD e conversas informais que tive com alguns colegas professores nas escolas onde trabalhei. Os tópicos componentes do roteiro articulam-se e procuram responder ao problema e pergunta de pesquisa que norteia a investigação: **Como os professores de Ciências da rede municipal de Florianópolis selecionam e utilizam o LD em suas aulas?**

O roteiro da entrevista estrutura-se em quatro tópicos: capacitação para a escolha do LD, escolha do LD na escola, qualidade do LD e utilização deste material pelo docente. Abaixo apresento um roteiro com os tópicos e subtópicos das entrevistas:

➤ **SOBRE A CAPACITAÇÃO PARA A ESCOLHA DO LD**

- Qual sua formação?
- Fez pós-graduação? Qual?
- Há quanto tempo está no magistério? Sempre em sala de aula?
- Já participou de algum curso, palestra ou formação sobre análise de LDs?
- Já leu trabalhos de análise de LDs? Quais?
- Você conhece o GLD?

➤ **SOBRE A ESCOLHA DO LD (como e com quem o professor escolhe o LD).**

- Quantas vezes você participou de processo de escolha de LD?
- Quem escolhe o LD na escola?
- Como são selecionados os LDs na escola?

- Há orientações ou pré-seleção de livros por parte da Secretaria Municipal de Educação, ou Direção da escola, por exemplo?
- Há relação entre a seleção do LD e o projeto político-pedagógico da escola? Em que aspectos?
- Tem tempo para o planejamento e a escolha do LD? Considera este tempo adequado?
- O livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido?
- Há livros para todos os alunos?

➤ **SOBRE A QUALIDADE DO LD (na visão do professor entrevistado).**

- O que seria um bom LD?
- Julga que dispõe de bons livros para escolha?
- O que considera importante na escolha do LD?
- Que elementos chamam mais sua atenção em um LD?

➤ **SOBRE O USO DO LD (como o professor trabalha com o recurso e qual a importância atribuída ao LD).**

- Como utiliza os livros nas suas atividades pedagógicas?
- O LD é utilizado em todas as aulas? Que outros materiais você utiliza?
- O que utiliza no LD?
- Pensando na sua atividade pedagógica atual, conseguiria desenvolver as aulas sem o livro? Por quê?
- Como caracteriza a importância do LD no planejamento das atividades?
- Como caracteriza a importância do LD no desenvolvimento das aulas?
- Por que utiliza o LD desta forma em seu trabalho?

Em relação às entrevistas com os professores, todas foram realizadas nas unidades escolares onde os mesmos estavam lecionando, geralmente em horários de intervalo ou períodos de aula em que os

professores não estavam em sala de aula. Os locais em que as conversas ocorreram foram as salas de professores, laboratórios de Ciências ou as bibliotecas das unidades escolares. Todas as entrevistas tiveram entre 15 e 40 minutos de duração e a transcrição foi realizada posterior e pessoalmente pelo pesquisador.

3.3 A revisão bibliográfica

O trabalho de revisão bibliográfica inicial que foi realizado para esta investigação identificou e analisou artigos em periódicos das áreas de Educação e do EC. As revistas revisadas foram selecionadas em função de suas notas: **Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)**, **Educação & Sociedade**, **Educação e Pesquisa**, **Proposições**, **Revista Brasileira de Educação**, **Alexandria**, **Ciência & Educação**, **Ciência & Ensino**, **Experiências em Ensino de Ciências**, **Investigações em Ensino de Ciências** e **Ensaio**. Todos os periódicos revisados apresentavam *Qualis* CAPES A1, A2, B1 ou B2 na área de Educação ou de Ensino de Ciências. A revisão nos periódicos pesquisados abrangeu todos os acervos disponibilizados online nos portais destas revistas, totalizando a soma de 40 artigos científicos encontrados.

A revisão bibliográfica incluiu também as Atas de eventos da área do EC, em particular de Ensino de Biologia: o **Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências** (ENPEC), o **Encontro Nacional de Ensino de Biologia** (ENEPIO), o **Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia** (EREPIO SUL) e o extinto **Encontro de Perspectivas do Ensino de Biologia** (EPEB). Esta revisão identificou 19 artigos no total.

Muitos destes artigos e textos remeteram-me a outras publicações, trabalhos de pós-graduação e livros importantes para o assunto de interesse. O montante de artigos, textos e demais materiais que pude encontrar ao longo da revisão bibliográfica ultrapassou o número de 100 textos, sendo que, no momento da leitura dos mesmos, dei prioridade aos que mais se aproximavam do meu tema de trabalho. Estes textos estão presentes ao longo de toda a dissertação e foram o suporte teórico com o qual estabeleço o diálogo analítico sobre a seleção e uso do LD e os temas correlatos.

Especialmente destaco os trabalhos de Delizoicov (1995), Tolentino-Neto (2003), Sgnaulin (2012) e Cassab e Martins (2003; 2008), que tratam do mesmo tema de interesse da presente pesquisa. Estes autores destacam interessantes aspectos da seleção e do uso de LD por professores de Ciências dentro do contexto escolar, o que faz com

que o diálogo com seus dados seja fundamental na análise das entrevistas dos professores com que trabalhei nesta dissertação.

Destaco também as pesquisas de Bizzo (1988; 1996; 2000a), Carneiro (1997), El-Hani e colaboradores (2011), Fracalanza e Megid Neto (2006), Lopes (2007), Nardi (1999) e Nuñez e colaboradores (2001; 2003). Estas investigações encontradas ao longo da revisão bibliográfica tratam diretamente da temática seleção e/ou uso de livro didático e formação de professores. Assim, tais textos tiveram grande importância para a análise dos dados coletados. O trabalho de revisão foi, assim, fundamental para a estruturação e desenvolvimento deste trabalho.

Os demais textos que encontrei, de maneira geral, foram elencados por ordem de prioridade, de acordo com as temáticas e abordagens principais: a maior importância (prioridade I) foi dada aos trabalhos sobre seleção e uso de LDs por professores, mais especificamente os de Ciências. Em segundo lugar, foram lidos os artigos, livros e trabalhos acadêmicos relacionados à formação docente dos professores que trabalham com EC e a atuação destes docentes com o LD de Ciências (prioridade II). Por último, foram lidos os textos os demais assuntos que poderiam contribuir de alguma forma com a elaboração deste trabalho (prioridade III). A discussão destes textos é feita nos capítulos 2, inicialmente, e 4 junto aos resultados desta dissertação e foi um elemento imprescindível para conferir suporte à investigação proposta.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

A discussão dos dados apresentados está dividida em quatro itens principais, já apresentados no capítulo anterior: capacitação para escolha do LD, escolha do LD, qualidade do LD e uso do LD. Esta divisão foi feita de acordo com o agrupamento das perguntas na hora da formulação da entrevista, visando respeitar uma sequência de assuntos e o possível desencadeamento das declarações dos professores sobre cada um dos temas abordados.

No item capacitação para escolha do LD trato sobre a formação inicial do professor, abordando a área de formação e uma possível pós-graduação cursada. Ainda pergunto ao docente entrevistado sobre o seu período de atuação no magistério e se já participou de alguma atividade formativa para a escolha do LD dentro de sua rede de trabalho. Por último, há uma sondagem inicial para saber se o professor apresenta alguma leitura ou conhecimento sobre os trabalhos de análise de livros didáticos.

O item sobre a escolha do LD aborda como é feita a escolha do livro dentro da rede municipal e do trabalho do professor. As perguntas são feitas para descobrir se o docente recebe algum direcionamento na seleção dos livros, além de averiguar a relação desta escolha com documentos oficiais, como a proposta curricular do município ou o projeto político-pedagógico das escolas municipais. Investigo a existência de um grupo de professores de Ciências do município que se reúne para debater e analisar conjuntamente as coleções didáticas e averiguo se o professor julga considerar seu tempo de formação para a escolha suficiente.

O tópico sobre a qualidade do LD na visão do professor entrevistado traz questões sobre o que seria um bom material didático na visão do docente e se existem bons livros para escolha. Dentro deste grupo de perguntas, ainda questiono quais os elementos que mais chamam a atenção dos professores em um LD e o que os entrevistados consideram importante para a escolha deste material.

Por último, as questões sobre o uso do LD buscam analisar informações sobre a forma de utilização desta ferramenta nas aulas. Os professores também são arguidos sobre qual(is) recurso(s) utilizam no LD e a importância que dão a este material no seu trabalho para planejar, desenvolver e aplicar suas aulas.

A partir da realização da ATD nas transcrições das entrevistas feitas com os oito professores, apresento os fragmentos unitarizados das falas dos docentes para discutir as questões propostas por minha

pesquisa. Desta forma, realizo a seguir minha análise, buscando responder aos objetivos desta dissertação.

4.1 A capacitação para a escolha do LD

Em relação ao tópico sobre **capacitação para escolha do LD (formação do professor)**, todos os docentes entrevistados possuem ensino superior concluído e alguns deles cursaram pós-graduação, sendo cinco professores em nível de Especialização e um com Mestrado. Pelo fato de possuírem longo tempo de atividade na docência (8 a 30 anos), os docentes afirmam já terem participado de vários processos de seleções e dizem que conhecem bem o processo de escolha dos LDs pelas escolas. Os dados agrupados se encontram na Tabela 4.1.

Tabela 4.1. Nível de formação e tempo de atuação dos professores entrevistados no trabalho.

Nível de formação	Graduação	Especialização	Mestrado
Número de professores	2	5	1
Tempo de atuação	1 – 10 anos	11 – 20 anos	21 – 30 anos
Número de professores	2	3	3

Em relação à participação em cursos, palestras ou formações sobre análise de LDs, a maioria dos professores entrevistados afirma já ter tido contato com estas práticas, através de cursos oferecidos pela prefeitura ou em seus períodos de pós-graduação e considera estes momentos muito importantes para escolha dos livros. Um dos docentes faz menção aos trabalhos de análise de LDs como obras incompletas e falhas em alguns aspectos:

PE4: “[...] aqueles que eu vi, nem sempre são muito claros... pelo menos na minha concepção... porque às vezes eles ((os autores dos trabalhos de análise)) fazem só comentários que o livro não tem tal coisa ou tá faltando tal conteúdo, mas eu não vejo uma preocupação assim, ó... realmente

pegar página por página, né... ver se a figura bate com o que tá dizendo... porque a gente já cansou de pegar livros assim, que a imagem não condiz com o exemplo que tá sendo visto...”

Os professores reconhecem os momentos de formação oferecidos pela prefeitura municipal como um espaço para conhecer melhor as obras do PNLD. Alguns docentes ainda relataram que o grande grupo de professores de Ciências do município se reúne para analisar e debater as principais obras no momento da seleção dos LDs pela rede municipal. Este grupo será melhor abordado no próximo item deste capítulo mas já adianto a referência a ele feita por alguns professores:

PE6: “Na REDE ((municipal)), dentro do nosso grupo, né... no grupo ((de professores)) de Ciências a gente já fez bastante discussões, assim...”

PE7: “Sim, a gente, na formação da prefeitura – ela nos oferece – todos os anos que tem escolha de livro a gente tem essa formação, pra conhecer os livros... até alguns autores ((de livros)) vem nos colégios... a gente tem sim...”

Alguns dos professores também relataram já conhecer ou ter tido contato com o GLD montado pelo MEC e até consideram este documento importante, enquanto outros docentes consideram mais relevante o próprio momento de análise e discussão dentro do grupo para escolha dos livros dentro do município de Florianópolis. Existem ainda os docentes que conhecem o GLD, mas não o utilizam para ler e selecionar os LDs:

PE7: “[...] mas aí aquilo ali a gente dá uma lida e tal... mas o que VALE mesmo é o que a gente discute no nosso grupo ((de professores de Ciências do município))...”

PE8: “Não, eu acho que eu nunca cheguei a pegar o Guia assim pra ler, sabe... é sempre o próprio livro... eles ((as editoras)) mandam os livros, a gente se reúne...”

Esta situação acontece, segundo Sgnaulin (2012), porque o professor considera que irá saber qual obra é mais adequada para seus alunos de acordo com a própria análise que irá fazer do LD. Desta forma, a autora afirma que o docente que escolhe este material para o

EC na própria unidade escolar não vai procurar auxílio sempre no GLD, pois prefere analisar as obras disponíveis para escolher a que julga melhor de acordo com sua experiência profissional.

Quando questionados a respeito do tempo para formação, planejamento e escolha do LD, as respostas são ambíguas: a maioria dos professores referiu-se à reunião geral do grupo de Ciências como o momento mais forte para esta atividade, enquanto outros consideram que, apesar do tempo para formação até existir, ele não é o ideal. Alguns docentes ainda mencionam que possuem horas de atividade fora da sala de aula, para ficarem disponíveis para estes cursos de formação:

PE4: “[...] a rede ((municipal)) tem uma época, né... porque tem que fazer uma escolha... então tem uma época que a gente ((os professores da disciplina)) senta, o grupo de ciências, e faz a escolha... de pelo menos uns dois ou três ((livros)) dentro do perfil de cada escola... [...]”

PE7: “TENHO, nós ((o grupo de professores de Ciências)) temos formação pra isso... temos uma hora-atividade só pra isso, né... [...] então geralmente quando é início de ano a gente faz a reunião pedagógica pra isso, né... e quando não há condições de fazer reunião pedagógica, aí complica um pouquinho sim... aí passa a ter esse horário pra gente reunir os professores de área...”

É notório também o fato destes docentes – principalmente aqueles com mais tempo de atividade – considerarem um dos deveres de seu trabalho o conhecimento das obras para a escolha dos LDs:

PE1: “[...] não há momento específico dentro do meu tempo de trabalho... eu tenho todo o ano anterior para conhecer e ler as obras que eu vou selecionar para o ano seguinte, né... eu acho o tempo adequado... esse é um processo que é parte do meu trabalho...”

PE2: “[...] não existe um momento específico, né... mas o professor tem três anos pra ficar com o material que ele vai acabar trabalhando... então é dever dele conhecer bem esse LD...”

PE4: “[...] a ESCOLHA vem com a experiência... [...] e ao longo desses anos eu fui aumentando a minha bagagem, comprando obras, né... solicitando obras... eu sinto FALTA desse material, né...”

Em um estudo na cidade de Campo Grande, Sgnaulin (2012) afirma que o professor em período inicial do exercício docente vai aprendendo a escolher e utilizar o LD ao longo de suas atividades profissionais, pois as particularidades deste material são pouco abordadas na formação inicial – seja nas disciplinas teóricas ou nas práticas de ensino, os estágios supervisionados. A presente pesquisa encontra os mesmos dados obtidos pela autora acima citada: o professor parece aprender a escolher o LD ao longo de sua vivência no magistério.

O corpo de professores entrevistados reconhece que não considera o tempo destinado para formação e planejamento para a escolha ideal, mas também observa-se em alguns trechos a noção de que este pouco é melhor do que nada:

PE5: “[...] não é o mais adequado, mas é o que a gente teve disponível, né... ((professor ri))... foi o que deu pra fazer...”

PE6: “[...] na verdade a gente tá acostumado a trabalhar assim... final de semana, à noite... então a gente acaba achando meio normal, mas não é... não DEVERIA ser, né... ahn... poderia ter MAIS tempo, mas aí tu depende... o guia do MEC até vem com bastante antecedência, mas os LIVROS não vem... as coleções não vem pra escola... [...]”

PE8: “[...] mas podia ser mais tempo... porque na verdade ((o livro)) às vezes vem meio que um pouco ANTES, e aí... eu, no caso, seleciono o meu, né... mas até sentar todo mundo ((os professores)) e tentar chegar num consenso já é mais difícil... deveria ter mais tempo...”

Nardi (1999) sugere que a formação inicial dos licenciandos e a formação continuada dos docentes estão falhando em alguns aspectos, principalmente quando não existe uma carga dentro das disciplinas e ementas dos cursos para se produzir, discutir e avaliar materiais didáticos por estes docentes. Segundo o autor, se os licenciandos produzissem os próprios materiais didáticos, os futuros docentes estariam mais preparados para selecionar e trabalhar com estes materiais dentro das escolas.

Já Tardif (2012) sustenta que as disciplinas pedagógicas de alguns cursos de licenciatura se apresentam fechadas em si mesmas, sem sentido ou conexão. Na visão do autor, o currículo e as disciplinas dos cursos, organizados desta forma, pouco ajudam a bem formar inicialmente o profissional professor, pois as reflexões sobre o ensino e

a aprendizagem perdem espaço para os conteúdos teóricos na grade curricular das licenciaturas. O docente que atua no magistério, apesar de ser um formador, tem pouco espaço – ou nenhum – para pensar e falar da própria formação (TARDIF, 2012), o que é um dado preocupante.

Para Carvalho e Gil-Pérez (2011) a formação dos professores deveria ser permeada por situações como experiências de tratamento de novos domínios em função de mudanças curriculares, avanços científicos e questões propostas pelos alunos. Eu interpreto essa afirmação como a necessidade dos licenciandos em viver a prática docente para conferir significado à sua formação. Essa preparação, segundo os autores, não é bem vivenciada na formação inicial, pois o licenciando não possui a formação científica e a maturidade para assimilá-la ao longo deste período.

O aspecto da formação inicial com lacunas é ainda mais grave quando observamos alguns casos em particular. Barbieri (1992) afirma que, em muitas situações, o professor simplesmente descarta a licenciatura que cursou e fica engessado ao LD, assumindo-o como currículo fixo. Este problema é bastante comum ainda nos dias atuais e parte das tentativas de resolvê-lo é a reformulação dos currículos das licenciaturas.

4.2 A escolha do LD

No que diz respeito à **escolha do LD**, os professores de Ciências entrevistados afirmam em suas falas que a seleção do LD é de responsabilidade única dos docentes em atividade em todas as unidades escolares e interferências de natureza política ou comercial (editoras) não ocorrem, embora as editoras mandem autores e exemplares de LDs às escolas:

PE4: “primeiro a gente faz uma escolha interna ((dentro da unidade escolar)) e depois, como tem o grupo de ciências ((da rede municipal)), normalmente a gente faz a escolha em grupo, né... [...] a gente já conhece algumas obras, alguns autores... e aí a gente normalmente se manifesta... ó, esse ano melhorou, esse ano o livro não tá tão bom como nos outros anos... oh, esse tem uma visão mais interdisciplinar, né [...]”

PE3: “Cada editora traz a sua... a sua coleção... teve uma... acho que na última vez que nós formamos grupos... cada grupo analisou uma ou duas coleções... apresenta essa análise pro grande

grupo ((de professores da rede))... e daí a gente decide... mas você tem autonomia pra decidir o livro pra tua unidade...”

Segundo estes professores, os docentes tentam fazer a escolha de forma unificada dentro do município de Florianópolis. Para isto o grupo de professores de Ciências reúne-se e debate sobre as obras existentes no GLD, tentando chegar a um consenso sobre possibilidades de LDs de Ciências a serem utilizados nas unidades escolares do município. Neste grupo, cada professor de uma diferente unidade escolar fica responsável por ler, analisar e apresentar uma determinada coleção didática aos demais professores e, em momento posterior, todos discutem as obras em conjunto e tentam chegar a um consenso sobre um livro para a rede. Toletino-Neto (2003) já afirmava que esta era uma prática comum entre os professores em sua pesquisa:

[...] os professores não escolhem um livro apenas pela leitura de uma resenha ou pela indicação de um colega. Desejam manusear o volume, verificar eles próprios as atividades propostas, sentir o grau de dificuldade dos textos e exercícios, ver as figuras, sugestões de avaliação, e subsídios à preparação das aulas. Querem analisar eles mesmos os itens avaliados no PNLD, além de outros pontos que julgam importantes. (TOLENTINO-NETO, 2003, pág. 68).

Toletino-Neto (2003) ainda afirma que os docentes consideram importante olhar para documentos como o projeto político-pedagógico e a proposta curricular do município. A pesquisa de Sgnaulin (2012) também mostra essa visão da proposta curricular do município como um importante norteador para a escolha do livro pelos docentes. Os professores por mim entrevistados alegam sempre pensar na seleção e trabalho com LDs que estejam melhor adequados à proposta curricular do município:

PE3: “[...] porque a gente sempre tenta... sem às vezes até pensar no projeto político pedagógico, a gente já pensa numa coleção que esteja dentro do... do pensamento da escola, vamos dizer assim... das diretrizes da escola...”

PE5: “[...]o projeto político, ele tem aquelas diretrizes ali e o livro tem que acompanhar... a gente trabalha valores com as crianças, a gente não trabalha só o livro pelo livro [...]”

PE8: “[...] dentro dos PPP ((projeto político pedagógico)) a gente tem a proposta curricular por áreas e também a proposta da escola como um todo, né... quais são os aspectos mais importantes pra gente estar trabalhando na escola... e aí eu acho que a seleção ((do livro didático)) leva em consideração tudo isso... a proposta que a escola se propõe a desenvolver enquanto formadora e educadora, né... a gente busca tentar selecionar isso, né...”

Ainda para outro professor entrevistado, tão importante quanto escolher o livro de acordo com o projeto político-pedagógico é olhar para a sequência didática e os gêneros textuais que a obra apresenta:

PE1: “...a questão dos gêneros, essa discussão que é tão atual... a questão da sequência didática, que facilita muito a compreensão... facilita não... é que ela OPORTUNIZA o aluno a entender mais aquilo que ele tá lendo... que gênero é aquele, né... e o que que ele vai esperar daquele texto... o que ele já tem que mobilizar pra conseguir extrair do texto, acho que isso é a coisa mais interessante assim...”

Apesar dessas discussões e a grande opção em grupo, cada professor é livre para fazer sua escolha também individualmente, conforme ouvimos dos docentes entrevistados. Porém, os docentes entrevistados alegaram preferir fazer a escolha em conjunto e respeitar a decisão pelo LD tomada dentro do grupo:

PE2: “...não é BEM uma decisão da escola... é uma decisão do grupo ((dos professores de Ciências do município)) e a escola, ela acaba tendo que optar por uma das três coleções...”

PE5: “[...] senta todo mundo, aí a gente escolhe qual que é o melhor ((livro))... qual que é a primeira opção, a segunda opção... assim, né, não é obrigatório tu fechar com a rede... tipo, se a rede escolheu uma primeira e uma segunda opção e eu quero uma terceira, eu posso ficar com essa terceira... aí eu converso com o outro professor de ciências, assim...”

Os professores entrevistados justificam a escolha unificada e realizada por todo o grande grupo da área de Ciências dentro do

município. Segundo os docentes, há duas razões principais, também observadas no estudo de Tolentino-Neto (2003), para esta decisão: a possibilidade de troca e envio de LDs entre as unidades escolares quando as obras selecionadas são semelhantes (PE2, PE3, PE6) e a problemática do aluno que migra de uma escola para outra dentro da rede municipal (PE5). Estas passagens ficam melhor expressas nas falas:

PE6: “[...] e tem uma opção também, a partir da nossa última escolha... não vou dizer assim uma opção por REDE, mas foi feita uma primeira opção... até pra gente ter essa questão da reserva técnica ((de livros didáticos)), né... às vezes falta livros e você tem a reserva técnica na central, então você pode pedir livros... então a gente ((o grupo de professores)) pensa nisso também...”

PE5: “[...] na última escolha que teve... os grupos, POR ÁREA, sentaram e conversaram... então, tipo, não é obrigatória a escola escolher... a rede toda ter o mesmo livro didático... [...] não é obrigatório que tu, na tua escola, escolha este livro... mas é recomendado que seja o mais próximo possível, pelo menos assim os conceitos, o que que a gente busca... porque o aluno, ele sai de uma escola e vai pra outra, né...”

Ainda para os professores entrevistados, a importância de haver um consenso também para a escolha de uma segunda opção de LD fica evidente quando observo que a primeira opção pode não estar disponível ou suprir a demanda em todas as unidades de ensino da rede municipal. Para o estudo de Sgnaulin (2012), quando os livros da primeira opção não são enviados ou não suprem todas as escolas da rede, o envio de uma segunda opção de qualidade não compromete o EC nestas turmas que trabalharão com o livro diferente.

O tempo para planejamento e escolha do LD é encontrado nos dias que os professores possuem horas fora da sala de aula, seja para cursos de especialização ou para as reuniões do grupo de professores de Ciências. Existem alguns documentos normativos e circulares internas entre este grupo de professores, a Secretaria Municipal de Educação e o município de Florianópolis. Estes documentos foram obtidos através de contato com a Gerência de Formação Permanente (FLORIANÓPOLIS, 2012a) e explicam um pouco a sistemática e o funcionamento deste sistema de análise e seleção das obras didáticas pelas pessoas envolvidas dentro do nosso sistema educacional.

Em geral, os professores se reúnem por área, nos dias letivos em que não atuam em sala de aula, para estabelecerem em conjunto os critérios de análise das obras de acordo com os eixos temáticos presentes na Proposta Curricular do município, discutir os volumes presentes no GLD do MEC e indicarem as obras escolhidas para suas disciplinas. Como as possibilidades de livros dentro do GLD são muitas, os professores tendem a indicar duas ou três coleções diferentes para toda a rede, como foi o caso da última seleção do LD de Ciências, no ano de 2010.

Baganha, Gonzalez e Boal (2011) afirmam que as discussões e debates sobre a seleção e o uso do LD dentro da classe docente podem melhorar consideravelmente a qualidade do ensino e aprendizagem das Ciências:

[...] a partir da avaliação das obras pelo PNLD, o corpo docente de um estabelecimento de ensino precisa proceder à análise criteriosa do livro no momento de sua escolha, com as devidas condições para tal. Tanto o livro quanto o Programa, constituem-se ferramentas importantes para o processo ensino-aprendizagem e podem ser melhorados com a participação efetiva dos professores. (BAGANHA; GONZALEZ; BOAL, 2011, pág. 8-9).

Traçando um paralelo entre os tópicos de análise apontados anteriormente, as importâncias da formação permanente e capacitação do professor aparecem quando fica claro que os responsáveis pela escolha do LD na rede municipal de ensino em Florianópolis são os docentes da disciplina. Assim sendo, é de suma importância que se capacite estes professores para uma escolha consciente dos materiais didáticos nas unidades escolares e turmas onde lecionam.

Os professores entrevistados declararam não sofrer qualquer constrangimento com pré-seleções ou orientações por parte de algum órgão do governo, como as secretarias de Educação, ou até da própria direção da escola. Os docentes sentem-se completamente livres para realizar suas escolhas dentro das obras disponíveis no GLD:

P4: “[...] sempre ficou a cargo de quem TRABALHA na disciplina... na prefeitura, pelo menos esses anos todos que eu trabalho na prefeitura, a gente sempre teve liberdade... agora é aquilo que eu te disse [...]”

Os docentes, embora considerem a escolha também livre, afirmam que a lista de livros disponíveis, trazida no GLD, funciona como uma pré-seleção do MEC:

PE4: “[...] não adianta a gente chegar no grupo e dizer que tem uma obra ótima no mercado, né... saiu assim e todo mundo quer adotar... a prefeitura não vai bancar isso... porque como esses livros vem do governo federal, né... eles não tem essa ingerência de propor uma outra obra que não faz parte daquelas ((presentes no Guia de Livros Didáticos))...”

PE7: “Eu acho que é aquela relação do MEC, né... que o MEC já nos envia... então tem uma pré-seleção do MEC...”

Os professores ouvidos também consideram a discussão realizada no grande grupo de Ciências do município muito importante para a escolha destes materiais:

PE7: “Primeiro que a escolha foi feita... é produto de uma discussão, não de uma imposição... o nome dos livros já é uma imposição, que alguns aí o comitê ((professor se refere ao comitê de avaliadores que compõem a equipe que formula o Guia de Livros Didáticos)) escolheu e já vem imposto... pra você ganhar o livro GRÁTIS, pra você ter o livro pro aluno GRÁTIS, tá dentro daquele... daquela relação ((professor se refere ao Guia de Livros Didáticos))... mas quando essa relação chega pra nós, pra mim o importante é que tenha essa discussão porque nada melhor que você conversar com seus pares...”

Sobre a **presença do LD nas unidades escolares**, alguns professores entrevistados afirmam que atualmente existem livros para todos os estudantes. Já em outras escolas faltam LDs e o problema acontece devido à variação no número de alunos entre o ano letivo do pedido (anterior) e o ano letivo da utilização da obra na escola (posterior):

PE1: “[...] de vez em quando, porque não há uma compatibilidade do número, né... não tem ainda exatamente o número de matrículas... tu tem que te basear com o número do ano anterior pra fazer o pedido ((dos livros)), então às vezes há um

probleminha assim... uma turma fica com outros livros... mas não chega a comprometer, né... de uma maneira geral, todo mundo tem o livro...”
 PE7: “[...] eu comecei a trabalhar aqui em 2001, 2002... tinha 580 alunos, hoje tem 1.080... né, tem 1.080, então no ano anterior ele vai ter sempre menos livro que no ano que tá por vir... mas eles ((a Secretaria de Educação)) mandam ((os livros)) por cadastro do ano anterior, eles não atualizam... e aí os bibliotecários fazem o POSSÍVEL pra conseguir mais livros, né... eles vão, eles mandam e-mail pra todas as escolas pra ver se tem reserva técnica, pra ficar trocando os livros... [...]”

Quando ocorre alguma eventualidade e faltam volumes em pequenas quantidades, as próprias escolas dentro de Florianópolis transferem os LDs entre as unidades ou pedem novos exemplares à reserva técnica da Secretaria de Educação. Esta situação também foi observada por Sgnaulin (2012). A autora afirma que as escolas podem receber livros diferentes pelo aumento do número de turmas e/ou alunos nas unidades escolares do município.

Os professores das maiores unidades ainda alegam problemas na quantidade de livros recebidos por ano e dizem usar os mesmos livros de escolhas anteriores à última, alegando que o uso de uma edição anterior da mesma obra não acarreta grandes problemas no trabalho:

PE4: “[...] as minhas turmas trabalham com livros da escolha passada e as turmas das professoras substitutas trabalham com livros que foram escolhidos na última, né... [...] não ia jogar na mão de uma pessoa que caísse na rede ((a professora se refere a colegas que são substitutos)) ou que de repente trabalhou numa outra escola com outro livro didático pra trabalhar... [...]”

Em relação aos momentos de pedido e à chegada do LD na unidade escolar, os docentes foram unânimes ao afirmar que o livro solicitado por eles sempre é aquele enviado para as escolas pelo MEC. Um professor relatou um caso de envio de outro volume, mas justificou o acontecimento na seguinte passagem:

PE5: “[...] teve um problema que teve a greve do correio ((professor ri)), não sei se tu lembra... e o livro que a gente escolheu, não teve tempo hábil

de chegar onde tinha que chegar a solicitação e veio o livro que o MEC mandou... não foi o que a gente tinha pedido... mas a maioria das vezes sim...”

Com base nos dados recolhidos nas entrevistas, observo que existe uma harmonia entre o trabalho dos professores, a administração municipal e o funcionamento do PNLD. Os livros pedidos pelas escolas são, via de regra, os que são entregues nas unidades e os professores julgam possuírem bons instrumentos para selecionar estes materiais. Outro dado concordante deste trabalho com aqueles de Tolentino-Neto (2003) e Sganulin (2012) é que, quanto maior o tempo de atividade do docente entrevistado, mais capaz ele se considera para fazer a seleção do LD com que trabalha.

4.3 A qualidade do LD

Os professores, quando perguntados sobre **o que seria um bom LD**, trouxeram interessantes argumentos. Os principais itens mencionados foram a questão da sequência didática do livro (PE1), a mobilização dos conhecimentos e a ponte entre o conhecimento prévio do aluno e o saber científico (PE2), um material que aguce a curiosidade do estudante escolar (PE5), com bom conteúdo, atualizado e correto (PE6). Além destes fatores, também há menção à formatação, diagramação e escolha dos textos para o material (PE7), esquemas, gráficos, tabelas e a um livro que faça o aluno refletir sobre os conhecimentos e atenda à proposta curricular do município de Florianópolis (PE8).

Oselementos que os professores consideram importantes na escolha de um LD são o texto (verbal e não-verbal), a formatação, a qualidade e a coloração das imagens (PE1), a mobilização de conhecimentos prévios, a sequência didática e a contextualização dos conteúdos abordados (PE2), a adequação dos conteúdos do livro ao plano de ensino e a proposta curricular de Ciências para o município (PE3 e PE8), a presença de esquemas chamados pelos autores dos LD de mapas conceituais, esquemas do tipo resumo da matéria e gêneros textuais diferentes (PE4) e a correção conceitual (PE6). Os professores também julgam importante que o LD selecionado proponha reflexões ao estudante, não apenas memorização e cópia dos conteúdos (PE8). Todos estes fatores são elementos importantes não só para o momento de escolha, mas também para a análise e discussão em grupo dos LDs.

A visão de natureza dentro do EC, a atualização dos conteúdos e a possibilidade do pensar e refletir sobre os conhecimentos científicos são fatores que também parecem preocupar os professores na hora da escolha dos LDs:

PE2: “[...] o tipo de atividade... se são atividades de mera repetição daí eu não... eu abomino assim... então atividades que façam o aluno PENSAR a respeito do conhecimento científico, não só dar uma resposta única ali pra aquele conteúdo...”

PE6: “PRA MIM é que tem conteúdo, BOM conteúdo... conteúdo ATUALIZADO, conteúdo CORRETO também... [...] então o livro é SEMPRE o texto que o aluno tem em casa, que eu posso cobrar dele porque eu sei que ele tem aquele texto ali... então dentro daquilo ali eu posso cobrar do aluno [...]”

Quesado (2012) afirma que o LD muitas vezes contribui com uma visão da Ciência como dogmática, positivista, puramente empirista e uma sucessão de acertos ao longo de sua trajetória temporal. Na visão desta autora ainda vemos a Ciência como algo irrefutável, fixo, imutável e totalmente distorcido. Parece que estes fatores, embora não diretamente mencionados nestes termos pelos docentes, também preocupam estes professores entrevistados no trabalho.

Dentre **os elementos do livro que chamam a atenção dos docentes**, temos as atividades propostas pelos autores das obras (PE2 e PE3), a capacidade destes autores em construir pontes com outros campos de conhecimento e disciplinas escolares (PE1), o que podemos caracterizar como interdisciplinaridade:

PE1: “... ah, eu acho uma coisa muito interessante que tem no livro a quantidade de mapas que ele traz... e isso sim pra nós, que trabalhamos com seres que tão espalhados nesse mundo todo que tem uma diversidade tão grande de seres, ajuda a compreender melhor e faz uma ponte muito grande com a Geografia... os mapas eu também me encantei quando vi a quantidade de mapas...”

Outros elementos importantes para os professores entrevistados foram a contextualização dos conteúdos (PE4 e PE7), a estruturação, diagramação e a formatação do LD (PE7 e PE8) e a atualização e correção conceitual (PE5). Os elementos mais fortemente mencionados

pelos professores foram as imagens, que foram lembradas por todos os docentes entrevistados.

Os professores ouvidos nas entrevistas, em certas ocasiões, mencionam alguns dos critérios de avaliação utilizadas pelas comissões de avaliação do LD: correção conceitual, linguagem dos textos, qualidade das figuras e atividades trazidas pelos livros. Assim, pode-se dizer que tais critérios são valorizados tanto pelos professores de Ciências entrevistados quanto pelos avaliadores do LD no PNL, fato que indica o peso destes itens para o ensino, tanto na visão dos especialistas nas disciplinas, quanto dos professores nas escolas.

Estes dados confirmam os dados e argumentos de Cassab e Martins (2003; 2008). Esta autoras afirmam que itens como linguagem, conteúdo, correção conceitual, contextualização dos conteúdos e a própria formatação dos LDs são aspectos muito importantes para seleção e uso pelos professores de Ciências analisados por elas. Segundo as autoras, os professores de Ciências possuem forte tendência a direcionar as suas escolhas pautados na realidade dos alunos com que estão trabalhando:

[...] Assim, percebemos que, na escolha do livro didático, caminham de mãos dadas considerações a respeito do público que o livro se destina e preocupações propriamente relativas ao ensino de ciências. [...] (CASSAB; MARTINS, 2008, pág. 6).

Em relação aos critérios já apontados por Cassab e Martins (2008) como essenciais para a seleção de LDs de Ciências por professores, as autoras oferecem algumas justificativas que embasam as respostas obtidas nas entrevistas com os professores. Como o meu resultado se assemelhou com as respostas obtidas pelas autoras, exponho as críticas das mesmas em relação aos dados obtidos, pois concordo com as colocações das autoras. Em relação à importância da linguagem na seleção dos LDs, as Cassab e Martins (2008) afirmam:

[...] Na apreensão dos professores, os alunos em geral apresentam dificuldade de ouvir, concentrar-se, ler e interpretar, o que justificariam a adoção do critério linguagem, por exemplo, na seleção do LD. Outra característica é a apreciação dos alunos por determinadas estéticas de apresentação, o que permite entender as recorrentes referências a aspectos visuais no livro didático como um

critério para sua escolha. (CASSAB; MARTINS, 2008, pág. 6).

Ainda em outro trabalho de Cassab (2012), a linguagem aparece novamente como critério para escolha do LD pelos professores. O docente que escolhe este material pensa em uma linguagem de acordo com os seus alunos. Estes estudantes frequentemente não possuem o hábito da leitura e se mostram desconcentrados, desinteressados ou com dificuldades para interpretar os textos. Desta forma o professor deve escolher o LD como um elemento que auxilia a desenvolver o raciocínio e a compreensão do aluno, não como um “obstáculo” à sua aprendizagem. Este fator se repetiu neste trabalho e acredito que os professores que se preocupam com a linguagem das obras que escolhem estão pensando também nestes critérios apontados pela autora.

Quando falamos no aspecto da correção conceitual das obras, as autoras sugerem três possíveis razões para a importância deste critério, na visão dos docentes:

[...] A discussão do critério correção conceitual é emblemática neste sentido. Três fatores poderiam justificar sua adoção no processo de seleção do material didático: a compreensão do aluno como destituído de crítica e sensível aos possíveis erros veiculados no LD, a percepção da missão do livro associada à veiculação de saberes considerados cientificamente corretos e a questão da defasagem entre a produção do conhecimento científico e sua recontextualização no material educativo. [...] (CASSAB; MARTINS, 2008, pág. 7).

Por último, a importância das imagens como critério de seleção na fala dos professores de Ciências adquire sentido na seguinte passagem:

[...] Ao confrontarmos as significações dos professores a respeito dos aspectos visuais na seleção do livro didático, com esta compreensão mais estendida do papel da imagem, há algumas ausências e também a construção de outros significados. No discurso dos professores que participaram desta investigação, os aspectos visuais do LD são pensados, em geral, em relação a dois aspectos: (i) imagem de aluno mau leitor, desinteressado e permeável a apelos visuais e (ii) imagens do livro como alternativas às condições

logísticas da escola e a dificuldade de promoção de vivências aos alunos. (CASSAB; MARTINS, 2008, pág. 16).

A questão do uso das imagens do EC vem sendo abordada por Martins há alguns anos. Em 1997, a autora já afirmava que o uso deste tipo de linguagem visual impõe menos barreiras ao aluno e desperta seu interesse e curiosidade. No EC, muitas vezes, a imagem representa o próprio conteúdo trabalhado (MARTINS, 1997). Um dos professores ouvidos concorda com esta visão:

PE3: “É... que nem agora, numa sétima série que tava olhando o corpo humano... aí eu vou lá falar do corpo humano... falar que o espermatozoide encontra o óvulo na tuba uterina, não sei o que lá, tal... e às vezes fazer o desenho de tudo isso num quadro fica meio difícil, né... então imagens ajudam bastante... [...]”

A leitura de imagens, porém, não é um processo simples e demanda alguns esforços. O planejamento das aulas deve permitir que o estudante que trabalha com imagens tenha tempo para observar e raciocinar sobre o que visualiza e resignificar seus conhecimentos prévios com base no novo saber apresentado. Quando trabalhada dessa forma, a leitura das imagens pode funcionar como um elemento facilitador da aprendizagem, pois leva o aluno a associar o conteúdo com elementos que já são conhecidos e estão em sua vida (PICCININI, 2012).

Silva e colaboradores (2006) também trazem uma importante contribuição sobre o trabalho com imagens nos LDs:

[...] A idéia de que os alunos podem ler imagens de formas diferentes e que, portanto, é preciso conhecer essas leituras para intervir em sua produção é fundamental, principalmente se consideramos o aluno participante ativo na produção do conhecimento escolar. As leituras produzidas pelos alunos sobre as imagens podem revelar dificuldades de elaborações conceituais do ponto de vista da Ciência, obstáculos epistemológicos ou suas concepções alternativas, assim como valores e ideologias associados à produção científico-tecnológica. (SILVA *et al*, 2006, pág. 231).

Dessa forma o tipo de imagem e o uso que o professor emprega deste recurso em suas aulas parece ser fator determinante para o sucesso de um LD no EC. E os professores participantes deste trabalho parecem ter noção da importância da leitura de imagens entre os seus alunos para que ocorra a aprendizagem dos conteúdos científicos.

Os docentes entrevistados possuem clareza sobre a importância da escolha do material com que irão trabalhar em sala de aula nas escolas. Os LDs, na visão dos professores, estão melhorando substancialmente nos últimos anos e a maioria dos entrevistados julga possuir boas opções para a escolha. Esta melhora pode ser associada, de acordo com as falas analisadas, à implementação do programa de avaliação das obras disponíveis no GLD:

PE1: “... tem um crivo muito grande atualmente... uma série de questões... mesmo as questões mais técnicas, assim como a escala, como a questão das imagens, tem um cuidado muito grande... tem outros gêneros, né... a questão das notícias, as mensagens, então tem uma série de coisas que tão assim... digamos a sintonia com a realidade, aquelas coisas que a gente via nos livros didáticos que davam um susto... eu acho que tão bem melhores...”

PE2: “... alguns anos atrás era meio complicado... mas eu acho que com esses critérios a nível desse programa, eu acho que a coisa tá mais rigorosa... e eu acho que os livros, eles tão vindo melhores... BEM MELHORES...”

Na visão de um dos professores entrevistados, os LDs atuais estão defasados e seus conteúdos e formatações se perderam com o tempo. Além disso, o trabalho com LDs nem sempre dá bons resultados com a atual geração de jovens estudantes:

“PE4: É, porque é uma outra geração, que pede um outro modelo de aprendizagem e interação, que NÃO é mais o de vinte anos atrás, entendeu... vinte anos atrás nós éramos curiosos, assim ó... eu APRENDI ciências com livro didático, eu trabalhei com livro de estudo autodirigido, uma vez na vida só... o resto com livros de perguntas e respostas, questionários... então assim, eu vim de um modelo que não tinha quase aula prática... NÃO GOSTAVA... não tinha como gostar de ciências daquele jeito... então claro que a gente vai

mudando, no sentido de CHAMAR mais pra nossa área, né... e hoje eu uso um instrumento pedagógico, né... a sala informatizada voltada pra isso... porque ele ((o aluno)) também precisa saber como acessar, o que acessar, que olhar, o que é que ele busca lá... ninguém ensina isso e ele vai continuar não sabendo... vai ficar copia e cola, copia e cola, copia e cola... que é o que a gente vê, inclusive, dentro da universidade... que o aluno produz um trabalho que ele não sabe o que tá escrito, porque alguém fez o trabalho pra ele... ele SEQUER entende o que tá escrito no trabalho que ele propôs, né... então isso aí é GRAVE... e são essas pessoas que vão dar aula mais tarde... OU NÃO, NÉ... mas que tipo de profissional vai ser esse que não entende que ele tem que ler, que ele tem que resumir, que ele tem que interagir, que ele tem que buscar outras fontes, que ele não pode ficar com uma fonte só... então isso a gente já trabalha com a garotada, né... fontes... [...]"

O excerto acima demonstra uma postura crítica do professor em relação a este recurso e sua qualidade, fator importante para o trabalho com LDs – principalmente quando estes materiais não são considerados bons. Porém, PE4 e PE6 também reconhecem uma pequena melhora dos LDs ao longo da trajetória temporal do PNLDT, mas consideram que o avanço é lento:

PE4: “[...] poucas são as obras que vão realmente caminhando nessa direção, vamos dizer, que pensem mais... que tenha diferentes gêneros textuais... a gente não vê muito isso... ainda tá muito aquela coisa conteudista... e questões que não exigem muito pensamento do aluno... [...] porque se os autores ((dos livros didáticos)) também não forem trabalhando um pouco mais dentro dessa cultura, né, de trabalhar diferentes textos, fazer com que o aluno venha a pensar e não responder automaticamente o que tá no texto, você não vai criar uma sociedade mais argumentativa, né... que consiga debater coisas... porque a gente também tá vivendo num modelo fechado de mundo, então isso a gente vê que é uma resistência bem grande... a maioria dos autores ((de livros didáticos)) são autores de

ensino médio que TAMBÉM trabalham com o ensino fundamental e o ensino médio é um ensino conteudista...”

PE6: “Ah, melhoraram né... porque tem MUITA cobrança em cima dos autores... a gente ((os professores)) tem um certo poder porque a gente... é a gente que escolhe os livros, né... então esse poder a gente tem e a gente faz críticas... eu acredito que essas críticas devam chegar eles ((os autores dos livros didáticos)) porque eles não devem ser pessoas mal informadas [...]”

Considero que os LDs vem melhorando de qualidade ao longo do tempo, pois além dos fatores supracitados, a própria comissão de avaliadores que formula o GLD possui este “poder” de excluir as obras com conceitos equivocados, de baixa qualidade e com falhas em sua produção da lista final de LDs para escolha do professor nas escolas. Logo, se analisarmos os LDs escritos em um período de tempo após o início das comissões de avaliação, veremos que a qualidade dos materiais mais atuais é relativamente maior que aqueles escritos em períodos anteriores.

Os resultados de Martins e colaboradores (2005) também apontam que os professores estão olhando para alguns critérios ao escolherem os LDs de Ciências com que irão trabalhar em sala de aula. Fatores como a importância e a articulação entre as imagens e o texto verbal para o entendimento do conteúdo estão sendo notados na leitura e análise inicial das obras. O olhar cuidadoso dos docentes parece ser um fator positivo e que potencialmente ajuda a melhorar a qualidade do EC nas escolas.

Este envolvimento dos profissionais no momento da análise e escolha dos materiais didáticos a serem utilizados nas unidades escolares constitui-se em um fator bastante positivo. Ao contrário dos dados apontados por Maffiaet *al* (2002) e Zambonet *al* (2011), os professores ouvidos parecem conhecer e tomar como referência o GLD para analisar e selecionar as coleções didáticas.

Em alguns estudos anteriores este fato nem sempre aconteceu e o que talvez faça com que alguns professores não utilizem o GLD é o fato das escolhas dos LDs nas pesquisas em questão serem unificadas em alguns municípios, devido a fatores como altas taxas de evasão ou mudanças dos alunos entre as unidades escolares, ou até mesmo esta escolha do livro não ter sido tomada pelos professores que deveriam ser

os responsáveis pela decisão (TOLENTINO-NETO; BIZZO; SANO, 2002; TOLENTINO-NETO, 2003).

Nuñez e colaboradores (2001) também defendem uma participação mais ativa da classe docente no momento da escolha do LD. Segundo os autores, o trabalho dos professores é complementar às ações do MEC, no âmbito do PNLD (BRASIL, 1985), neste momento:

O professor deve desenvolver saberes e ter competências para superar as limitações próprias dos livros, que por seu caráter genérico, por vezes, não podem contextualizar os saberes como não podem ter exercícios específicos para atender as problemáticas locais. É tarefa dos professores complementar, adaptar, dar maior sentido aos bons livros recomendados pelo MEC. (NUÑEZ *et al.*, 2001, pág. 3).

Quando o professor participa ativamente da avaliação dos livros e desenvolve uma opinião a respeito da qualidade das obras com que trabalha, geralmente o saldo é bastante positivo. O resultado são professores mais seguros na escolha do LD e no uso destes materiais em suas aulas com os estudantes.

4.4 O uso do LD

Quando analiso a **forma de utilização do LD pelos professores de Ciências**, os dados obtidos através das falas analisadas me levam a concluir que estes materiais são muito trabalhados pelos docentes no momento do planejamento das aulas e como fonte de consulta e leitura pelos alunos, ou seja, de maneira complementar às aulas propostas pelos professores. Este fato talvez aponte para uma nova realidade pedagógica: o LD continua sendo muito importante, mas muitas vezes não é mais a única ferramenta utilizada no ensino dos conteúdos científicos em sala de aula nas escolas.

Os docentes entrevistados afirmam que também se apoiam em outras fontes e formas de trabalho em sala de aula, como os projetos de pesquisa e as aulas em laboratório, com vídeos, projeções e outros materiais. Os dados obtidos são consoantes com a pesquisa de Sgnaulin (2012), que afirma que os professores utilizam imagens, textos complementares e exercícios propostos pelos LDs em suas aulas. Quando se referem à forma de trabalho e uso do LD em suas aulas, os professores apontam alguns aspectos da utilização deste material:

PE1: “...trabalhando os textos... fundamentalmente trabalhar os textos... e quando eu percebo que o livro tem uma boa sequência didática, atividades que vão complementando esse trabalho com o texto... eu pego, sem nenhum constrangimento, essa sequência didática...”

PE3: “Eu indico bastante exercício do livro didático... tem esta parte de imagens que eu te falei, que agora esse ano eu comecei a trabalhar com os sextos anos... parece que eles sentem mais necessidade de ter o livro ali... você vai chegando numa oitava, ali já não precisa tanto assim... mas eu não tenho oportunidade de trabalhar todo dia com o livro didático, como te falei... mas eu tento trabalhar NO MÍNIMO na minha aula faixa que eu tenho na semana... com todas as turmas eu tenho pelo menos uma aula faixa... então nesse dia eu tento trabalhar com o livro...”

PE5: “Eu utilizo bem pra pesquisa mesmo ((professor ri))... ah, eu... tipo, agora eu tava utilizando o livro... eu falo um pouquinho de um assunto, deixo eles ((os alunos)) meio curiosos... e daí eu faço eles irem lá e pesquisar... ou então eu vejo se tem algum texto... [...]”

Os professores, apesar de demonstrarem uma capacidade de desprendimento do LD de Ciências, consideram este um importante material para consulta dos alunos e até como, muitas vezes, única fonte de leitura para informação e conhecimento do estudante e sua família:

PE2: “[...] o nosso aluno, eu tenho bem claro que a maioria dos nossos alunos é o único material que ele tem disponível de leitura, na... principalmente na sua casa... então eu acho que, de certa forma, é um material que se tem que usar até tendo em vista esse contexto, né... de ter carência mesmo de material de leitura em casa [...]”

PE6: “[...] mas então o livro é sempre um APOIO, tá... eles leem em casa ou eu dou uma atividade dirigida em que eles tem que pesquisar no livro, tá...”

Estes docentes conhecem o potencial alcance desta ferramenta e ressaltam que não podem planejar e aplicar suas aulas de forma totalmente independente destes livros. Alguns professores até dizem

conseguir desenvolver suas aulas sem o LD, embora considerem mais difícil trabalhar dessa forma:

PE1: “Conseguiria, mas eu não gostaria... porque eu acho ele ((o livro didático)) uma ferramenta bem importante, como eu te falei... pela quantidade de texto, pela sequência didática, pelo aquilo que ele pode proporcionar para o aluno em casa... porque o aluno... o livro é dele, ele leva pra casa... nós tamos numa escola pública... muitas vezes, dependendo do letramento da família, são os livros didáticos materiais desse tipo... pra família... e não mais que isso, então eu acho bem importante ter um livro, entender como é esse livro, poder manipular, poder ir lá pro fim do livro...”

PE8: Porque eu consigo trazer material de fora, né... porque tem outros recursos... tem internet... a gente tem sala de informática, a gente tem o auditório, né... a gente tem xerox, que eles ((os alunos)) podem tirar e trazer também, né... atividades... eu acho que é um recurso bom, mas que é algo que se poderia fazer a aula sem livro didático, poderia...”

Um dos professores afirma veementemente não utilizar o LD como norteador dos planejamentos e práticas pedagógicas:

PE4: “Mas eu NUNCA fui dependente de livro didático... AGORA eu tô usando livro didático assim, mais sistematicamente esse ano e no ano passado... antigamente, tanto é que eu tinha os livros aqui, daí eu levava pra sala, a gente ((a professora e os alunos)) conversava, trocava ideia... na hora de fazer atividade, um fazia um tipo de exercício, outro fazia outro pra eu ver o nível do aluno... eu oferecia um ((exercício)) um pouco mais complexo pra aquele aluno que eu via que ia em frente e praquele que eu via que precisava de apoio, eu usava um outro tipo de questão mais adaptada à compreensão de mundo dele... então o fato das crianças ganharem livros didáticos TODOS IGUAIS, pra mim é muito limitante... [...]”

A fala do docente acima nos permite verificar o quanto o LD pode não estar adaptado ao perfil de aluno ao qual seu uso está destinado, o que caracterizaria um insucesso em seu emprego no ensino naquele momento específico. Já outro professor entrevistado afirmou conseguir planejar e ministrar uma aula de Ciências sem o livro, mas disse crer que, desta forma, não seria uma aula satisfatória para o estudante:

PE7: “Porque pro aluno é importante ele ter acesso a essa imagem que tá aqui, entendeu... pro aluno é importante ele ter, ele ver o que é que a fala tá no livro... dar importância ao escrito e publicado, entendeu... e as imagens... você não pode falar, às vezes você tem que ver, né... então eu acho que pro aluno seria muito difícil... porque pra gente ((os professores)), como a gente tem a nossa grade já... nós já temos isso estabelecidos nos nossos cursos, né... currículo e tal... a gente já sabe o que é que tem que dar ((conteúdo)) por bimestre, né... já tá uma coisa mais especificada... eu PODERIA dar sem livro, mas eu acho que ia ser pobre, entendeu... aí ia ser um argumento mais empobrecido, aí você vai ter que usar outros apetrechos, né... muito vídeo, muito banner... muito... outro tipo de apoio, né... mas poderia... mas eu acho uma CONQUISTA o aluno TER o livro hoje, de graça... eu acho uma conquista e não deve ser desprezada, deve ser bem escolhida...”

A fala acima elucida a importância que o professor confere a este material na vida do estudante, pois o LD é um direito conquistado do estudante brasileiro e sua distribuição nas escolas garante que o aluno possua alguma fonte de informação. Os resultados e análises de Cassabe Martins (2008) vão igualmente na direção do livro ser de fácil acesso e da probabilidade do mesmo existir como única fonte de conhecimento e consulta em muitos casos:

[...] Consideramos também que a situação sócio-econômica que o aluno da escola pública vivencia e as condições de trabalho às quais o professor é submetido constituem as condições de produção do discurso docente sobre o livro. Ao livro é atribuído grande valor na medida em que este representa a única possibilidade de vivências e de

fonte de acesso aos saberes escolares. (CASSAB; MARTINS, 2008, pág. 20).

Os professores entrevistados, quando perguntados sobre a utilização do LD, foram unânimes em afirmar que não usam este recurso em todas as suas aulas. Os fatores que determinam esta forma de utilização são a ausência de livros para todos os alunos (PE3) ou a utilização de outros materiais e recursos (PE4, PE5), por exemplo. Os mesmos docentes afirmam que complementam suas aulas com vídeos, mapas conceituais, esquemas resumidos e as saídas de estudo na escola ou pela rua.

De uma maneira geral, e no que diz respeito apenas ao uso do LD nas aulas (conforme mencionado à página 36 deste texto), a tendência observada nas entrevistas, de acordo com a definição de Delizoicov (1995) é de um professor em transição (PE1, PE2, PE3, PE6 e PE7) ou transformador (PE4, PE5 e PE8).

Para a autora, o professor em transição:

Pode-se inferir que o professor ao fazer uso do livro didático seleciona o que possa contribuir para o desenvolvimento das aulas, uma vez que como ele mesmo salientou, a escola dispõe de livros e estes podem ser os únicos a que os alunos venham a ter acesso. Ainda que esse professor não utilize o livro didático como único recurso didático pedagógico e não faça do mesmo o direcionador das atividades, pressupõe-se que não realiza de forma satisfatório o "discurso da análise de texto", (Giroux, 1988) uma vez que desvelou apenas parcialmente as idéias subjacentes no texto por ele examinado. (DELIZOICOV, 1995, pág. 87).

Já o professor transformador:

Apesar dos alunos possuírem o livro didático, o professor não faz do mesmo o direcionador das atividades. O livro passa a figurar entre outros recursos selecionados e levados para a sala de aula pelo professor. (DELIZOICOV, 1995, pág. 88).

Os professores participantes deste estudo assumem novamente o LD como uma importante ferramenta para planejar e ministrar as aulas de Ciências, mas tomam cuidado para não assumir estes materiais como única referência. A preocupação em não deixar que todas as ações docentes sejam guiadas pelo LD está bem expressa nas palavras dos

docentes entrevistados e parece ser um fator positivo na atuação do professor:

PE2: “...eu acho importante, mas tu não pode ficar engessado... eu acho que o livro não pode engessar a tua prática... tu não pode pegar o livro e achar que ele é a bíblia e deu... então tu também... tu tem que aproveitar o que tem de BOM no livro didático... e tem coisas muito boas no livro didático... então essa questão de tu ter essa leitura, dizer o que que é bom, o que que dá pra trabalhar...”

PE5: Ah, no planejamento é legal porque eu olho o livro no que que ele tem de conceito... os conceitos que eu vou trabalhar... aí então eu vou precisar trabalhar a questão ambiental, eu vou precisar trabalhar a questão da saúde, eu vou precisar trabalhar os sistemas lá do corpo humano... o que é que ele tem ((o livro)) que vai me dar subsídio pra isso... porque eu vou usar ele TAMBÉM..”

É visível por meio das falas acima que o LD está bastante presente nas aulas de Ciências, seja através do seu uso de maneira explícita ou implicitamente no planejamento da aula pelos docentes. Porém o professor PE4 tem posicionamento um pouco distinto dos demais quando responde sobre a importância do LD no planejamento, em sua visão:

PE4: “No PLANEJAMENTO eu não uso livro didático... meu planejamento é feito com obras mais profundas do que o livro didático... livro didático é pro aluno, tá certo... claro que eu tô ciente de que capítulo eu tô, que questões, se aquela dá pra fazer ou não dá, se essa tem um alcance que eu não aprofundei pra fazer aquela questão... mas no caso eu uso os livros de ensino médio... não uso os livros de ((ensino fundamental))... porque eu tenho que ir ALÉM... eu tenho que pensar naquele aluno que vai me perguntar uma coisa que não tá ali... porque tem coisa que tá no livro que a resposta tá errada e se eu nem sequer fiz em casa, pra poder achar que a resposta tá errada, aí eu vou chegar na sala e fazer e não vou encontrar aquela resposta ((errada)), eu mesma vou me sentir frustrada...”

Este recorte específico acima descrito talvez aconteça pela atual facilidade com que os docentes encontram materiais para as aulas de Ciências, estejam estes em meios digitais como a *internet* ou nos materiais extras, como os livros paradidáticos e os panfletos informativos recebidos pelas escolas. Desta maneira os docentes conseguem se desprender do LD inclusive no momento do planejamento das suas aulas.

Já na questão do desenvolvimento das aulas, analiso que os professores participantes da pesquisa adotam o LD como um recurso auxiliar para o percurso do aluno ou referência coadjuvante a partir da explicação conduzida pelo professor. Alguns trechos que exemplificam este uso do livro no desenvolvimento das aulas, na visão dos professores são:

PE2: “Olha, muitas vezes é um guia, é como se fosse um guia... ele dá uma certa organização pra tua aula... até porque assim... ele ((o livro didático))... ele tem sequência didática, então ele dá um começo, um meio e um fim pra tua aula, tá... ele problematiza, ele levanta... ele tem um momento de levantar os conhecimentos prévios, tem o momento de desenvolver e tem o último momento, também, de fechar... então ele, de certa forma, ele propicia essa organização... mas nada de engessar tua aula... eu sou contra isso...”

PE3: “[...] na sétima série ali, principalmente... a parte de imagens... a parte de exercícios bem elaborado [...]”

PE6: “((Pausa do professor))... Ele é importante mais por este aspecto do texto, né, do apoio, por ser um material... porque a gente não tem essa disponibilidade de xerox à vontade ou então ter um texto de fora, produzir... e a gente não tem esse tempo pra estar ORGANIZANDO tanto texto, né... então eu já vou usar esse meu tempo pra pensar em usar outras atividades, né... porque o texto já tá ali, daí esse texto está dentro do que eu quero trabalhar, é interessante, todo mundo vai entender o conteúdo em cima do texto que o livro tá trazendo... mas geralmente é no livro assim... tem uns textos bem claros, né... não todos, né, mas a gente já olha isso também como está no livro, né...”

Está claro que o professor de Ciências nas escolas – principalmente as públicas – ainda tem o LD como um poderoso aliado nas suas atividades de ensino e não consegue se desprender dele de maneira total. Este fator ocorre porque o acesso a outros materiais nem sempre é facilitado e a questão dos baixos recursos é um poderoso limitante nestas possibilidades.

À guisa de síntese das análises, posso dizer que, de maneira geral, os professores que entrevistei são conscientes e preocupados com os aspectos relacionados à seleção e uso dos LDs em sala de aula. Estes docentes mostraram, em alguns pontos de suas falas, que estão inseridos e são ativos participantes no PNLD, seja lendo as obras didáticas, participando ativamente da seleção das mesmas ou discutindo a qualidade dos volumes apresentados entre seus colegas de profissão.

A questão do uso do LD em sala de aula também parece preocupar bastante os docentes entrevistados. Todos os professores manifestaram acreditar que estão trabalhando com o livro da melhor forma possível, ou seja, aquela que mais dá resultado com os seus estudantes. O professor deve, enquanto um dos principais atores no processo da educação escolar, poder trabalhar livremente com os LDs da forma que achar melhor.

É muito importante salientar nesta discussão que o saber docente não é ligado apenas ao conhecimento de conteúdo ou de como ensiná-lo. O professor também vive aperfeiçoando sua prática ao longo de seu tempo de magistério, suas formações, sua socialização do conhecimento e experiências vividas ao longo do seu trabalho docente com os colegas de profissão (TARDIF, 2011). Dessa forma, fica evidente que, assim como os saberes docentes se aprimoram ao longo do tempo de experiência dos professores, seus saberes para utilizar os LDs no próprio trabalho também são aprimorados ao longo de suas vivências como docentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro ao longo deste trabalho que o grupo de professores de Ciências entrevistados é o responsável pela escolha do LD no município de Florianópolis e, embora reconheça que esteja limitado apenas às obras presentes no GLD, este professor demonstra satisfação com seu poder de decisão sobre este material. A escolha em conjunto, da forma como é realizada no município, propicia as discussões e troca de informações entre os pares para decidir sobre a melhor obra a se adotar em todas as escolas dentro do grupo escolar da disciplina.

A relação da opinião dos docentes sobre sua preparação e formação para a escolha do LD é diretamente proporcional a seu tempo de atividade dentro de sala de aula. O que se observou nas entrevistas é que, quanto maior o tempo de atuação dos professores nas escolas, mais este professor se considera apto a analisar, avaliar e escolher o material que considera melhor para trabalhar com os alunos, na própria opinião. Logo podemos concluir que o professor considera a escolha deste recurso como parte das suas atividades de trabalho e adquire maior experiência nesta prática também com o passar dos anos.

Talvez uma potencial causa da situação descrita seja a insuficiente formação inicial para lidar com as questões práticas da docência, em um aspecto geral, e com a escolha e uso do LD, de uma maneira específica:

A maioria dos professores destaca que a formação inicial pouco contribuiu para o enfrentamento dos desafios do cotidiano escolar, entre estes, a escolha e o uso do livro didático. Como revela a pesquisa, foi na prática que os professores aprenderam a avaliar o livro que melhor se adapta ao seu planejamento de ensino e à gestão do tempo da aula. (SGNAULIN, 2012, pág. 113-114).

Nardi (1999) afirma que considerar o professor como principal responsável pela seleção das obras didáticas é um bom caminho para que se melhore a qualidade do ensino. O autor completa ainda que um professor bem formado dificilmente escolheria um material didático ruim, pois estaria muito melhor preparado para esta tarefa.

Para que o trabalho com o LD dentro das escolas ocorra de maneira satisfatória, é preciso conferir totais poderes de escolha deste

material aos professores de Ciências. Tardif (2011) traz uma importante contribuição neste sentido quando diz:

Ainda hoje, na maioria dos países, embora os professores ocupem a posição mais importante entre os agentes escolares, embora o papel deles seja tão importante quanto o da comunidade científica, no que se refere ao aspecto sociocultural, eles se encontram, com muita frequência, em último lugar na longa sequência dos mecanismos de decisão e das estruturas de poder que regem a vida escolar. Em suma, seu poder, não somente na vida dos estabelecimentos escolares, mas na organização e no desenvolvimento de seu próprio trabalho, é realmente muito reduzido. Entretanto, se quisermos que os professores sejam sujeitos do conhecimento, precisaremos dar-lhes tempo e espaço para que possam agir como autores autônomos de suas próprias práticas e como sujeitos competentes de sua própria profissão. (TARDIF, 2011, pág. 243).

Porém, segundo Carvalho e Gil-Pérez (2011), a necessidade de formação do professor é permanente, pois existem algumas lacunas na formação inicial e a necessidade de renovação e atualização dos docentes é constante. Para Lima e Vasconcelos (2008), muitos dos problemas em sala de aula que devem ser enfrentados pelo professor só adquirem sentido quando são vivenciados pelo docente em sua prática de sala de aula.

A carga da formação inicial das licenciaturas também não consegue dar conta de todas as demandas para a formação de um bom docente, pois todos os conteúdos se tornariam inesgotáveis dentro de um curso de graduação e não seriam abordados em tempo hábil (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2011). Desta forma, o professor – mesmo aquele já formado e em atividade – deve ter seu tempo e espaço para investimento na formação continuada, que pode lhe preparar ainda melhor para esta tarefa de seleção do livro.

Por outro lado, o estudo e a análise do LD pelo grupo dos professores de Ciências, processo que acontece na rede municipal de Florianópolis, é um fenômeno altamente formador do docente, pois este material pode não ser tão bem estudado pelo professor quando o mesmo trabalha de forma solitária. O que Carneiro, Santos e Mól (2005)

afirmam é que nem sempre o professor conhece o LD tão bem quanto pensa que conhece. Então quando este docente se aproxima coletivamente desse instrumento de trabalho está, na verdade, enriquecendo sua formação, conhecimento e também as suas práticas relacionados a este material.

O professor de Ciências, quando conhece e avalia de fato o livro com que trabalha, também pode passar a dominar e entender o porquê dos conteúdos que ensina em sala de aula (ECHEVERRÍA; MELLO; GAUCHE, 2010). Gostaria de ressaltar que esta prática nem sempre é fácil e, via de regra, os professores entrevistados associaram o domínio dos conteúdos e o uso parcimonioso do LD em suas práticas docentes com o tempo de experiência no magistério. Este dado pode nos levar a concluir que a formação docente também ocorre durante a atividade destes profissionais (TARDIF, 2011).

Os professores de Ciências entrevistados esperam que o LD não apresente apenas o propósito de servir como um guia curricular (LOPES, 2007), mas também traga informações complementares, sugestões de atividades e suporte pedagógico às ações desenvolvidas no âmbito do ensino e da aprendizagem das Ciências (CARNEIRO; SANTOS; MÓL, 2005). Ou seja, os professores estão apresentando um posicionamento crítico em relação à forma de utilização e trabalho com este instrumento. Todos os docentes entrevistados relataram alternar o uso do LD – seja nas atividades em sala, trabalhos de pesquisa, leitura em casa, etc. – com outros recursos em suas aulas. Esta forma de uso do LD retrata uma realidade atual onde o acesso aos demais materiais para o EC e a saída da sala de aula para o laboratório de Ciências ou os espaços externos é cada vez mais frequente.

Outra razão para esta mudança na postura dos docentes ao longo do tempo pode estar na resposta dos estudantes às formas alternativas de trabalho com este material. O LD como guia curricular fixo e imutável também pode se mostrar infrutífero na prática de sala de aula, na visão dos professores entrevistados nesta pesquisa. As diferentes turmas – com diferentes faixas de idade, comportamentos e conhecimentos prévios – podem não responder de forma igual ao mesmo LD, o que exige modificações na postura do professor que ensina Ciências nas escolas. Fica claro neste caso que o LD deixou de ser o centro do ensino escolar para constituir-se em um importante material de apoio.

A importância nesta mudança de postura do professor de Ciências em relação ao uso do LD fica evidente quando vejo que alguns livros de baixa qualidade, ainda provenientes da época onde não havia

avaliação das obras pelo MEC, podem continuar circulando – em menor volume, obviamente – pelas escolas públicas e os docentes, eventualmente, precisam saber trabalhar também com estes materiais, como ocorreu há algum tempo (NUÑEZ *et al*, 2001). O que importa nestes casos é que o professor pode trabalhar com qualquer LD no EC, desde que tenha consciência dos problemas nele existentes e o discuta com seus alunos no momento de suas aulas (CARNEIRO; SANTOS; MÓL, 2005).

Outro fator positivo na mudança de postura dos professores parece sugerir que o LD está se consolidando como um produto cultural, para além dos limites da ação pedagógica em sala de aula. Os professores de Ciências entrevistados querem que o aluno tome o livro como uma leitura e fonte de conhecimento para outros momentos além das aulas de Ciências, como as atividades de pesquisa feitas em casa, por exemplo. É importante que o estudante procure as informações contidas neste material em outros momentos além daqueles vividos em sala de aula.

Segundo Lopes (2007), o LD não será a solução do professor com deficiência em sua formação, do aluno sem acesso a outras possibilidades de conhecimento e nem será assumido como forma de constituir o currículo nacional. O professor de Ciências, ao assumir certa autonomia em relação ao trabalho com o LD, parece estar reconhecendo esta afirmação da autora como legítima, pois relativiza o uso deste recurso em suas aulas.

Concordo com a afirmação de Nardi (1999) quando o autor afirma que um dos aspectos falhos na seleção de LDs pelos professores –em formação inicial ou já em atividade – é o fato destes serem totalmente excluídos dos momentos da análise e seleção destes materiais pelo MEC:

Embora não se negue a importância de processos como o Plano Nacional do Livro Didático, entendemos que os órgãos governamentais (ou grupos de técnicos especializados) não podem continuar indefinidamente assumindo papéis de responsabilidade do professor, enquanto, por outro lado, permitem a abertura de cursos superiores deficientes, principalmente licenciaturas, que são os principais responsáveis pela baixa qualidade do corpo docente hoje em exercício nas escolas do país. São ações que, no mínimo, devem ser estudadas e implantadas em conjunto. Caso contrário, as novas tecnologias apenas

reproduzirão ou copiarão os mesmos padrões de organização dos atuais livros didáticos, e aí estará “decretada a morte das capacidades de análise, avaliação e criatividade dos professores e estudantes brasileiros” (SILVA, 1996). (NARDI, 1999, pág. 102).

O que se observou ao longo deste trabalho foi justamente o fator descrito anteriormente: os professores de Ciências da rede municipal de Florianópolis, visando selecionar da melhor maneira possível seus LDs, reúnem-se em grupo, onde todas as obras são avaliadas e apresentadas entre todos, visando uma escolha conjunta e baseada em discussão. Uma decisão baseada na troca de impressões e experiências entre os pares parece contribuir neste sentido. O que também noto é que os professores realizam, de maneira semelhante, o trabalho das avaliações formadas pelo MEC para análise e escolha dos LDs que comporão o GLD, discutindo e comparando as diferentes coleções didáticas para formularem os próprios pareceres das obras.

O fato descrito no parágrafo anterior demonstra talvez o quanto o governo e a classe docente estejam desprendendo esforços em sentidos opostos para realizar a mesma tarefa, pela simples falta de aproximação entre as partes. É visível o esforço dos órgãos governamentais para melhorar a qualidade do material didático distribuído, mas talvez este fosse um trabalho melhor aproveitado se os professores das escolas públicas fossem chamados a dar sua contribuição sobre estes LDs selecionados e utilizados em suas unidades escolares.

Porém, este problema da falta de aproximação entre governo, órgãos da educação e professores pode ter trazido uma consequência positiva ao trabalho dos professores em relação ao LD: é visível a mudança de postura destes profissionais ao longo da trajetória temporal. Nesta pesquisa vejo que o LD deixou de ser o único recurso para o EC e passou a ser uma ferramenta auxiliar neste trabalho. Mais que isso: os professores participantes desta pesquisa parecem reconhecer e atribuir a importância do LD como um recurso dentro de seus trabalhos, mas estão complementando suas aulas de outras formas e com outros recursos.

Os docentes ouvidos neste trabalho alegaram que estão utilizando outras ferramentas de ensino, como projeção de *slides*, vídeos, aulas práticas em laboratórios ou outros ambientes, saídas de estudo e visitas a campo. Estas atividades somam-se ao uso dos demais recursos dos LDs que os professores julgam serem pertinentes às aulas e

práticas com os alunos. Essa relação de complementaridade é algo bastante positivo na visão dos docentes participantes desta pesquisa.

O que observo neste caso é que o professor se adapta a uma nova realidade de trabalho, onde todos os livros – não apenas os didáticos – saíram do centro das atenções dos jovens estudantes e estão dando espaço a outras formas de comunicação e divulgação do conhecimento, como os meios eletrônicos e a *internet*, por exemplo. Até onde isso é positivo ou negativo, não se pode dizer. Aliás, não é este o propósito deste trabalho. Mas o atual panorama da educação escolar fez com que o LD deixasse de ser a única ferramenta utilizada para o EC e passasse a ser um grande recurso auxiliar neste trabalho.

Porém, num país como o Brasil, onde o acesso aos livros e demais materiais que divulgam o conhecimento ainda é bastante restrito, principalmente por questões econômicas, é completamente recomendável que se continue a investir no LD como ferramenta para o ensino e a aprendizagem de Ciências nas escolas. O governo, ao distribuir gratuitamente este recurso aos estudantes da rede pública, reconhece-o como de grande importância para os estudantes brasileiros. Desta forma, não me parece adequado abandonar ou substituir este recurso por outro material qualquer para os estudantes porque o LD possui um valor simbólico na educação em nosso país. Não é a distribuição de *tablets* ou *notebooks*, por exemplo, que vai ajudar os estudantes a aprenderem mais ou de maneira melhor o conteúdo de Ciências ensinado nas escolas.

As perspectivas para futuras pesquisas apontam nesta direção: como os professores de Ciências estão lidando com o surgimento de novas ferramentas de divulgação do conhecimento científico e ensino escolar? Os momentos de formação inicial e continuada contemplam as possibilidades de trabalho com estas novas ferramentas? Qual o papel de meios como o digital e a *internet* no EC e no conhecimento de novas informações? Existe possibilidade de utilização destes mecanismos dentro da educação escolar? De que forma? Estas novas possibilidades de se ensinar Ciências substituem a presença e a importância do LD dentro das escolas no Brasil?

6. REFERÊNCIAS

AMARAL, I. A.. **Os Fundamentos do Ensino de Ciências e o Livro Didático.**In: FRACALANZA, H. e MEGID NETO, J. (Orgs.). O Livro Didático de Ciências no Brasil. Campinas: Editora Komedi, pág. 83-123, 2006.

AMARAL, I. A.; MEGID NETO, J.; FRACALANZA, H.; AMORIM, A. C. R.; SERRÃO, S. M.. **Avaliando livros didáticos de Ciências. Análise de coleções didáticas de Ciências de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.**In: FRACALANZA, H. e MEGID NETO, J. (Orgs.). O Livro Didático de Ciências no Brasil. Campinas: Editora Komedi, pág. 199-216, 2006.

BAGANHA, D. E.; GONZALEZ, C. E. F.; BOAL, D. G.. **O livro didático de Biologia: a escolha de um recurso adequado à prática docente.** In: Anais V EREBIO - IV ICASE, 2011, Londrina - PR. Desafios da Ciência entremeando culturas, 2011.

BARBIERI, M. R.. **Mais que uma alternativa ao livro didático.** Passando a Limpo, Ribeirão Preto, pág. 1-13, 1992.

BIZZO, N. M. V.. **A crítica da crítica: as deficiências não se limitam aos Livros Didáticos de Ciências.** In: Anais III Encontro “Perspectivas do Ensino de Biologia”. (EPEB). São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **Graves erros de conceito em livros didáticos de Ciência.** Ciência Hoje, Rio de Janeiro, Vol. 21, núm. 121, pág. 26-35, 1996.

_____. **A avaliação oficial de Materiais Didáticos de Ciências para o Ensino Fundamental no Brasil.** In: Anais VII Encontro “Perspectivas do Ensino de Biologia”. (EPEB). São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000a.

_____. **Falhas no ensino de Ciências.** Ciência Hoje, Rio de Janeiro, Vol. 27, núm.159, pág. 26-31, 2000b.

BOER, N.; MORAES, E. C.. **Políticas educacionais, visões de mundo e a articulação em processos educativos.** Ciência & Educação, Vol. 12, núm. 3, pág. 291-302, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 91.542, de 19 de Agosto de 1985.** Programa Nacional do Livro Didático. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-livro-didatico>>. Acesso em 08/09/2011.

_____. **Lei nº 9.394/96 de 20 de Dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 30/03/2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa Nacional do Livro Didático 2008 – Guia de livros didáticos 5ª a 8ª Séries - Ciências**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2008. Disponível em <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/livro_didatico/guias_pnld_2008_ciencias.pdf>. Acesso em: 30.03.2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa Nacional do Livro Didático 2008 – Guia de livros didáticos 5ª a 8ª Séries - Ciências**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2011. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/index.php/ph-arquivos/category/12-guias-pnld-2011?download=39%3Apnld2011ciencias>>. Acesso em: 05.03.2011.

_____. **Programa Nacional do Livro Didático**. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2012. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-livro-didatico>> Acesso em 22.11.2012.

CAMPOS, A. F.; LIMA, E. N.. **Ciclo do nitrogênio: abordagem em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental**. Investigações em Ensino de Ciências. Vol. 13, núm. 1, pág. 35-44. 2008.

CARNEIRO, M. H. S.. **As imagens no livro didático**. In: Anais I Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 1997.

CARNEIRO, M. H. S.; SANTOS, W. L. P.; MÓL, G. S.. **Livro Didático inovador e professores: uma tensão a ser vencida**. Ensaio. Vol. 07, núm. 2, pág. 35-45, 2005.

CARVALHO, A. M. P.. **Uma metodologia de pesquisa para estudar os processos de ensino e aprendizagem em salas de aula**. In: SANTOS, F. M. T.; GRECA, I. M. (Orgs.) Ileana Maria Greca. (Org.). A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias. Ijuí: Unijuí, 2006, Vol. 1, pág. 13-48.

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D.. **Formação de Professores de Ciências: Tendências e Inovações**. 11ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

CASSAB, M.. **A problemática da seleção do livro didático de ciências: por que discutir sua linguagem?**. In: MARTINS, I.; GÔUVEA, G.; VILANOVA, R. (Orgs.). O livro didático de Ciências:

contexto de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

CASSAB, M.; MARTINS, I. **A escolha do livro didático em questão**. In: Anais IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 2003.

_____. **Significações de professores de Ciências a respeito do livro didático**. Ensaio, Vol. 10, núm. 1, 2008.

CASSIANO, C. C. F.. **Mercado do livro didático no Brasil**. In: I Seminário Brasileiro sobre o livro & História Editorial, Rio de Janeiro, 2004.

CHOPPIN, A.. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e Pesquisa, Vol. 30, núm. 3, pág. 549-566, 2004.

DELIZOICOV, N. C.. **O professor de Ciências Naturais e o Livro Didático (No Ensino de Programas de Saúde)**. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M.. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

ECHEVERRÍA, A. R.; MELLO, I. C.; GAUCHE, R.. **Livro Didático: Análise e utilização no Ensino de Química**. In: SANTOS, W. L. P.; MALDANER, O. A. (Orgs.). Ensino de Química em Foco. Ijuí: Ed. Unijuí, pág. 263-286, 2010.

EL-HANI, C. N.; ROQUE, N.; ROCHA, P. L. B.. **Livros Didáticos de Biologia do Ensino Médio: Resultados do PNLEM/2007**. Educação em Revista (UFMG. Impresso), Vol. 27, núm. 1, pág. 211-240, 2011.

FERNANDES, A. T. C.. **Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, Vol. 30, núm. 3, pág. 531-545, 2004.

FERREIRA, H. R.. **Reflexões sobre a escolha do Livro Didático**. Revista de Ciências da Educação, Vol. 2, núm. 3. Lorena, São Paulo, 2000.

FERREIRA, M. S.; SELLES, S. E.. **A produção acadêmica brasileira sobre livros didáticos em Ciências: uma análise em periódicos nacionais**. In: Anais IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2003, Bauru.

FLORIANÓPOLIS. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, 2008.

_____. **Secretaria Municipal de Educação.** Departamento de Planejamento da Educação. Florianópolis: SME, DEPLAN: 2009. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/educa/planejamento.htm>>. Acesso em: 25/05/2009.

_____. **Gerência de Formação Permanente – GEPE.** Florianópolis: SME, DEPLAN: 2012a. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=formacao+permanente&menu=7>. Acesso em: 11/09/2012.

_____. **Documentos, circulares e ofícios sobre escolha do livro didático no município de Florianópolis** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <Marcelo DAquino Rosa>. em: 13/09/2012.

_____. **Instituições Educativas - Escolas Básicas Municipais.** Florianópolis: SME, DEPLAN: 2012b. Disponível em: <<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=escolas+basicas&menu=14>>. Acesso em: 11/09/2012.

FRACALANZA, H.. **O que sabemos sobre os livros didáticos para o ensino de Ciências no Brasil.** Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1992..

_____. **A pesquisa sobre o livro didático de Ciências no Brasil.** In: ROSA, M. I. P. (Org.). Formar: encontros e trajetórias com professores de Ciências. São Paulo: Editora Escrituras, 2005.

_____. **O livro didático de Ciências: novas ou velhas perspectivas.** In: FRACALANZA, H. e MEGID NETO, J. (Orgs.). O Livro Didático de Ciências no Brasil. Campinas: Editora Komedi, pág. 175-195, 2006.

FREITAG, B.; MOTTA, V. R.; COSTA, W. F.. **O estado da arte do livro didático no Brasil.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), Brasília, 1987.

HÖFLING, E. M.. **Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático.** Educação e Sociedade, Campinas, Vol. 21, núm. 70, pág. 159-170, 2000.

_____. **A trajetória do Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação no Brasil.** In: FRACALANZA, H. e MEGID NETO, J. (Orgs.). O Livro Didático de Ciências no Brasil. Campinas: Editora Komedi, pág. 19-31, 2006.

LEÃO, F. B. F.; MEGID NETO, J.. **Avaliações Oficiais Sobre o Livro Didático de Ciências.**In: FRACALANZA, H. e MEGID

NETO, J. (Orgs.). *O Livro Didático de Ciências no Brasil*. Campinas: Editora Komedi, pág. 35-80, 2006.

LIMA, K. E. C.; VASCONCELOS, S. D.. **O professor de Ciências das escolas municipais de Recife e suas perspectivas de educação permanente**. *Ciência & Educação*, Vol. 14, núm. 2, pág. 347-364, 2008

LOPES, A. C.. **Currículo e Epistemologia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MACEDO, E.. **As ciências no ensino fundamental**. In: III Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2001, Atibaia. Atas do III ENPEC, 2001.

MAFFIA, A. M. C.; CRUZ, R.; DIAS, L. S. M. E.; BRAUNA, R. C. A.. **Livro Didático de Ciências: O real e o idealizado em sua seleção**. In: Anais VIII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia, 2002, São Paulo.

MALAFAIA, G.; RODRIGUES, A. S. L. **Uma reflexão sobre o Ensino de Ciências no nível Fundamental da Educação**. *Ciência & Ensino*. Vol. 2, núm. 2, 2008.

MARTINS, I. **O papel das representações visuais no ensino-aprendizagem de Ciências**. In: Anais I Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 1997.

MARTINS, I.; GOUVÊA, G.; PICCINI, C.; BUENO, T.; LENTO, C.; PAULO, N.. **Uma Análise das Imagens nos Livros Didáticos de Ciências para o Ensino Fundamental**. In: Anais IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2003.

MARTINS, E. F.; SALES, N. A. O.; SOUZA, C.A.. **O Estado, o mercado editorial e o professor no processo de seleção dos livros didáticos**. *Estudos em Avaliação Educacional*, Vol. 20, núm. 42, pág. 11-26, 2009.

MEGID NETO, J.; FRACALANZA, H.. **O livro didático de Ciências: problemas e soluções**. In: FRACALANZA, H. e MEGID NETO, J. (Orgs.). *O Livro Didático de Ciências no Brasil*. Campinas: Editora Komedi, pág. 155-171, 2006.

MINAYO, M. C. S.. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R.. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOHR, A.. **A saúde na escola: análise de livros didáticos de 1ª a 4ª séries**. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em

Educação, Rio de Janeiro, RJ, Instituto de Estudos Avançados – Fundação Getúlio Vargas, 1995.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.** Ciência & Educação. (Bauru) [online], Vol. 9, núm. 2, pág. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C.. **Análise textual discursiva.** Ijuí: UNIJUI, 2007.

MOREIRA, A. F. B.. **Estudos de Currículo no Brasil: abordagens históricas.** In: PACHECO, Z.A.; MORGADO, J.C. & VIAYIA, I.C. (Orgs.). Políticas curriculares: caminhos da flexibilização e integração. Atas do IV Colóquio sobre questões Curriculares. Centro de Investigação sobre Educação. Universidade do Minho, 2002.

NARDI, R.. **A avaliação de livros e materiais didáticos para o ensino de Ciências e as necessidades formativas do docente.**In: BICUDO, M. A. V.; JUNIOR, C. A. S. (Orgs.). Formação do educador e avaliação educacional, Vol. 4, pág. 93-103. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

NASCIMENTO, T. G.; MARTINS, I.. **Elementos composicionais do texto de genética no livro didático de ciências.** Alexandria, Vol. 2, núm. 1, pág. 3-25, 2009.

NUÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L.; SILVA, I. K. P.; CAMPOS, A. P. N.. **O livro didático para o ensino de ciências. Seleccioná-los: um desafio para os professores do ensino fundamental.** In: Anais III Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2001.

_____. **A seleção dos livros didáticos: o saber necessário ao professor. O caso do ensino de ciências.** OEI - Revista Iberoamericana de Educación. Vol. 1681, pág. 56-63, 2003.

PICCININI, C. L.. **Imagens no ensino de Ciências: uma imagem vale mais do que mil palavras?** In: MARTINS, I.; GÔUVEA, G.; VILANOVA, R. (Orgs.). O livro didático de Ciências: contexto de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PIERSON, A. H. C.; NEVES, M. R.. **Interdisciplinaridade na Formação de Professores de Ciências: Conhecendo Obstáculos.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. Belo Horizonte, MS: Faculdade de Educação (UFMG), Vol. 1, pág. 19-30, 2001.

QUESADO, M.. **O papel dos aspectos da natureza da Ciência em livros didáticos de Ciências – uma análise textual.** In: MARTINS, I.; GÔUVEA, G.; VILANOVA, R. (Orgs.). O livro didático

de Ciências: contexto de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

ROSA, M. D.. **Os fungos na escola: análise dos conteúdos de Micologia em livros didáticos do Ensino Fundamental de Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

ROSA, M. D.; MOHR, A.. **Os fungos na escola: análise dos conteúdos de Micologia em livros didáticos do Ensino Fundamental de Florianópolis**. Experiências em Ensino de Ciências. Porto Alegre, RS: Instituto de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Vol. 5, núm. 3, pág. 95-102, 2010.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F.. **Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, Vol. 1, núm. 1, pág. 1-15, 2009.

SCHROEDER, E.; TOMIO, D.; AVANCINI, T.; OSÓRIO, T.; WEINGAERTNER, D.. **Contribuições do Livro Didático de Biologia para a Educação Científica na escola**. In: Anais III Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (ERE BIO). Ijuí, 2008.

SGNAULIN, I. M.. **Seleção e uso de livro didático de Ciências por professores iniciantes e experientes, da rede municipal de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, Universidade Católica Dom Bosco, 2012.

SILVA, T. R. N.. **O livro didático: reflexões sobre critérios de seleção e utilização**. Cadernos de Pesquisa (Fund. Carlos Chagas), São Paulo, Vol. 44, pág. 98-101, 1983.

SILVA, R. M.; TRIVELATO, S. L. F.. **Os livros didáticos de Biologia do século XX**. In: Anais VII Encontro “Perspectivas do Ensino de Biologia”. (EPEB). São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, M. M. da; TEIXEIRA, P. M. M.; JUCÁ-CHAGAS, R.. **Análise crítica do enfoque adotado sobre o conteúdo peixes em livros didáticos de ciências**. In: Teixeira, P. M. M. (Org.). Ensino de ciências: pesquisas e reflexões. Ribeirão Preto, SP: Holos Editora, pág. 53-67, 2006.

SILVA, H. C.; ZIMMERMANN, E.; CARNEIRO, M. H. S.; GASTAL, M. L.; CASSIANO, W. S.. **Cautela ao usar imagens em aulas de Ciências**. Ciência & Educação, Vol. 12, núm. 2, pág. 219-233, 2006.

SILVA, S. N.; SOUZA, M. L.; DUARTE, A. C.. **O professor de ciências e sua relação com o livro didático**. In: Teixeira, P. M. M.; Razera, J. C. C. R. (Orgs.). Ensino de ciências: pesquisas e pontos em discussão. Campinas: Komedi, pág. 147-166, 2009.

(SNEL), Sindicato Nacional Dos Editores de Livros. **Dados do mercado editorial de livros no Brasil**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <Marcelo DAquino Rosa>. em: 12/06/2012.

TARDIF, M.. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 13ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

TOLENTINO-NETO, L. C. B.; BIZZO, N. M. V.; SANO, P. T.. **A Escolha do Livro Didático de Ciências por Professores do Ensino Fundamental de Escolas Públicas**. In: Anais VIII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia, 2002, São Paulo.

TOLENTINO-NETO, L. C. B.. **O processo de escolha dos livros didáticos de ciências por professores de 1a a 4a séries**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação – USP, São Paulo, SP, 2003.

TRIVIÑOS, A. N.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

ZAMBON, L. B.; RODRIGUES, L. Z.; WESENDONK, F. S.; CLAVÉ, G. H.; LAMARQUE, T.; TERRAZZAN, E. A.. **Ações extensionistas de assessoramento na organização do trabalho escolar: materiais e recursos didáticos para o trabalho docente**. In: Anais “29º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul”. (SEURS). Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2011.

7. APÊNDICES

APÊNDICE I – Entrevistas
ENTREVISTA PE1

Data: 14/02/2012

Local da entrevista: escola do professor

Duração: 22 minutos.

A entrevista ocorreu na unidade escolar onde o professor leciona. No momento da conversa, estávamos em um período livre para o professor. Nós nos encontrávamos na sala onde funciona um laboratório de ensino e aulas práticas de Ciências. O espaço era arejado e confortável, nos fundos da escola. Neste ambiente, obtivemos o silêncio necessário para a nossa entrevista.

Entrevistador (E): Bom... a partir desse momento o nosso gravador tá funcionando, então vamos aqui iniciar a entrevista... minha primeira entrevistada do trabalho... ((risos))... vamos iniciar com algumas perguntinhas básicas... o teu nome completo é...

Professor entrevistado 1 (PE1): [...]

E: Leciona em que escola?

PE1: [...]

E: E quais são as últimas séries que você trabalhou?

PE1: Trabalhei sextas e oitavas...

E: Há quanto tempo você está no magistério?

PE1: Há trinta anos...

E: Sua graduação é em...?

PE1: Licenciatura plena em... Ciências Biológicas...

E: Tem alguma pós?

PE1: Não... ((entrevistada ri)) acabei não fazendo...

E: Vamos agora às perguntas sobre a escolha do livro didático... então a primeira pergunta que eu te faço é... quantas vezes você participou do processo de escolha do livro didático na escola?

PE1: Muitas vezes, mas assim... bem intensamente, nos últimos... oito anos pra cá... assim, de pegar os livros, levar pra casa... há seis anos

atrás foi a vez que a gente mais se dedicou, a gente tava em greve, participava do movimento, mas o tempo que não tinha nada na rua, não tava tendo mobilização, a gente tava lá... levava os livros e... ((entrevistada faz um som de empolgação))...

E: E aqui na escola quem é que escolhe o livro didático? Os professores?

PE1: Os professores e além do processo da escola tem uma discussão também com o grupo de Ciências... e assim, tem uma autonomia na escolha... os colegas escolheram outros livros... o livro que nós escolhemos só essa escola e mais uma... na [...], se não me engano ((a entrevistada faz menção a um bairro localizado na região norte da ilha de Santa Catarina))...

E: Como é que são selecionados os livros didáticos na escola?

PE1: Pois é... agora eu vou poder falar mais na área de Ciências, né? Bom, ahn... como a gente tá com o curso da [...] ((entrevistada faz menção a um curso de renovação, oferecido pelo município aos professores da escola)) há nove anos... esse é o nono ano... a gente tentou, dentre as várias opções de livros didáticos, que na nossa opinião tão melhorando a cada ano... a gente optou um que tivesse, digamos assim, um trabalho maior com gêneros textuais... uma das maiores preocupações foi ter uma coerência com aquilo que a gente tava trabalhando, já que a proposta é trabalhar gênero textual, entendendo que é uma forma mais didática, mais interessante de ler... de aprender a ler e escrever... entendendo aquela... digamos, aquela família de textos que se está explorando com o aluno, no nosso caso mais texto informativo, mas a gente tem outros tipos de texto, então acho que foi muito pautada nisso ((a seleção))... e gente, nessa época, tava com uma estagiária que é a [...]... e a [...] tinha trabalhado com esse livro... na verdade ela nos apresentou esse livro porque a gente já tinha alguns outros conhecidos e tava meio que indo na direção, tentando achar, mas ainda não satisfeito e a [...] até foi num dos encontros que a gente teria de Ciências e a gente sentou na biblioteca lá... não teve encontro por causa do movimento grevista e a gente pegou o livro e a gente começou a trabalhar em cima, ler, perceber as diferenças do livro e a gente fez essa escolha, eu e o colega de disciplina, né? Ficamos bem impressionados com a qualidade dos textos, com as sequências didáticas, que ajudam muito a organizar o trabalho com o aluno... que a gente não pode pensar só em como a gente aprende, em como a gente

aprendeu... tem que pensar na forma como esse aluno, cheio de limites e de coisas consegue aprender melhor, né?

E: Há alguma orientação ou pré-seleção de livros por parte da Secretaria da Educação ou da Direção da escola, por exemplo?

PE1: No MEC... só o MEC que faz isso... e ainda lança uma série de orientações, de critérios, e a gente lê, eu vou atrás desse critérios, gosto de saber muito dos pressupostos teóricos dos livros, me ajuda muito... até a entender melhor porque que eu quero aquele livro, às vezes é uma questão de simpatia, como a gente tem por determinados conteúdos... mas vou nos pressupostos, sempre vou... e quando eu sinto que tem uma... uma consistência assim me ajuda também na decisão, tanto que a gente escolheu novamente o mesmo livro... o Construindo Consciências pela segunda vez...

E: Você julga que dispõe de bons livros pra escolher?

PE1: Eu acho que sim... tem um crivo muito grande atualmente... uma série de questões... mesmo as questões mais técnicas, assim como a escala, como a questão das imagens, tem um cuidado muito grande... tem outros gêneros, né... a questão das notícias, as mensagens, então tem uma série de coisas que tão assim... digamos a sintonia com a realidade, aquelas coisas que a gente via nos livros didáticos que davam um susto... eu acho que tão bem melhores... e eu acho uma ferramenta bem importante de trabalho... até porque... – tem mais perguntas aí? Posso dar um break? –... até porque assim, Marcelo... pensar no que que tu vai trazer como alternativa pro teu aluno... se tu não tiver o livro didático... ele não é o único instrumento, mas é um instrumento importante... ahn... textos que tu vai selecionar, tudo bem, tu pode... xerox, tu vai dar conta de xerocar todos os bons textos... que imagens tu vai dar pra eles... preto e branco, num mundo tão colorido... que mais... e a sequência didática mesmo... nós aqui no curso com a [...] fomos nos dando conta o quanto é difícil preparar boas questões, boas provas, então uma boa sequência didática de um livro, uma boa forma te ajuda... e às vezes ou é aquilo que tu faz mesmo, não fica inventando a roda ou a partir daquilo tu adapta e tem uma clareza... digamos uma crítica melhor de como buscar teu material... então acho que eles ((os livros)) tão cada vez melhores...

E: O que você entende por um bom livro didático?

PE1: Um livro com bons textos informativos, né... com tudo que a ciência requer... e boas sequências didáticas pra gente trabalhar estes bons textos, sem dúvida...

E: Você conhece os trabalhos de análise de livros didáticos?

PE1: Um pouco... mais a análise do MEC... trabalhos de tese sobre o livro didático eu já participei na época da professora [...], foi uma das que entrevistou acho que boa parte do nosso grupo de Ciências, isso já tem... bota vinte e poucos anos ((entrevistada dá risada)) atrás... mais ou menos vinte a vinte e cinco anos atrás e... assim, mas da Academia eu sei que tem uma discordância muito grande, mas também acho que eles tão muito fora da escola e não tem um pé na realidade...

E: Há alguma relação entre a seleção do livro didático e o projeto político-pedagógico da escola?

PE1: COMPLETAMENTE, né... a questão dos gêneros, essa discussão que é tão atual... a questão da sequência didática, que facilita muito a compreensão... facilita não... é que ela OPORTUNIZA o aluno a entender mais aquilo que ele tá lendo... que gênero é aquele, né... e o que que ele vai esperar daquele texto... o que ele já tem que mobilizar pra conseguir extrair do texto, acho que isso é a coisa mais interessante assim... a gente consegue entender melhor os gêneros textuais, que antes era algo muito ligado à área de língua Portuguesa e a importância disso no nosso fazer pedagógico porque tudo é texto... então é a língua que passa, independente da área de atuação, né... é a língua que tá passando por tudo, então isso é fundamental... e até na hora da escrita pra organizar melhor esse processo de coleta de dados, de organização desses dados e de produção de texto mesmo, né... acho que a gente avançou muito assim com esse trabalho todo...

E: Você tem tempo para o planejamento e a escolha do livro didático? Considera este tempo adequado?

PE1: Sim... possuo esse tempo... não há momento específico dentro do meu tempo de trabalho... eu tenho todo o ano anterior para conhecer e ler as obras que eu vou selecionar para o ano seguinte, né... eu acho o tempo adequado... esse é um processo que é parte do meu trabalho...

E: O que é que você considera importante na escolha do livro didático?

PE1: Texto, né... em primeiro lugar o texto... assim, o livro, sempre lembro duma frase do Ziraldo, quando eu era mãe de criança pequena... o livro tem que ser bonito... pra eles... então uma boa formatação, boas

imagens... porque imagem hoje é fundamental... ahn... de preferência que tenha uma boa sequência didática... proposta de mobilização de conhecimentos prévios poucos tem... mas assim, poucos tem enquanto questionamento... porque muitas vezes tem uma ideia, um provérbio, uma frase, uma imagem e através pode mobilizar um trabalho, um mergulho teu, né... o que tu pode começar a mobilizar a partir dessa introdução ou outras coisas que tu traga como forma de mobilizar esse conhecimento...

E: No caso, esses são os elementos que mais chamam a tua atenção num livro didático?

PE1: É, eu acho que são... o texto verbal e não-verbal, porque imagem é um texto... a gente tem isso muito claro... a quantidade... ah, eu acho uma coisa muito interessante que tem no livro a quantidade de mapas que ele traz... e isso sim pra nós, que trabalhamos com seres que tão espalhados nesse mundo todo que tem uma diversidade tão grande de seres, ajuda a compreender melhor e faz uma ponte muito grande com a Geografia... os mapas eu também me encantei quando vi a quantidade de mapas... muitos esquemas também, muitas tabelas... ele ((o livro escolhido para a escola)) é assim, em termos de texto não-verbal, não-contínuo também... ele é muito rico...

E: O livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido?

PE1: O livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido... e chega uma quantidade grande, às vezes dez coleções e a gente... aí tem que se virar, né... claro que a gente não consegue dar conta de todos, mas como a gente conhece vários – pelo tempo que a gente já tá na profissão –, ahn... a gente dá uma olhada nesses que a gente já trabalhou, já conhece mais profundamente... vê o que que atualizaram ali, o que tem de proposta diferente e aí os que a gente não conhecia, como esse, no caso, né...

E: Há livros pra todos os alunos?

PE1: Sim, geralmente sim... ahn... de vez em quando, porque não há uma compatibilidade do número, né... não tem ainda exatamente o número de matrículas... tu tem que te basear com o número do ano anterior pra fazer o pedido ((dos livros)), então às vezes há um probleminha assim... uma turma fica com outros livros... mas não chega a comprometer, né... de uma maneira geral, todo mundo tem o livro...

E: Como é que você utiliza o livro didático nas suas atividades pedagógicas?

PE1: Bom... ahn... mobilizando os conhecimentos, seja com alguma coisa introdutória do livro, seja com imagens... a gente geralmente lê os textos e retira informações que são fundamentais nos textos informativos, como exemplo, algum dado... ahn... numérico ou um dado mais relevante... ou pra construir alguma tabela ou pra utilizar um mapa... um esquema, um mapa conceitual... ou pra fazer um mapa conceitual e depois produzir um resumo... hum...

E: Então, no caso, essa é a forma com que você utiliza o livro didático nas suas aulas?

PE1: Aham... trabalhando os textos... fundamentalmente trabalhar os textos... e quando eu percebo que o livro tem uma boa sequência didática, atividades que vão complementando esse trabalho com o texto... eu pego, sem nenhum constrangimento, essa sequência didática... e às vezes transformo até em avaliação...

E: Bom, acho que você já falou um pouco disso anteriormente, mas... é uma pergunta que eu tenho que te fazer de novo... é... se o livro didático é utilizado em todas as tuas aulas e, além dele, que outros materiais você utiliza?

PE1: Não, não... não é utilizado em todas as aulas... a gente tem algumas, digamos, propostas pedagógicas, né... por exemplo, o projeto de pesquisa... que que é esse projeto de pesquisa, é... algo estruturado completamente por um grupo de profissionais e a gente recebeu essa orientação da pesquisa... ahn... já fez pesquisas desde quinta série em 2004, no contraturno, pra que esse processo fosse realmente ensinado enquanto procedimento, né... não só em conteúdo, mas do saber fazer, né... então o que que a gente fazia... selecionava com a bibliotecária, que é uma EXPERT em pesquisa... selecionava o material junto com ela... esse primeiro projeto de pesquisa, que era uma carência da escola e a gente se debruçou... a gente fez as questões COM a equipe pedagógica e com a bibliotecária... eu ia lá pra casa dela em outros horários pra gente pegar o material que tinha selecionado e buscar o que poderia explorar desse material, ou seja, foi um trabalho muito rico... e depois disso a gente iniciou com o curso da [...]. então isso que a gente aprendeu de pesquisa a gente continuou levando pras outras turmas... mudou, por exemplo... não tem nem um ano que não tenha um trabalho forte de pesquisa ((com os alunos)), que inclui a coleta de dados a partir de um roteiro e eles vão organizar estes dados na forma de um trabalho

escrito... se a informática tá bem – que não é sempre que tá –, a gente faz geralmente um trabalho escrito e mais um trabalho informatizado na sala de informática na forma de slides pra que eles ((os estudantes)) possam socializar, então acaba ficando muito rico porque isso acontece e isso, muitas vezes leva um bimestre inteiro e não pode ser diferente porque é um trabalho com capa, folha de rosto, sumário... com introdução, com todo o desenvolvimento, com conclusão, com glossário, com considerações, com anexos, com referências... um trabalho completo... aí claro que no quinto ano umas dessas partes são mais simplificadas... chega na oitava série, tem todos esses itens...

E: É... pensando na sua atividade pedagógica atual, você conseguiria desenvolver as aulas de Ciências sem o livro didático?

PE1: Conseguiria, mas eu não gostaria... porque eu acho ele ((o livro didático)) uma ferramenta bem importante, como eu te falei... pela quantidade de texto, pela sequência didática, pelo aquilo que ele pode proporcionar para o aluno em casa... porque o aluno... o livro é dele, ele leva pra casa... nós tamos numa escola pública... muitas vezes, dependendo do letramento da família, são os livros didáticos materiais desse tipo... pra família... e não mais que isso, então eu acho bem importante ter um livro, entender como é esse livro, poder manipular, poder ir lá pro fim do livro... enfim... chegar pro professor... professor, e aquilo ali o que é que é... tá lá não sei em que capítulo... assim... estimular a curiosidade...

E: Como é que você caracteriza a importância do livro didático no planejamento das atividades?

PE1: Ah... a gente agora, fazendo essa proposta de currículo... e como a gente tem o nosso planejamento – meu e do meu colega de disciplina – assim muito forte em cima dos textos do livro... ele, digamos assim, ele tá bem... ele tá bem UTILIZADO no planejamento... bem utilizado... cada vez mais, eu diria pra ti... independente de ter trabalho de pesquisa, relatório de saída de estudo, o livro dá subsídio... a pesquisa a gente também coloca questões que eles vão ter os dados nos livros didáticos, pra que eles também usem esse livro autonomamente, digamos assim... não só com o professor, mas que eles saibam que ali ((no livro didático)) eles também pode recorrer e se utilizar de dados com autonomia...

E: Certo... última pergunta: como você caracteriza a importância do livro didático no desenvolvimento das aulas?

PE1: ... Hum... na verdade, assim ó... teve um tempo que a gente tentou organizar – porque nós não temos armários ((na escola)) – dias pra livro de Ciências, de História e Português, pra Matemática, Geografia e outras disciplinas... Artes... Artes nem tem... mas enfim, assim, a gente quis poupar um pouco a coluna vertebral dos alunos, né... e muitos não tiravam os livros ((das mochilas))... traziam todos, independente se tivesse ((aula da disciplina))... uma questão de organização deles, né... tivesse ou não a aula, mas... pra além disso a gente resolveu... tal dia usaria tais livros... ((a gente)) tentou organizar assim, não deu muito certo... então agora o que tá se pensando é armários... a escola vai passar por uma reforma porque a gente usa bastante... língua Portuguesa, que é um livro muito bom, que é da nossa palestrante, [...], esse livro, ele nos dá inclusive subsídios pra trabalhar os conteúdos procedimentais... volta e meia eu tô lá buscando informações... e se tem um texto de Ciências eu utilizo, faço... se tiver um mapa conceitual, eu faço... se tiver uma proposta de fazer um texto a partir de um mapa, eu executo a sequência didática... e pra minha surpresa, dá muito certo... mas assim, algo que já foi bem pensado... quando a sequência didática é bem amarrada, dá muito certo... então já que tem tanta gente pensando nisso ((na qualidade do livro didático)), tantos educadores debruçados em cima disso, eu não acho que eu possa desprezar a qualidade de um material tão rico...

E: Por que você utiliza o livro didático desta forma em seu trabalho?

PE1: Então... a minha forma de utilizar o livro didático tá atrelada ao curso de formação que eu recebo, eu acredito... essa preocupação em ler e interpretar textos... a questão de leitura, que é muito importante, né... acho que é isso...

ENTREVISTA PE2

Data: 14/02/2012

Local da entrevista: escola do professor

Duração: 21 minutos.

A exemplo da primeira entrevista, esta segunda também ocorreu na mesma escola, espaço e nas mesmas condições em que entrevistei o primeiro docente: no início da tarde, quando o professor se encontrava em um período livre antes de entrar em sala para ministrar as suas aulas do dia. Sendo assim, o docente me cedeu gentilmente seu tempo para que ocorresse esta entrevista. Desta forma, demos prosseguimento em nossos trabalhos.

Entrevistador (E): Bom... a partir deste momento temos o nosso gravador ligado aqui, funcionando ((risos))... estamos sendo vigiados... vou começar com umas perguntinhas básicas então... me diz teu nome...

Professor entrevistado 2 (PE2): É... me chamo [...]

E: Leciona na escola...

PE2: Leciono na escola há mais ou menos dezoito anos...

E: O nome da unidade...

PE2: [...]

E: E a série em que você leciona?

PE2: Eu leciono em todas as séries, né... na parte matutina, é... eu trabalho com as sextas e oitavas... quer dizer, sextos anos e nonos anos... e na parte da tarde, daí eu sou o único professor, eu trabalho com os sextos anos, sétimas séries e oitavas séries... não não... porque não tem... na verdade assim, a sétima série não existe, né... – não, eu to fazendo uma confusão –... tem uma série que não tem... então com essa transição pro sistema de nove anos ((o professor entrevistado faz uma menção à nova lei do Ensino Fundamental, que transforma o ciclo de oito anos em nove)), agora tá se chegando ao sexto ano... então, se eu não me engano é a sétima série que não tem... daí é oitavo e nono ano...

E: Certo... sua graduação é em...

PE2: Ciências Biológicas, pela UFSC...

E: E a pós-graduação, se tiver?

PE2: Aí eu fiz... fiz especialização na UFSC em Hidroecologia e... tô fazendo mestrado aqui também pelo [...]...

E: Bom, agora vamos passar pras perguntas sobre a escolha do livro didático... e a minha primeira pergunta é quantas vezes você participou do processo de escolha do livro didático...

PE2: Olha, Marcelo... já há muito tempo eu tenho participado do processo de escolha do livro didático, até porque a Prefeitura, ela tem uma prática, é... de escolher o livro didático no coletivo, os professores... é, então... os professores, eles são chamados pra algumas reuniões, alguns encontros específicos... é... do livro didático... onde os próprios professores apresentam as coleções que são sugeridas naquele plano lá... no PNLD ((o entrevistado se refere às obras disponíveis e listadas no Guia de Livros Didáticos))... e a gente acaba então... porque não dá pra analisar TODOS, né... todas as coleções... então tu acaba analisando algumas que vem pra escola e tu acaba apresentando uma... pelo menos, até a última vez que eu participei... a última escolha eu não participei porque eu tava afastado da escola, mas a anterior eu participei e foi dessa forma... a gente apresentou no coletivo então e daí o grupo fazia uma opção, é... de três coleções... priorizava uma e daí ficava entre três coleções, mas a gente procurava escolher aquelas três coleções até porque tem aquela questão de trocas... porque muitas vezes não vem o número suficiente de livros didáticos pra escola e daí tem como negociar com outra escola... daqui manda pra lá de uma série e de outra série vem pra cá ((os livros, no caso)), né... dessa forma... mas a gente... eu participo há muito tempo já desse processo, já é uma coisa bem... bem... um processo já que vem de muito tempo na rede... desde a época que eu fui coordenador de área na rede... começou comigo... essa história começou comigo na coordenação... coordenação durante um bom tempo da área, na rede e eu comecei essa prática de TENTAR fazer isso ((a escolha do livro didático)) num coletivo, não cada escola escolhe o seu... eu sei que cada professor tem as suas preferências, né... alguns ((livros)) que são mais famosos, né... tem mais... e até porque já tão acostumados ((os professores)) a trabalhar com aquele autor... mas a gente procura, na rede, estabelecer, é... uma escolha mais coletiva...

E: Quem é que escolhe o livro didático aqui na escola?

PE2: Ahn... a nível de escola, quer dizer, tendo em vista estas orientações, essas discussões da área, no grupo... ahn... a gente acaba optando por uma das coleções realmente como se fosse uma... uma... tu vai defender uma coleção e de repente aquela coleção que tu gostou... ela acaba, né... sendo também, é... adotada pelos outros professores, mas na verdade assim... não é BEM uma decisão da escola... é uma decisão do grupo ((dos professores de Ciências do município)) e a escola, ela acaba tendo que optar por uma das três coleções... e vem essa orientação...

E: Só pra deixar claro, quando você falou A GENTE, você quis dizer a equipe de professores...

PE2: É, a gente aqui não é eu e a minha colega... mas até, por exemplo, a nossa coleção... ela não foi a primeira, né... se eu não me engano, ela foi a terceira... pelo menos a última vez que eu participei... uns cinco anos atrás, quatro anos atrás... é... que teve uma escolha... agora ela já está no segundo ano, nesse último eu não participei... mas a nossa coleção ficou... acho que a terceira... escolhida... então a gente, sem dúvida nenhuma, optamos por essa coleção e não pela primeira lá... a primeira opção, que eu acho que era o Carlos Barros, Wilson Roberto Paulino... se eu não me engano o Gewandsnajder...

E: É... você já falou um pouquinho, mas... talvez tenha alguma outra coisa pra falar... como é que são selecionados os livros didáticos aqui na escola?

PE2: Olha, Marcelo... é... a escola recebe praticamente todas as coleções que estão classificadas lá no programa, no PNLD... elas vem para a biblioteca da escola, daí a bibliotecária, ela PASSA pra nós as coleções... ela não DOA pra nós, então ela... e tem algumas editoras que DEIXAM a coleção para o professor... Positivo, Editora Ática, né... tem também, além disso, tem editoras que deixam essa coleção... mas ela, a princípio, vem para a biblioteca... depois a bibliotecária passa pra nós... e são muitas coleções, então... geralmente isso já chega muito em cima, as coleções... não tem aquele tempo pra tu olhar todas... então, acaba assim, a gente... eu e a colega, a gente reveza... tu olha a mesma coleção... eu olho dois volumes e ela analisa os outros dois volumes... ou tu analisa essa coleção e eu analiso a outra... e... então a gente acaba não conseguindo analisar todas... por isso que é importante ter esse trabalho do grupo... porque no grupo TODAS são analisadas... alguém

certamente vai analisar uma determinada coleção e daí na hora de... do debate, da apresentação, a gente pontua o que tem de bom, as falhas e... claro, perfeição não existe, né... mas sempre um é melhor... um dá margem mais pra questão da leitura, que é o nosso foco aqui...

E: E você possui algum tempo para o planejamento e a escolha do livro didático? E se tiver, esse tempo é adequado?

PE2: Sim... eu tenho tempo e critérios que me auxiliam... não existe um momento específico, né... mas o professor tem três anos pra ficar com o material que ele vai acabar trabalhando... então é dever dele conhecer bem esse livro didático...

E: Existe alguma orientação ou pré-seleção de livros por parte da Secretaria da Educação, ou direção da escola, por exemplo?

PE2: A nível de escola, a gente é bem livre... não existe, é... nenhuma forçação por parte de diretor ou mesmo de editora... mesmo eles vindo aqui... eles vem, dão os livros, mas não existe essa pressão... então eu acho que... eu acho que isso existe mais na escola privada... eu lembro que eu já dei aula numa escola privada, então era muito isso... era assim essa pressão, até porque a editora... de repente ela tinha alguma negociação com a direção da escola... então a gente até poderia sugerir... às vezes não adiantava sugerir... mas aqui não... o diretor, ele não interfere... bibliotecária também não interfere... e a gente é bem livre, assim... e... e a nível da rede, eu acho que dentro desse material que vem, do PNL D, um material bastante rico... eu acho que eles começam... eu penso que eles veem lá a quantidade de estrelas que tem o livro... e eu acho que isso aí, a princípio, deve ser o primeiro critério, né... porque ele é um livro que tá mais bem classificado dentro do programa, mas não necessariamente... por exemplo, o nosso livro, ele era um livro até bem... mas ele não era o melhor livro pelo PNL D e a gente não foi obrigado a adotar o melhor e nem sei se na rede, né... muitas escolas acho que nem adotam esse livro que ficou em primeiro...

E: Você julga que dispõe de bons livros pra escolher?

PE2: Olha... ATUALMENTE eu julgo que disponho, né... alguns anos atrás era meio complicado... mas eu acho que com esses critérios a nível desse programa, eu acho que a coisa tá mais rigorosa... e eu acho que os livros, eles tão vindo melhores... BEM MELHORES...

E: E o que te faz considerar um livro didático bom?

PE2: Um livro que mobiliza os conhecimentos... eu considero um livro didático bom aquele que faz o que se chama de ponte entre os conhecimentos prévios do aluno e o conhecimento científico que ele traz, né... acho que é isso...

E: Você conhece trabalhos de análise de livros didáticos? Trabalhos acadêmicos? Não só... pode ser inclusive esse trabalho que é feito no Guia de Livros Didáticos, né... no Programa...

PE2: Sim, conheço, né... sei que... conheço, já li... um trabalho... considero um trabalho essencial... conheço...

E: Você já participou de alguma palestra ou formação sobre análise de livros didáticos?

PE2: ANÁLISE, ANÁLISE... assim, especificamente, não né... assim, com especialista não... mas assim... a coordenadora da área, da rede... ela prepara um pouco os professores... é feita uma certa preparação... não vem um especialista, pelo menos até então... até onde eu participei não tinha alguém especialista em livro didático pra fazer essa preparação... o que acontece é assim... os AUTORES dos livros didáticos, eles acabam vindo divulgar a sua obra e daí existe PALESTRA para os professores e a gente participa de algumas dessas palestras... e onde ele apresenta sua obra, tenta vender seu peixe na verdade, né...

E: Mais uma... há relação entre a seleção do livro didático e o projeto político-pedagógico da escola? Existe?

PE2: Com certeza... existe, é... e está muito... muito assim, CLARO, a partir do momento em que a gente tá com o nosso eixo, o grande eixo curricular, que é o ler e escrever, compromisso da escola e compromisso de todas as áreas... então a escolha do livro didático, ela necessariamente tem que tar voltada, ela tem que estar relacionada com esse grande eixo curricular, que é a questão da leitura...

E: O que é que você considera importante na escolha do livro didático?

PE2: A primeira coisa é justamente... é... o livro didático – claro, ele não vai fechar totalmente, mas –... essa questão da LEITURA, né... da questão dos textos, da variedade de textos... não só textos informativos... textos... mais PRAZEROSOS pra leitura... não só aquele texto extremamente didático, que só conceitua, caracteriza... ahn... e dá exemplo, né... é um texto que abre mais pra uma leitura polissêmica...

E: É... e no caso... quais elementos que chamam mais a tua atenção num livro didático?

PE2: Os elementos... é... a qualidade dos textos, né... a qualidade dos textos em primeiro lugar, né... é... depois... que é uma coisa também a questão das atividades propostas... o tipo de atividade... se são atividades de mera repetição daí eu não... eu abomino assim... então atividades que façam o aluno PENSAR a respeito do conhecimento científico, não só dar uma resposta única ali pra aquele conteúdo...

E: O livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido?

PE2: Olha, Marcelo... é... nos últimos tempos sim... tem seguido... tem acontecido isso, mas eu lembro que tinha uma época que a gente escolhia um e vinha outro, que era dentro daquelas opções e daí era CHATO... tanto que a gente tentava negociar, mas às vezes não dava...

E: Há livros para todos os alunos?

PE2: Olha... é... TODOS os alunos tem livro... HÁ livros para todos os alunos... o que que acontece... às vezes, é... não tem o número de livros suficientes daquela edição, daquela coleção e daquela edição... por exemplo, esse ano tá acontecendo com as sétimas séries – oitavos anos – ... tem um número determinado de alunos e não tem o número suficiente de livros... então o que que a gente negociou... é que uma turma vai trabalhar com a edição anterior, mas com o mesmo autor... e duas turmas das turmas da manhã, que tem a professora substituta, elas vão trabalhar com a edição nova, com o livro mais recente...

E: Como é que você utiliza os livros na sua atividade... nas suas atividades pedagógicas?

PE2: Ele, pra mim, o livro didático, ele é mais um recurso... tá... ele é MAIS um recurso... ele não é o único recurso que eu utilizo nas aulas... então, é... esse livro didático, se ele foi adotado, né... em algum momento eu tenho que utilizá-lo... e até porque assim... o nosso aluno, eu tenho bem claro que a maioria dos nossos alunos é o único material que ele tem disponível de leitura, na... principalmente na sua casa... então eu acho que, de certa forma, é um material que se tem que usar até tendo em vista esse contexto, né... de ter carência mesmo de material de leitura em casa, porque na escola eles tem a biblioteca, eles podem levar livros para a casa, mas... é um material que também é muito rico...

E: Então você meio que já entrou na pergunta seguinte, mas vou fazê-la do mesmo jeito... o livro didático é utilizado em todas as aulas e... além dele, que outros materiais você utiliza?

PE2: Olha, Marcelo... em todas as aulas, eu não vou dizer que eu utilizo... mas eu utilizo com MUITA frequência... a partir do momento que a gente teve essa flexibilidade de analisar, de ver qual é o livro que se adequa mais... eu utilizo... eu tenho utilizado mais os livros didáticos assim, principalmente pela questão dos textos, a qualidade, né... essa questão da... dos gêneros textuais... uma variedade maior de gêneros textuais... isso é interessante... mas assim.. além dos livros didáticos, eu utilizo outros materiais... os livros paradidáticos... nas sextas séries – sextos anos, aliás, que eram as quintas séries –, eu tenho.. eu gosto de levar alguns livros de literatura que tem o tema da Ciência... tem uns livrinhos interessantes que eles gostam de ler... e também se prepara é... material, textos... depois a gente faz fotocópia, distribui pros alunos... produz texto coletivo... faz essa... essa intermediação...

E: O que é que você utiliza no livro didático?

PE2: PRINCIPALMENTE os textos, né... e... os textos pra LEITURA mesmo... mas eu também utilizo algumas atividades que o livro didático tem... tá... e às vezes eu FORMULO as atividades, tendo como base aqueles textos do livro didático...

E: Pensando na tua atividade pedagógica atual, você conseguiria desenvolver as suas aulas sem o livro?

PE2: Eu conseguiria desenvolver sem o livro sim, até pela minha experiência na... no ensino de Ciências, mas eu acho que seria mais difícil... justamente por essa questão do acesso que os alunos... eles, muitas vezes eles só tem, como eu já falei anteriormente, só o livro didático como material de leitura... então eu acho que seria... seria um pouco complicado...

E: Então como é que você caracteriza a importância do livro didático no planejamento das atividades?

PE2: Eu... eu acho... eu caracterizo... eu acho importante, mas tu não pode ficar engessado... eu acho que o livro não pode engessar a tua prática... tu não pode pegar o livro e achar que ele é a bíblia e deu... então tu também... tu tem que aproveitar o que tem de BOM no livro didático... e tem coisas muito boas no livro didático... então essa questão de tu ter essa leitura, dizer o que que é bom, o que que dá pra trabalhar... isso que eu acho bom, né... interessante...

E: E no desenvolvimento das aulas, como é que você caracteriza a importância do livro didático?

PE2: Olha, muitas vezes é um guia, é como se fosse um guia... ele dá uma certa organização pra tua aula... até porque assim... ele ((o livro didático))... ele tem sequência didática, então ele dá um começo, um meio e um fim pra tua aula, tá... ele problematiza, ele levanta... ele tem um momento de levantar os conhecimentos prévios, tem o momento de desenvolver e tem o último momento, também, de fechar... então ele, de certa forma, ele propicia essa organização... mas nada de engessar tua aula... eu sou contra isso...

E: Mas tu consideras importante ((o livro didático))?

PE2: Considero importante...

E: E por que tu utiliza o livro didático deste jeito ((em tuas aulas))?

PE2: Olha... eu uso dessa forma porque considero que a questão da divulgação científica muito importante... então quando eu acho um bom texto... um material que faz essa transposição clara e linear... eu aproveito... mas também acabo utilizando muitas revistas de divulgação científica pra complementar essa forma de trabalho, né... tem a Super Interessante, a Ciência Hoje... os alunos gostam... acaba sendo bom... dá pra utilizar tudo junto, né...

ENTREVISTA PE3

Data: 13/06/2012

Local da entrevista: escola do professor

Duração: 13 minutos.

Esta terceira conversa foi realizada na escola onde o professor entrevistado leciona, no início da tarde, quando o professor possuía um horário livre antes de entrar em sala de aula na unidade. O docente me conduziu até a biblioteca da escola, local mais silencioso no momento. Sentamos em uma mesa e ele me concedeu gentilmente as respostas aos questionamentos feitos por mim. O professor tinha a fala bastante rápida e era claro e incisivo nas suas respostas, o que resultou em uma entrevista curta, porém com as respostas diretas às questões perguntadas.

Entrevistador (E): **Teu nome é...**

Professor entrevistado (PE3): [...]

E: Leciona em que unidade?

PE3: Leciono na escola [...]

E: Vamos começar falando sobre a sua capacitação... a sua formação é em...

PE3: Eu sou bacharel e licenciado em Química... é, mas aí como o curso de Química naquela época... ela ((a graduação)) dava habilitação pra licenciado em ciências no primeiro grau... aí eu tenho habilitação pra ciências no primeiro grau e química no segundo grau...

E: Ok... e fez alguma pós-graduação?

PE3: Especialização em educação ambiental...

E: Certo... e há quanto tempo o senhor está no magistério?

PE3: Sou formado em 88... é... 23 anos...

E: Sempre em sala de aula?

PE3: Sempre em sala de aula...

E: O senhor já participou sobre algum curso, palestra ou formação sobre análise de livros didáticos?

PE3: Nós tivemos alguma coisa aí com a prefeitura... até com alguns autores até... vieram autores apresentar as coleções e tudo... pra essa última escolha não, mas pra de uns seis anos atrás, vamos dizer assim, teve... pra esses ((livros)) que eu tô usando nesses três anos agora, não... mas nos anteriores teve...

E: E o senhor já leu algum trabalho sobre análise de livros didáticos?

PE3: Trabalho TEÓRICO assim, não...

E: Certo... não teve contato?

PE3: Não...

E: E tu tens algum tempo para o planejamento e escolha do livro didático dentro do teu trabalho?

PE3: Só as reuniões de planejamento mesmo... não tem uma PARADA, né... um momento específico... a gente tem que ACHAR esse tempo...

E: E você considera esse espaço que possui para a escolha do livro adequado?

PE3: É como eu te disse... tá longe de ser o ideal, infelizmente...

E: Bom... e sobre a escolha do livro didático, né... agora mudando um pouquinho de assunto... quantas vezes o senhor participou de um processo de escolha do livro didático?

PE3: Ah, eu tô há bastante tempo já... só do tempo que eu tô em Florianópolis, aqui... umas três vezes já... isso ((a escolha e o pedido dos livros didáticos)) é feito a cada três anos, né...

E: Uhum, certo... aqui na escola quem escolhe o livro didático?

PE3: Sou eu mesmo...

E: É o professor?

PE3: É... até... nós éramos em dois professores efetivos aqui... eu e a professora [...]... agora ela aposentou, mas até a última escolha ela ainda participou... mas a escolha é independente se você ((o professor, no

caso)) é efetivo ou substituto... todo mundo ((os professores, novamente)) participa...

E: Certo... e... como é que são selecionados esses livros didáticos?

PE3: ...

E: De que forma?

PE3: Cada editora traz a sua... a sua coleção... teve uma... acho que na última vez que nós formamos grupos... cada grupo analisou uma ou duas coleções... apresenta essa análise pro grande grupo ((de professores da rede))... e daí a gente decide... mas você tem autonomia pra decidir o livro pra tua unidade... não é escolhido um livro pra rede só... a rede até pede, porque às vezes é melhor ter um título só... um autor só... porque às vezes falta livro, né... então sobra numa unidade, falta na outra... a gente consegue fazer a troca... mas eu nunca tive problema em ser atendido na coleção que eu escolhi...

E: Certo... e... existe alguma orientação ou pré-seleção de livros por parte ou da secretaria de educação ou da direção da escola, por exemplo?

PE3: Algo que eles queiram indicar?

E: É...

PE3: Não, eu nunca sofri nada assim...

E: O professor é livre ((na sua escolha))?

PE3: EU sempre fui...

E: Certo... e agora... existe alguma relação entre o livro didático e o projeto político pedagógico da escola, por exemplo?

PE3: Não, entre o projeto político pedagógico não... porque a gente sempre tenta... sem às vezes até pensar no projeto político pedagógico, a gente já pensa numa coleção que esteja dentro do... do pensamento da escola, vamos dizer assim... das diretrizes da escola...

E: Certo... é... TÁ RELACIONADO ((a escolha do livro didático com o projeto político pedagógico da escola)), mas não é uma ligação direta, é isso?

PE3; Não, não... às vezes, você por ter a liberdade de escolher, você já faz essa ligação... mas você não sofre nenhum tipo de pedido de que isso seja feito...

E: Certo... muito bom... é... o livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido?

PE3: Pra mim sempre foi...

E: Certo, ótimo... há livros para todos os alunos?

PE3: INFELIZMENTE NÃO... porque de uns anos pra cá, nós aqui tivemos um aumento assim de turmas... então... ano retrasado tinha duas oitavas... então daí eu tinha sessenta alunos... eu tinha livros pra todo mundo... esse ano nós temos três oitavas, passa de noventa alunos... daí não dá... aí se você forma duplas... às vezes um mora longe, outro mora perto... às vezes são amigos hoje, amanhã já brigaram... tão de namorico hoje, amanhã não tão mais ((o professor se referiu aos estudantes da escola em todas as situações ilustradas por ele anteriormente))... daí fica aquela bagunça... então eu prefiro pegar o livro no dia... no dia que eu tenho aula fixa ((dois horários de aula seguidos)) eu pego o livro e às vezes se precisar tirar alguma cópia, alguma coisa... os exercícios...

E: É... eu ouvi isso numa outra escola onde eu entrevistei professor... não existe nenhuma possibilidade de vir livro de outra unidade pra cá?

PE3: É aquilo que eu te falei, né... da gente ((os professores da rede)) escolher um título só, né... que às vezes a gente PENSA em fazer, mas nunca entra em acordo, né... quantos professores estão na rede, só de ciências, né ((professor faz menção à quantidade de profissionais e ideias divergentes na rede municipal, o que dificulta a opção de todos por um único livro didático))... então... mas a gente conseguiu esse ano alguma coisa, mas pouca coisa... não deu pra suprir cem por cento...

E: Certo... Bom, professor... sobre a qualidade do livro didático agora... na sua visão, certo... o senhor julga que dispõe de bons livros pra escolher?

PE3: Eu julgo que sim... tem vindo umas coleções muito boas... até coleções de anos anteriores, eu às vezes consulto pra tirar exercícios... tenho todas elas guardadas aqui...

E: E o que o senhor considera importante na escolha do livro didático?

PE3: É... se bate com o meu programa, ali... como é que é... ((professor se esquece do que quer dizer))... o que tem que apresentar no começo do ano lá...

E: ((Eu tento ajudá-lo a lembrar)) O plano de ensino?

PE3: O plano de ensino... se bate com isso aí tudo... autores que às vezes eu já conheço... ou se eu não conheço, às vezes você escolhe... vem um autor novo que tem uma grata surpresa e acabo escolhendo... então... eu acho que é isso... tá ligado a proposta tua também, né ((professor dá a entender que escolhe o livro pela adaptação ao estilo de linguagem que o autor traz na sua obra))...

E: Certo... e que elementos que mais chamam tua atenção em um livro didático?

PE3: É... que nem agora, numa sétima série que tava olhando o corpo humano... aí eu vou lá falar do corpo humano... falar que o espermatozoide encontra o óvulo na tuba uterina, não sei o que lá, tal... e às vezes fazer o desenho de tudo isso num quadro fica meio difícil, né... então imagens ajudam bastante... agora no campo da física e da química na oitava série, vou pôr imagem do que ((professor me questiona))... fica mais difícil, então... na sétima série ali, principalmente... a parte de imagens... a parte de exercícios bem elaborados... teve uma coleção que eu trabalhei uma época... não sei se pode citar nome ou não...

E: Pode...

PE3: A Cecília Vale ou Cecília do Vale ((autora de livros didáticos))... então assim... eram perguntas subjetivas... coisas relacionadas ao dia a dia... educação sexual, assim muito... usando até uma palavra do vocabulário deles ((os estudantes)), o dia a dia... coisas que eles precisam saber mesmo, sabe... sem muito rodeio, sem muita coisa... indo direto assim na questão...

E: Certo, muito bom... agora vamos passar para o último tópico, que é o uso do livro didático, né... a sua FORMA de trabalho com o livro didático... e a primeira pergunta que eu queria saber é... como é que o senhor utiliza os livros nas suas atividades pedagógicas... em sala de aula... de que forma que ele é utilizado?

PE3: Eu indico bastante exercício do livro didático... tem esta parte de imagens que eu te falei, que agora esse ano eu comecei a trabalhar com os sextos anos... parece que eles sentem mais necessidade de ter o livro ali... você vai chegando numa oitava, ali já não precisa tanto assim... mas eu não tenho oportunidade de trabalhar todo dia com o livro didático, como te falei... mas eu tento trabalhar NO MÍNIMO na minha aula faixa que eu tenho na semana... com todas as turmas eu tenho pelo menos uma aula faixa... então nesse dia eu tento trabalhar com o livro...

E: É... o senhor já entrou na próxima pergunta... falou um pouco sobre ela, mas... eu vou fazê-la do mesmo jeito... o livro didático então é utilizado em todas as suas aulas ou não?

PE3: Não, eu não tenho utilizado em todas ((as aulas)), por esta falta do livro para todos os alunos...

E: E que outros materiais o senhor utiliza?

PE3: ...

E: ALÉM do livro didático?

PE3: Ah... mapas, é... laboratórios... saídas de campo... o laboratório aqui ((da escola)), agora a gente tá com uma auxiliar de laboratório efetiva, então a gente tem usado bastante o laboratório...

E: O senhor já falou das imagens, né... e existe alguma outra coisa que o senhor utiliza no livro didático?

PE3: Os exercícios, que nem eu te falei, né... às vezes alguma descrição mais teórica, né, que não tem como você fugir... a descrição é aquela ali, tá ali em todas aquelas coleções... você usa aquela descrição pra passar pro aluno... mais nesse sentido assim...

E: Ótimo... bom, vamos finalizar aqui a entrevista... temos mais três perguntas... pensando na tua atividade pedagógica atual, o senhor conseguiria desenvolver as tuas aulas sem o livro?

PE3: ... ((professor hesita))... conseguiria, mas... ((mais um pouco de hesitação))... é... eu acho FUNDAMENTAL o uso do livro didático... então, você veja, eu posso usar outros recursos e tudo, mas... essa coisa que eu te falei da parte do corpo humano na sétima série... dando ali educação pura... aparelho reprodutor feminino, aparelho reprodutor masculino... o aluno chegou a me pedir... ((professor fala como se fosse o aluno em aula)) mas me mostra, eu quero ver, é difícil imaginar o interior do corpo da mulher com o ovário lá ou do homem com epidídimo, com testículo, com não sei o que lá... então... ((professor

volta a falar no seu tom de voz)) é bom... eu considero fundamental ((o livro didático))...

E: Certo... como é que o senhor caracteriza a importância do livro didático no PLANEJAMENTO das atividades?

PE3: Às vezes eu até me baseio em várias coleções, não te digo que em uma só... mas pego coleções de anos anteriores pra fazer o meu planejamento... é essa a palavra que me fugiu lá no começo quando eu queria falar... PLANEJAMENTO ((professor ri))...

E: E agora a última pergunta... como é que o senhor caracteriza a importância do livro didático no desenvolvimento das aulas?

PE3: Ajuda bastante a gente ter um desenvolvimento melhor nas aulas... coisas que você pode acrescentar a mais, um exercício que você pode colocar a mais... então é um auxílio muito grande, com certeza...

E: Por que você utiliza o livro didático dessa maneira?

PE3: Eu acho que essa é a melhor forma de se usar o material, né... o retorno que eu tenho dos estudantes é melhor assim... eles gostam mais...

ENTREVISTA PE4

Data: 14/06/2012

Local da entrevista: escola do professor

Duração: 39 minutos.

A entrevista ocorreu na unidade escolar onde o professor leciona, pelo período da manhã, após o recreio. No momento da conversa, estávamos em um período livre para o professor, pois ele não tinha as duas últimas aulas em sala. Nós subimos para o segundo andar, no laboratório de ciências da unidade onde o professor trabalhava. Realizamos a entrevista acompanhados por uma aula da 8ª série, que fazia exercícios de reforço.

Entrevistador (E): Qual teu nome?

Professor entrevistado 4 (PE4): Me chamo [...]

E: E em que unidade tu lecionas?

PE4: Eu trabalho na escola [...]

E: E em relação à sua formação?

PE4: Bom... a minha formação... PARTE dela foi no Rio de Janeiro, na universidade do Rio de Janeiro mesmo, chamada antigamente UNIRIO, né... ela ficava perto ali da Frei Caneca, né... ela era uma autarquia... e depois eu completei o meu ciclo na UFRGS, no Rio Grande do Sul... é... eu comecei fazendo biomédicas e terminei fazendo ciências biológicas... porque não tinha esse curso, né... na universidade federal... fiz licenciatura... já sabia pra que área eu ia caminhar... que era realmente de trabalhar com ensino fundamental e médio... não tinha vontade de trabalhar com ensino superior, né... apesar de ter sido monitora dos professores lá da universidade... eu fui monitora de mais de uma disciplina... tá... então eu já tinha essa veia voltada pro ensino... e depois eu fui fazer uma pós-graduação em interdisciplinaridade, que é a maneira com que eu concebo a educação, né... é uma coisa assim do TODO e não uma coisa pontual... então eu já fui buscar uma pós-graduação que fosse voltada pra isso, que eu fiz alguns anos atrás...

E: E há quanto tempo você tá atuando no magistério?

PE4: Se eu for contar... deixa eu ver... ((professora faz uma pausa))... em sala de aula eu tô faz vinte anos... porque como eu fui auxiliar de professor na universidade, acaba sendo mais tempo... mas em sala de aula, como uma funcionária pública, há vinte anos já...

E: Vinte anos, sempre em sala de aula?

PE4: Sempre em sala de aula... VINTE E DOIS ((professora se lembra do tempo exato))...

E: Você já participou de algum curso, palestra ou formação sobre análise de livros didáticos?

PE4: Já... dentro da própria rede municipal...

E: Já? Certo... então você provavelmente já leu algum trabalho sobre análise de livros didáticos...

PE4: Já... e aqueles que eu vi, nem sempre são muito claros... pelo menos na minha concepção... porque às vezes eles ((os autores dos trabalhos de análise)) fazem só comentários que o livro não tem tal coisa ou tá faltando tal conteúdo, mas eu não vejo uma preocupação assim, ó... realmente pegar página por página, né... ver se a figura bate com o que tá dizendo... porque a gente já cansou de pegar livros assim, que a imagem não condiz com o exemplo que tá sendo visto... ahn... o tipo do livro parece... é muito CONTEÚDISTA muitas vezes... e aí as questões não pedem em momento nenhum pro aluno PENSAR... outras vezes tu pega livros que as questões são pro aluno pensar, mas não tem conteúdo suficiente pra ele dar conta de responder aquele tipo de questão... então por isso que eu não gosto de trabalhar com um livro só, apesar que este ano eu estou usando, né... porque a escola neste ano pelo menos todos os alunos puderam ter livros... nem todo ano a gente tem livro pra todo mundo... então eu sempre gostei de EU ter os livros, né... então tanto é que eu tenho alguns livros antigos aqui guardados porque o aluno tem que lidar com vários autores... ele ((o aluno)) tem que perceber que tem autor que dá MAIS ÊNFASE em determinado conteúdo e menos em outros... então de repente tu tá trabalhando um assunto e FALTA... e essa leitura de mundo do aluno só vai ter com o tempo... ele não vai ter de uma hora pra outra... e se tu não oportunizar isso, ele ((o aluno)) não vai entender que é assim... que não adianta tu querer ir pra internet e botar lá no Yahoo respostas ((professora faz uma menção ao portal de perguntas e respostas na internet)), que ele ((o estudante)) nem sabe quem é que deu essas respostas, se tá certo, se tá errado... que é uma geração que vai

muito pra área tecnológica sem usar o clássico e eu digo que tu primeiro tem que ter noção no livro... certo, porque o livro tá de acordo com a tua linguagem... pelo menos a grande maioria ((dos livros)) tem uma linguagem que você consegue dominar... se você for direto pra internet, lá pode ter coisas que tu vai pesquisar que tá num nível muito superior... às vezes uma resposta até a nível universitário e você não vai dar conta daquilo porque faltam elementos, né... e o que eu tenho observado é isso... eu gosto, né... eu costumo ter pelo menos uns cinco ou seis exemplares diferentes ((de livros didáticos))... quando eu tô trabalhando algumas temáticas... eles ((os alunos)) tem os livros deles, que eles usam em casa como aporte... e DE VEZ EM QUANDO em sala de aula quando necessário... eu não gosto muito de usar o livro no meu método porque tem TANTA COISA pra gente interagir... que se eu usar um livro só eu BLOQUEIO totalmente a possibilidade de diálogo... daí eu fico numa “monoidéia” ((expressão usada pela professora)), né... e o ideal é que ele ((o estudante)) possa ver que aquilo ((o conteúdo)) pode ir pra outro e ir pra outro e aquilo abrir um leque de pensamentos e ele interagir com essas coisas...

E: E tu tens tempo, DENTRO DO TEU TRABALHO, né... pra planejar e escolher o livro didático?

PE4: ... A gente tem uma ÉPOCA do ano, na verdade, que a gente faz isso... como eu conheço VÁRIAS obras, então... eu tenho que saber o que é que me falta ou se tem alguma coisa nova no mercado, que entrou... só que GERALMENTE os livros que a gente consegue ver que tem um perfil diferenciado, eles nem entram na lista do MEC ((Ministério da Educação))...

E: Então não é um momento ESPECÍFICO assim, não tem uma PARADA pra planejar e escolher... é no andamento do teu trabalho?

PE4: É... eu faço assim, né... a rede ((municipal)) tem uma época, né... porque tem que fazer uma escolha... então tem uma época que a gente ((os professores da disciplina)) senta, o grupo de ciências, e faz a escolha... de pelo menos uns dois ou três ((livros)) dentro do perfil de cada escola... dependendo de como cada escola trabalha, vai aquela obra... então tu vai ver que dentro da rede não tem um livro só nas escolas... aqui por exemplo, só aqui a gente tem dois... porque aquele ((livro)) que foi escolhido não veio em quantidade suficiente... então eu trabalho com o livro que é ainda de um outro momento ((a professora refere-se à penúltima seleção de livro didático na escola)), enquanto que

as professoras que são as substitutas trabalham com um livro que foi escolhido na última escolha...

E: Certo... e tu considera esse tempo pra seleção adequado?

PE4: Olha... ((longa pausa))... a ESCOLHA vem com a experiência... porque eu já fui professora de ensino médio, né... então eu trabalhava com a oitava série, nem trabalhava com o ensino fundamental todo, só trabalhava com a oitava série... então o meu foco era em função da biologia... então na hora que a gente ia escolher o livro didático, já há alguns anos atrás, eu já tinha que olhar essa união da física e da química, né... e com a entrada da citologia ((ramo da biologia que estuda a célula)), pra poder fazer a amarração com o ensino médio... eu sei que não é uma preocupação aqui... isso é uma caminhada lá do Rio Grande do Sul ((terra de origem da professora))... então são modelos e são caminhadas diferentes... lá tem um outro tipo de caminho, pelo menos tinha até quando eu tava lá... e a gente tinha uma parceria muito legal com a universidade, que eu morava em Santa Cruz do Sul, né... então a gente tinha uma parceria muito legal com a universidade lá... e eu podia levar os alunos até a universidade, a universidade ia até a escola... nós fazíamos um trabalho de pesquisa, levávamos pra eles fazerem as pesquisas... então era uma troca muito gostosa... e quando eu cheguei aqui ((em Florianópolis)), era uma estrutura diferente... então tu tem que sofrer toda uma adaptação... aqui, por exemplo, tinha a história do estudo dos ecossistemas da ilha, que eu não conhecia, fui fazer curso pra poder instrumentalizar, pra poder trabalhar com os meus alunos... porque eu vinha de um modelo que usava o conteúdo e adequada às necessidades do cotidiano... aqui tava caminhando, pelo menos quando eu entrei há catorze anos atrás, e me foi apresentado um caminhar com um olhar mais interdisciplinar, então eu FUI em busca disso também, tá... e ao longo desses anos eu fui aumentando a minha bagagem, comprando obras, né... solicitando obras... eu sinto FALTA desse material, né... isso nota-se... tem alguns tipos de material que eu sinto falta nesse mercado ((dos livros didáticos))... acima de tudo de ecossistemas do Brasil, mas da ilha de Florianópolis... aí eu consegui... na época tinha o CECA, que era o centro de estudos da cidadania... eu tenho umas obras assim... agora até me esqueci do nome... é... NOSSA ILHA, NOSSO MUNDO, UMA CIDADE NUMA ILHA ((títulos de materiais paradidáticos que falam da ilha de Santa Catarina))... que foram livros projetados para isso... então nós temos até na nossa biblioteca... a gente trabalha com isto há algum tempo, mas esse ano eu tô com sétimas e oitavas... então eu já tô mais focada no corpo humano,

noções de física e química, já dentro de um caminho de preparação pro ensino médio...

E: Bom, professora... vamos falar um pouquinho agora sobre a escolha do livro didático... e a primeira pergunta que eu te faço é quantas vezes você participou deste processo de escolha do livro didático...

PE4: Na prefeitura umas três... é, ao longo desses anos, umas três vezes... porque eu tive épocas que eu tava de licença... caiu ((a seleção)) na época que eu tava de licença saúde ou licença prêmio... aí eu acabei não participando, porque como é de três em três anos, mais ou menos, eu acabei em algumas não participando... mais nesse sentido, não que eu não quisesse participar ((do momento da seleção))...

E: E quem escolhe o livro didático na escola?

PE4: É... os professores de ciências... primeiro a gente faz uma escolha interna ((dentro da unidade escolar)) e depois, como tem o grupo de ciências ((da rede municipal)), normalmente a gente faz a escolha em grupo, né... mas normalmente já tem essa coisa do perfil do profissional mesmo... a gente já conhece algumas obras, alguns autores... e aí a gente normalmente se manifesta... oh, esse ano melhorou, esse ano o livro não tá tão bom como nos outros anos... oh, esse tem uma visão mais interdisciplinar, né ((professora simula uma discussão em grupo de professores sobre os livros didáticos))... então normalmente a gente já vai argumentando nesse sentido... ou, oh, esse tem vários erros de conceitos, né... então não tem como trabalhar um livro que tem tantos erros que eu vou ter que CORRIGIR esses erros, né... e a criança vai tar manuseando ele permanentemente...

E: Me fala um pouquinho de como são selecionados os livros didáticos na escola...

PE4: Pra escola as editoras mandam aqueles ((livros)) que estão dentro da lista do MEC... não adianta nem... quer dizer, eu até olho livros que não foram pra lista, justamente por causa disso, né... mas a gente sabe que a gente não consegue interferir...

E: A lista do MEC que tu dizes é o Guia de Livros Didáticos?

PE4: ISSO... que eles trazem dizendo quantas estrelinhas ((as estrelinhas mencionadas são as notas atribuídas pelo sistema de avaliação do guia))

tem, né... que também tem umas coisas ali que eu acho meio complicado de lidar com estrelinhas, né... é um parecer um pouco mais técnico de dizer, olha realmente tem esse problema, né ((professora simula uma indicação de nota do guia))... então eu não sei que olhar, como é essa leitura de mundo de quem tá opinando, quem foi que opinou sobre essas obras, certo... porque o fato de ter alguma coisa que a gente consegue consertar no livro, dependendo da atividade que faz, com o diálogo você consegue... agora uma obra que, realmente, ela tem ENÊ problemas ao longo de todo ((o livro))... ela pode ter quantas estrelas quiser... eu não vou adotar uma coisa pra ficar consertando conceito, né... toda hora ficar tendo que reformular o conceito e o aluno lendo aqui... ah, não tem como... eu tenho que pensar muito na hora de adotar ((o livro didático)) e COMO QUE EU VOU USAR isso... se isso vai ser uma ferramenta de apoio ou vai ser uma ferramenta de uso diário... então eu não faço uso permanente de livro didático porque como eu trabalho com aulas práticas, aulas teóricas, aulas diálogos, projetos de sala de informática, vídeos, produção de texto... não cabe ((a atividade docente)) nesse modelo de uso permanente de livro didático...

E: Existe alguma orientação ou pré-seleção de livros por parte da secretaria da educação ou direção da escola?

PE4: Não... a direção da escola dificilmente, nesses anos todos que eu tô aqui, nunca me disseram assim... vamo escolher... não... sempre ficou a cargo de quem TRABALHA na disciplina... na prefeitura, pelo menos esses anos todos que eu trabalho na prefeitura, a gente sempre teve liberdade... agora é aquilo que eu te disse... não adianta a gente chegar no grupo e dizer que tem uma obra ótima no mercado, né... saiu assim e todo mundo quer adotar... a prefeitura não vai bancar isso... porque como esses livros vem do governo federal, né... eles não tem essa ingerência de propor uma outra obra que não faz parte daquelas ((presentes no Guia de Livros Didáticos))...

E: Que não esteja dentro do Guia?

PE4: ISSO... então às vezes até acontece da gente ((os professores)) conhecer uma obra interessante que tá no mercado, a gente gosta dela... mas não chega até nós... às vezes até pode chega pela editora, a editora pode trazer pra gente dar uma olhada... mas não tá dentro da lista... daí tu não pode escolher...

E: Tu estás querendo dizer então que o professor tem liberdade DENTRO daquelas obras que estão listadas no Guia?

PE4: Que são as obras dos livros que o MEC compra... ele não vai comprar um outro livro a não ser aqueles que tão ali... por isso que eu gostaria que o livro viesse em DINHEIRO, que nem vem no PNBE ((Programa Nacional Biblioteca da Escola, onde as escolas recebem verba para compor o acervo das bibliotecas escolares com os títulos que desejarem)), que nem vem outras verbas pra escola... que viesse o dinheiro e que CADA escola então ou pelo menos junto lá na rede ((municipal)) a gente pudesse dizer... oh, na nossa escola a gente vai trabalhar pelo menos com tais livros... a gente tem uma diversidade de ideias, né... de TRABALHO, às vezes pra usar textos diferentes... há uma necessidade, a sociedade tá muito diferente pra que eu use textos extremamente formatados, né...

E: É... existe alguma relação entre a seleção do livro didático e o projeto político-pedagógico da escola?

PE4: ((professora para e pensa um pouco))... Olha, relação até tem que ter, né... porque senão não vai... os livros eles não tão de acordo nem com o modelo que nós temos hoje na prefeitura... se você pegar a grade curricular do que é trabalhado na prefeitura, os livros didáticos ainda acompanham séculos passados... água, ar e solo na quinta série, né... plantas e animais na sexta... ainda num modelo seriado, né... a nossa escola agora já tem os dois modelos ((5ª – 8ª série e 6º – 9º ano))... e corpo humano e física e química... então AINDA tá amarrado dentro dessa forma... então eles ((livros didáticos)) podem vir com um rótulo na frente, dizendo que tá mudando, mas a mudança não é significativa, certo... poucos são os livros que eu consigo ver uma interdisciplinaridade clara, né... fazendo um contato do conteúdo de um momento com o outro dentro do livro didático, né... não é comum... eu tenho poucas obras que fazem...

E: Tu tá me dizendo que o projeto político-pedagógico da escola estimula a interdisciplinaridade e tu não observa isso nos livros didáticos?

PE4: É... na verdade, nós caminhamos nessa linha pra que o aluno seja um todo... mas isso é um protesto muito meu... até porque eu tenho que mudar a mente, né... eu tenho que mudar valores... isso não é uma coisa que vai surgir de uma hora pra outra... então tu vai ter resistências, né... algumas disciplinas ((escolares)) são consideradas mais importantes que outras... isso no nosso país AINDA tá muito forte, essa ideia, né, que existem matérias que são PRIORITÁRIAS em relação a outras e aí tu constrói uma sociedade dentro dessa visão...

E: Isso daria um belo debate, né... ((eu e a professora entrevistada rimos))... deixa eu te perguntar, vamos continuar aqui... o livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido?

PE4: ((pausa da professora))... Pelo grupo ((de professores da rede)) que escolheu, sim né... foi o que o grupo escolheu, né... sim... tinha mais de uma opção ((de livro)) e o grupo escolheu aquele... só que não chegou... NUNCA CHEGA na nossa escola na quantidade que nós precisamos e isso é um problema GRAVÍSSIMO, por que o que adiantou você escolher, fazer uma opção e não vai poder usar com todos...

E: Então tu tá me dizendo que não há livros pra todos os alunos...

PE4: Não... tanto é que eu trabalho... as minhas turmas trabalham com livros da escolha passada e as turmas das professoras substitutas trabalham com livros que foram escolhidos na última, né... então como eu já sabia usar o livro, ele era mais interdisciplinar, já era do jeito que eu concebia... eu continuei usando... não ia jogar na mão de uma pessoa que caísse na rede ((a professora se refere a colegas que são substitutos)) ou que de repente trabalhou numa outra escola com outro livro didático pra trabalhar... então trabalhava com aquele que foi escolhido...

E: Complicado... ((risadas de ambos))... agora vamos falar um pouquinho sobre a qualidade do livro didático na tua visão, tá... tu julga que dispõe de bons livros pra escolher?

PE4: Olha, é bem aquilo... vai depender muito da tua visão de mundo, né... os livros que o MEC bota na lista ((o Guia de Livros Didáticos))... muitos são extremamente conteudistas e vão ser sempre dos mesmos autores... então eu não tenho a menor ideia de como é que feito o critério ((a professora se refere às obras que compõem o Guia de Livros Didáticos))... eu não participo disso, né... então eu não sei porque é que foram aquelas obras e não foram outras... por que que não abrem o leque, entendeu... por que que é tão limitado...

E: Certo, mas vamos pensar o seguinte... tu tá na rede há vinte anos... da tua entrada pra cá, houve uma melhora na qualidade desse material?

PE4: Pois é... o que eu tenho observado é que não, entendeu... poucas são as obras que vão realmente caminhando nessa direção, vamos dizer, que pensem mais... que tenha diferentes gêneros textuais... a gente não

vê muito isso... ainda tá muito aquela coisa conteudista... e questões que não exigem muito pensamento do aluno... ele não tem que interpretar muito, mas a prova Brasil ((exame nacional)) é de interpretação, a prova Floripa ((exame municipal)) é de interpretação... quer dizer... nós ((os professores)) precisamos também mexer lá na estrutura, porque senão não vai adiantar muito... porque se os autores ((dos livros didáticos)) também não forem trabalhando um pouco mais dentro dessa cultura, né, de trabalhar diferentes textos, fazer com que o aluno venha a pensar e não responder automaticamente o que tá no texto, você não vai criar uma sociedade mais argumentativa, né... que consiga debater coisas... porque a gente também tá vivendo num modelo fechado de mundo , então isso a gente vê que é uma resistência bem grande... a maioria dos autores ((de livros didáticos)) são autores de ensino médio que TAMBÉM trabalham com o ensino fundamental e o ensino médio é um ensino conteudista... e apesar que lá no ensino médio também tem que interpretar muito, pra poder dar conta das provas do ENEM ou seja lá de que provas tu for fazer de seleção...

E: Verdade... o que é que tu consideras importante na escolha do livro didático?

PE4: ((pequena pausa))... Olha, eu gosto muito de trabalhar com mapa conceitual... eu acho que pelo menos o livro didático que traz pro aluno um mapa conceitual já ajuda, auxilia num sentido assim... de ter PALAVRAS CHAVES... começar a criar aquela ideia de palavras chaves pra interpretação de coisas... o ((livro)) que traz gêneros textuais diferentes... quadrinho, de repente um verso, uma letra musical – que eu adoro trabalhar com música –, então eu acho muito importante... nós temos vários na MPB muito bons... alguns deles ((cantores)) também só querem servir de atração, né... mas dentro da MPB nós temos várias músicas que trabalham sobre determinados temas, que fazem o aluno refletir, que você pode levantar uma série de questionamentos com ele... então eu trabalho também com essa linha... antigamente até às vezes tinha na parte lá do caderno de exercícios, às vezes um ou outro que tinha uma música, né... e tem às vezes, tu acha... mas aí não é uma coisa assim que passa a ser rotineira... não é assim... uma vez, dá um insight, alguém bota ali ((insere o conteúdo no livro)) e deu... acabou... aquilo não passa a ser um gênero pra ir pra dentro de uma obra... aí isso fica só no livro de português muitas vezes... e isso é muito ruim, porque a gente tem que tar toda hora manejando e nem sempre a gente tem contato com outros professores pra fazer essas trocas...

E: Uhum... e que elementos mais chamam a tua atenção em um livro didático?

PE4: Bom... a parte ilustrativa é fundamental, desde que essa ilustração não seja só desenho... a gente tem que parar um pouquinho com essa coisa de só desenhar, porque eu vejo – principalmente em relação ao corpo humano, né – olha a RESISTÊNCIA, né... em relação ao corpo, conhecer o corpo... como é o corpo, fotos... e aí, quando a gente tem que trabalhar com um corpo real, mostrar uma cena de um parto normal, de uma cesariana... aquilo é um CHOQUE, como se a gente tivesse falando de um outro ser de outro planeta que não fosse o deles ((dos estudantes))... porque aquilo CHOCA, olha aí o corpo, gente... e no entanto tá aí... eles veem ((este conteúdo)) em filmes, que são muito mais complexos, pra gente estar discutindo, né... mas o livro didático, ele continua num modelo pra mim arcaico no sentido de imagens... porque ele ((o aluno)) tem acesso a internet, com imagens muito mais complexas e até sem cuidado nenhum e num livro didático este elemento poderia vir com uma intencionalidade, né... quando você tá conversando sobre sexualidade, qualquer outra coisa... o que que é um cálculo renal, o que que é uma cirurgia, o que que é um transplante... TEMAS que estão ligados ((à vida dos estudantes)), né... o que que é um TRANSEXUAL, sabe... tem temas que tão aqui, tão agora, tão no dia a dia, né... essa coisa do gênero... o porquê que isso acontece na adolescência, como é que o cérebro de um adolescente... e são coisas que vão interessar muito mais eles ((os estudantes)) que o que tá ali ((no livro didático)), entendeu... então a pessoa que produz o livro, ela é potencialmente mais evoluída no sentido do que ofertar diante de um APELO muito forte da internet, que eles ((os alunos)) não vão filtrar... porque eles não tem o livro ali, do lado deles, filtrando estas informações, né... e aí vai chegar e vai dizer ((professora fala como se fosse um aluno))... tá, isso aqui é o que eu tô entendendo que é verdade... e aí eu tenho que desmistificar e dizer não, aquilo foi manipulado no visual e isso não é real... e vai escutar isso de um professor... não, há uma resistência do aluno quando você apresenta algo que é diferente daquilo que ele tá acostumado a ver... então aí você tem que ter todo um cuidado...

E: Então, na tua visão, falta um pouco os autores dos livros didáticos procurarem um diálogo com os alunos e os professores?

PE4: É, porque é uma outra geração, que pede um outro modelo de aprendizagem e interação, que NÃO é mais o de vinte anos atrás, entendeu... vinte anos atrás nós éramos curiosos, assim oh... eu APRENDI ciências com livro didático, eu trabalhei com livro de estudo autodirigido, uma vez na vida só... o resto com livros de perguntas e respostas, questionários... então assim, eu vim de um modelo que não tinha quase aula prática... NÃO GOSTAVA... não tinha como gostar de ciências daquele jeito... então claro que a gente vai mudando, no sentido de CHAMAR mais pra nossa área, né... e hoje eu uso um instrumento pedagógico, né... a sala informatizada voltada pra isso... porque ele ((o aluno)) também precisa saber como acessar, o que acessar, que olhar, o que é que ele busca lá... ninguém ensina isso e ele vai continuar não sabendo... vai ficar copia e cola, copia e cola, copia e cola... que é o que a gente vê, inclusive, dentro da universidade... que o aluno produz um trabalho que ele não sabe o que tá escrito, porque alguém fez o trabalho pra ele... ele SEQUER entende o que tá escrito no trabalho que ele propôs, né... então isso aí é GRAVE... e são essas pessoas que vão dar aula mais tarde... OU NÃO, NÉ... mas que tipo de profissional vai ser esse que não entende que ele tem que ler, que ele tem que resumir, que ele tem que interagir, que ele tem que buscar outras fontes, que ele não pode ficar com uma fonte só... então isso a gente já trabalha com a garotada, né... fontes... então o site é um tipo de fonte, o livro é outra, né... tem revista... nem todas as revistas são fidedignas... tem revista que é fantasiosa, tem revista que realmente é técnica... então tu tem que oferecer essas coisas específicas pra que o aluno possa fazer uma pesquisa, com alguém que seja do ramo, numa área específica...

E: Bom, professora... vamos passar para o último item da nossa entrevista, que é o uso do livro didático...a sua forma de trabalho com o livro didático, no caso... e a minha primeira pergunta pra ti é... como é que tu utilizas os livros nas tuas atividades pedagógicas?

PE4: Tá... bom... como o livro que eu tenho – vou até te mostrar ele... ((professora levanta e busca um exemplar do livro para mim))... esse aqui... esse aqui eu já conhecia há mais tempo, né ((professora me mostra dois exemplares de livros didáticos presentes na escola))... então o que que acontece... ele trabalha o assunto e quando você vai pra parte de experimentos... a minha preocupação é sempre com as atividades que ele ((o livro)) propõe... então tens uns textos diferenciados, legais, que eu gosto... é... ele tem IMAGENS, não tem só desenho... ele tem mapa conceitual... e o tipo de questão, na verdade, é o que me chama mais atenção... porque no conteúdo eu até posso conhecer outros, entendeu,

mas o tipo de questão é pra que o aluno se habitue... tem que ter tabela, tem que ter gráfico, tem que ter uma quadrinha... alguma coisa que estimule o aluno e botar os olhos, só que ele ((o estudante)) vai dizer assim... o que é que ele ((o autor do livro)) quer com isso... já é automático... o aluno não consegue entender ou interpretar o que tá ali, né... outros não... outros dizem ah, isso aqui eu já sei o que é que é... então você consegue perceber aquele aluno que já tem leitura, né... então ele tá lidando com um gênero que ele tem tranquilidade, interpreta... e aquele que não conseguindo sequer entender o que tá sendo proposto, né... então é um livro que exige mais do professor... não é um livro que você vai e larga ((professora faz um gesto como se estivesse dando o livro a um aluno))... é um livro que VOCÊ tem que saber até onde tu vai... porque tem várias coisas conectivas que nós TALVEZ consigamos ir nesta direção ou não... porque vai depender de cada turma, né... então se em alguma turma a gente consegue ir do jeito que o livro está indo, a gente vai, porque ele é bem interdisciplinar... só que nem toda turma tá desperta pra isso... então eu não tenho porque forçar o aluno a ir na minha direção... não é porque eu concebo o mundo assim que eu vou forçar o aluno a ir na minha direção... então assim... se brota, se você tá discutindo um assunto e entra em algo assim... ((professora imita o falar do aluno)) ah, mas eu vi no livro, professor... que aí eles tem, né... tal coisa, tal coisa, tal coisa... pronto, abriu espaço pra discussão, entendeu... e eu acho que ISSO faz com que ele ((o aluno)) aprenda mais... e esse livro vai mais ou menos nesse sentido também... e não tem aquela coisa do conteúdo FECHADO... na verdade ele mistura a poluição com a respiração... porque que a inversão térmica entra aqui, que já é um conteúdo de oitava série... então esse livro aqui eu achei muito interessante... mas o que que acontece... esse livro, tu tem que ter a tua estrutura, até inclusive dentro da escola pra se trabalhar com ele... ele tem bastante desenho ((professora me pergunta))... tem, oh... mas ele tem o desenho de um osso real, entendeu... do sangue, né... como é que é uma técnica de coloração às vezes diferente, né... que é uma coisa difícil de ver em livro didático, que é a questão de coloração... né, porque sempre é só desenho... não, aqui ele mostra uma técnica de coloração... eu posso discutir com o aluno o que é uma técnica de coloração, eu posso trazer ele pra olhar numa lâmina o que é uma técnica de coloração, entendeu... então aqui ((apontando pro livro)) DÁ... porque é DIFÍCIL a gente ver isso, tu não vai olhar assim... tu faz esquemas, mas tu não vais ver o que tá acontecendo... o que é que desencadeia ((uma doença)), uma foto real do que que é uma bactéria... porque senão eles ((os alunos)) vão achar que bactéria é uma coisa enorme... ((e e a

professora rimos neste momento))... porque no desenho ele ((o aluno)) viu que a bactéria era assim, tinha esse monte de coisa...

E: O livro didático é utilizado em todas as tuas aulas?

PE4: Não...

E: Que outros materiais você utiliza?

PE4: Como eu disse, eu trabalho na sala informatizada com projetos... daí tem pesquisa de oitava série, eles fizeram isso... eles assistem vídeos, tem vários vídeos que são meus, né... fui fazendo ao longo dos anos um acervo... a gente trabalha com mapas, a gente trabalha com modelos, eles criam modelos... aí é diferente... porque a química é muito abstrata, né... então a gente tenta materializar um pouquinho a ideia do que que é um elemento químico, como é que é as camadas dele, quantos elétrons tem, né... o que que é a massa atômica, porque que ela tem aquele valor, né... pelo menos no ensino fundamental mostrar algumas coisinhas que vão servir como base pro segundo grau...

E: Tu já falaste ao longo da entrevista, mas toca de novo ((no assunto))... o que é que tu utiliza no livro didático?

PE4: PRINCIPALMENTE os exercícios, isso é o que eu mais utilizo... e um ou outro texto que eu acredito que seja mais importante... com a sétima série eu acabo usando ele um pouquinho mais – teoricamente também – do que na oitava série, porque na oitava série eu tenho que buscar questões que além do que aquelas que tão ali ((no livro)) dão conta em casa ((do aluno)) e vem e traz pra aula... a oitava ESSE ANO tá usando um pouquinho mais o livro didático na sala de aula por causa da tabela periódica, porque ela tá dentro do livro... então como muitos não quiseram adquirir a tabela, então acabaram tendo que trazer o livro meio que de maneira permanente, mas se eles observam, eu não sigo da primeira página até a última do capítulo que a gente tá trabalhando, né... eu não começo assim nessa página e vai, vai, vai... não tem isso... a gente vai usando conforme a necessidade... às vezes eu digo a gente já estudou isso, então tá lá no capítulo tal, deem uma olhada, vejam se tá de acordo ((o conteúdo)), se eu ESQUECI alguma coisa nas explicações... na hora de fazer exercícios, né, de repente pode acontecer... de repente tá tão acostumado com alguma coisa ((um assunto)), começa a achar que é ÓBVIO e de repente esqueceu de dizer o óbvio... ((eu e a professora rimos novamente))...

E: Pensando na tua atividade pedagógica atual, você conseguiria desenvolver as aulas sem o livro didático?

PE4: Mas eu NUNCA fui dependente de livro didático... AGORA eu tô usando livro didático assim, mais sistematicamente esse ano e no ano passado... antigamente, tanto é que eu tinha os livros aqui, daí eu levava pra sala, a gente ((a professora e os alunos)) conversava, trocava ideia... na hora de fazer atividade, um fazia um tipo de exercício, outro fazia outro pra eu ver o nível do aluno... eu oferecia um ((exercício)) um pouco mais complexo pra aquele aluno que eu via que ia em frente e praquele que eu via que precisava de apoio, eu usava um outro tipo de questão mais adaptada à compreensão de mundo dele... então o fato das crianças ganharem livros didáticos TODOS IGUAIS, pra mim é muito limitante... eu não gosto especificamente por causa do que eu fui fazer na minha vida, que era aumentar esse leque de contato com o conhecimento, né... então eu ADORO livros que falam um pouco da história, né... que tem um texto de português diferenciado lá dentro, que fala de matemática, que abre a possibilidade pro aluno pensar de uma maneira diferente, né...

E: Como é que tu caracteriza a importância do livro didático no PLANEJAMENTO das atividades?

PE4: No PLANEJAMENTO eu não uso livro didático... meu planejamento é feito com obras mais profundas do que o livro didático... livro didático é pro aluno, tá certo... claro que eu tô ciente de que capítulo eu tô, que questões, se aquela dá pra fazer ou não dá, se essa tem um alcance que eu não aprofundi pra fazer aquela questão... mas no caso eu uso os livros de ensino médio... não uso os livros de ((ensino fundamental))... porque eu tenho que ir ALÉM... eu tenho que pensar naquele aluno que vai me perguntar uma coisa que não tá ali... porque tem coisa que tá no livro que a resposta tá errada e se eu nem sequer fiz em casa, pra poder achar que a resposta tá errada, aí eu vou chegar na sala e fazer e não vou encontrar aquela resposta ((errada)), eu mesma vou me sentir frustrada... e a gente faz muita coisa... eu me vejo algumas horas fazendo cálculo matemático e daqui a pouco gente trava lá... vish... haja tabuada, né ((risos da professora))... porque tu tá ali, pensando outra coisa, e de repente tu tem que fazer uma coisa mecânica... PARECE automático, tem hora que sai fácil, mas tem hora que o cérebro até em outro lugar e aí não sai, né... e isso já aconteceu... esse ano só aconteceu uma vez, mas a gente nunca sabe, né...

E: E a importância do livro didático no DESENVOLVIMENTO das aulas?

PE4: Pois é, isso vai depender de como realmente o professor utiliza, né... normalmente eu desencadeio um assunto com vídeo, né... ou com uma aula prática... eu RARAMENTO entro direto no livro sem ter passado... eles mesmos ((alunos)) entraram em velocidade ((conteúdo da física)) fazendo uma atividade PRÁTICA na rua, de medir distância, de calcular o tempo que bolinha percorria tal distância... primeiro uma coisa prática, depois o estudo teórico, pra CRIAR o conceito de velocidade, a ideia de que tem uma relação entre distância e tempo... porque AÍ tu consegue entrar no teórico, eu acredito desse jeito... eu não consigo entrar no teórico sem ver uma prática associada... claro que eu não faço prática de tudo, mas aí eu uso um filme, eu uso um texto... eu vou variando... na verdade, não tem uma aula igual à outra, entendeu... quem diz assim, o meu método de trabalho é esse... não tem como... eu acho que quanto mais diversidade, mais possibilidade de atingir diferentes grupos, né... cada pessoa é de um jeito... um ouve mais, o outro enxerga melhor... um aprende vendo, o outro aprende tocando... então eu tenho que OPORTUNIZAR essas diferentes vivências pra que eles ((os alunos)) possam dar conta daquilo que eu quero... ou pelo menos eu PRETENDO chegar com eles em algum lugar...

E: Ótimo... uma última pergunta, professora... por que tu utiliza o livro didático dessa forma que tu falasse?

PE4: Porque assim oh... eu sempre usei livro didático no sentido de aluna, né... então eu sei que tem uma importância no sentido de que eu possa ficar em casa, lendo, trocando uma ideia... mas nós ainda estamos num país de leitores muito complicados, que não valorizam o livro didático e que hoje valorizam o tablet, né... e aí eles vão ter problema de visão grave, se não tiverem também o problema energético, né ((professora ironiza a situação da leitura em tablet))... e como é que a gente vai fazer o resgate disso... tudo bem que ((o livro didático)) leva madeira, né... não é ecologicamente correto, mas usar um instrumento eletrônico também não é, porque é um lixo muito mais complicado de lidar... então nós temos obras, elas ficam desatualizadas em função da escrita, mas o conteúdo em si não desatualiza... tu ACRESCENTA coisas ao que tá ali... em alguns momentos, aquilo que era verdade numa época histórica não é mais na outra, tá... até aí, tudo bem... mas aí tu tem que ter as obras pra poder fazer essa discussão também... ((professora simula um professor falando com a turma)) olha como é que era... se pensava assim desse jeito e se pensa hoje... esses dias eu fui fazer uma

brincadeira, não me lembro que sala da oitava série, sobre os caras pintadas e que a gente teve um presidente chamado Collor... ficou todo mundo ((os alunos)) parado, me olhando... aquilo foi frustrante, né... eu disse assim, meu deus do céu, né... mas realmente, pra eles não tem significado... então foi alguém que passou, tá lá ainda no poder, em outro espaço, mas tá lá e que pode acabar voltando justamente porque a memória histórica é COMPLICADÍSSIMA no nosso país, né... mas eu acho assim, a gente tá criando valores e valores se cria a longo prazo, então eu vim de uma família que a educação era prioritária... meus pais não tiveram tanto estudo, mas consideram estudo a coisa fundamental da vida... então a partir daí é o que eu tento passar pros outros também... então quando eu converso com eles ((os alunos)), eu digo da importância de ((Florianópolis)) ser uma cidade universitária, eu tenho como foco A UNIVERSIDADE pra eles... eu não tenho outro objetivo... e eu tô no ensino fundamental... mas a gente prepara futuros universitários AGORA... eu não vou preparar quando chegar no terceiro ano do ensino médio, não é real... então tem que botar alguma perspectiva, objetivo... hoje eles tem muito mais acesso, né... tem oportunidades com o ENEM, com o PROUNI... eu não tive nada disso... eu tive que ralar, fazer prova de vestibular pra poder entrar na escola pública... hoje não tem... ((os alunos)) podem até fazer uma universidade particular, né... e, mas a gente não vê esse empenho... então em algum lugar no meio do caminho tá furando, tá vazando água no meio da estrutura aí, bem grave, porque os professores estão chegando... a gente não vê essa mente tão aberta e já era pra ter, né, porque eu já saí da faculdade em 86... então de lá pra cá eu só fui tentando melhorar aquilo que eu já sabia, sendo diferente daqueles professores que eu achava que não eram ideais, certo... pelo menos eu sabia o que eu não queria ser... então eu não queria ser daquele jeito, mas pra ser de outro jeito tem que ter muito investimento, tem que ter vontade, tem que estudar, desgastar... tu tem que correr atrás do salário, tu tem que fazer passeata ((professora ri)), faz parte... porque você tá dentro de uma estrutura que NÃO TE VALORIZA dentro da tua área profissional... tu tem que estar o tempo todo brigando...

E: Então tu desenvolveu essa tua forma de trabalhar com o livro didático devido à tua preocupação com a formação do teu aluno?

PE4: CLARO... cada vez mais ampla, e não fechada... não adianta ele só saber ciências... tem que saber onde é que a ciência entra na vida dele... porque senão eu nunca vou conseguir cativá-lo, né, pra ciência... ele não vai ter esse olhar... ((professora fala como se fosse o aluno)) ah, eu

gostaria de ser um biólogo... claro que tem aluno que quer ser matemático, quer ser físico, vai fazer webdesign, vai fazer moda... mas alguma coisa com relação À VIDA ficou... ele pode até não saber meu nome... ((professora imita o aluno)) eu tinha uma professora meio chata, que PEGAVA NO PÉ pesado ((professora gargalha))...

ENTREVISTA PE5

Data: 22/06/2012

Local da entrevista: escola do professor

Duração: 24 minutos.

A entrevista ocorreu na unidade escolar onde o professor atua. No momento da entrevista, o professor se encontrava saindo de uma aula com uma de suas turmas. Nós nos encontrávamos na sala da equipe pedagógica da escola, em um espaço reservado. O local era iluminado e tranquilo. Neste ambiente, obtivemos o silêncio necessário para a nossa entrevista.

Entrevistador (E): Tu te chamas?

Professor entrevistado 5 (PE5): [...]

E: É professor na escola... ?

PE5: Leciono na unidade [...]

E: Primeiro, eu gostaria de saber sobre a sua capacitação... sobre a sua FORMAÇÃO, melhor dizendo... é... você é formado em quê ?

PE5: Biologia... Ciências Biológicas na UFSC e fiz pós-graduação em Educação Ambiental...

E: Certo... e há quanto tempo você está no magistério?

PE5: Ah, faz tempo... faz... uns oito anos...

E: Sempre em sala de aula?

PE5: Em sala de aula...

E: Certo... você já participou de algum curso, palestra ou formação sobre análise de livros didáticos?

PE5: Só esses que tem na época da escolha do livro didático... às vezes aparece umas palestras pra gente ir, das editoras... eu já participei...

E: E já leu algum trabalho sobre análise de livros didáticos?

PE5: Não...

E: Nunca?

PE5: Não...

E: E... sobre a escolha do livro didático... quantas vezes você participou de um processo de escolha do livro didático?

PE5: É a cada três anos, né... então eu já participei de dois, mas agora esse ano a gente tem a escolha de livro didático de primeiro ao quinto ano ((do ensino fundamental))... e foi bem interessante porque os professores de área ((das disciplinas, no caso)) ajudaram os professores de primeiro ao quinto ano a escolher ((os livros didáticos))... porque do primeiro ao quinto ano não é separado por área, né... tem um professor GERAL, que trabalha todas as áreas, e tem o professor de educação física e o professor de inglês... e daí chamaram os professores pra ajudar na escolha...

E: Certo... esse professor que tu dizes é o formado em pedagogia?

PE5: É o pedagogo, é...

E: E você tem tempo pra planejar e escolher o livro didático?

PE5: Hum... ((professor dá um sorriso))... o tempo de professor em sala de aula – como é o meu caso, quarenta horas – a gente ARRANJA, né... ((professor ri novamente))... a gente dá um jeito assim... não tem assim um tempo pra planejar, nem pra sentar com o colega, que seria o ideal, né... esse ano a gente porque a escola proporcionou isso, né... então depende da escola, depende da gestão que tá na escola... no momento essa gestão que a gente tá agora favorece a troca, né...

E: Como que foi esse tempo que a escola proporcionou? Me fala um pouco mais...

PE5: Foi bem legal... tá até no blog da escola – depois vou te passar o blog, tu entra lá e tem fotos, inclusive –, a gente teve uma reunião pedagógica e depois a gente se separou, ficou junto dos professores e escolheu o livro... assim, primeira e segunda opção... pra depois eles sentarem entre eles – os pedagogos – e verem que ciências ((o grupo dos professores)) recomendou esse... e foi muito legal porque ficou em duas coleções assim... ciências ((o grupo)) olhou as que tinha e falou que estas duas coleções eram mais apropriadas... aí história olhou as que tinha – os professores de história aqui da escola – e essas duas coleções eram as mais apropriadas... e foram as MESMAS coleções... geografia... e houve um consenso ((de todo o grupo)) sem a gente conversar, então realmente o pessoal tá afinado...

E: Você considera esse tempo pra planejar e escolher, que você me falou agora, adequado?

PE5: É, assim ((professor não está muito convencido))... foi um dia... foi uma tarde, né... ((professor faz uma longa pausa))... não é o mais adequado, mas é o que a gente teve disponível, né... ((professor ri))... foi o que deu pra fazer...

E: Quem escolhe o livro didático na escola?

PE5: São os professores...

E: E como é que são selecionados estes livros didáticos?

PE5: A gente olha a questão do conteúdo, das ferramentas pedagógicas que o livro oferece, se tá atualizado o livro... porque tem livro que só troca a capa, né... às vezes tem livro com erro de conceito – depois, se eu puder te mostrar no livro lá embaixo –, uma coisa bem grosseira assim, de conceito, às vezes até palavra errada, né... e tu vê só a reedição da mesma capa... e às vezes tem livros que são até, assim, BEM conceituados e quando tu vai ver, tem ERRO DE CONCEITO... famosos ((os livros))...

E: Professor, existe alguma orientação, alguma pré-seleção de livros por parte ou da Secretaria de Educação ou da direção da escola, por exemplo?

PE5: É... na última escolhe que teve... os grupos, POR ÁREA, sentaram e conversaram... então, tipo, não é obrigatória a escola escolher... a rede toda ter o mesmo livro didático... mas é recomendado que a maioria da rede escolha tipo um livro... assim, oh... não é obrigatório que tu, na tua escola, escolha este livro... mas é recomendado que seja o mais próximo possível, pelo menos assim os conceitos, o que que a gente busca... porque o aluno, ele sai de uma escola e vai pra outra, né... aí é interessante que tenha... até pra ter coleção, porque às vezes falta ((livro)) numa escola, aí tu tens uma reserva, né... era interessante tu falar com o bibliotecário sobre isso... porque o bibliotecário vai poder te falar dessa reserva que tem na rede ((municipal))... porque pode faltar ((livro))... se tu escolher um livro SÓ na tua escola, tu pode escolher... só que se faltar livro pra tua escola, de onde é que tu vai buscar... e se sobrou na outra ((escola)), tu pode pegar daquela outra...

E: Eu já ouvi isso aí de outros professores... ((eu e o professor rimos))... então não é assim uma orientação FECHADA?

PE5: Não é OBRIGATÓRIO... tu pode só, aqui na escola, a gente escolher só aquela coleção... da rede ((municipal)) INTEIRA só ter aquela coleção AQUI, só que vai ficar restrito... porque se faltar tu não tem de onde pegar, né...

E: A rede busca esse trabalho integrado na área... quando tu quer dizer a área, tu quer dizer os PROFESSORES DE CIÊNCIAS, né?

PE5: OS PROFESSORES DE CIÊNCIAS... senta todo mundo, aí a gente escolhe qual que é o melhor ((livro))... qual que é a primeira opção, a segunda opção... assim, né, não é obrigatório tu fechar com a rede... tipo, se a rede escolheu uma primeira e uma segunda opção e eu quero uma terceira, eu posso ficar com essa terceira... aí eu converso com o outro professor de ciências, assim... é feito em CONJUNTO, né...

E: Certo... e existe relação entre a escolha do livro didático e o projeto político-pedagógico da escola?

PE5: Existe...

E: Em que aspectos?

PE5: É porque o livro tem que tar... o projeto político, ele tem aquelas diretrizes ali e o livro tem que acompanhar... a gente trabalha valores com as crianças, a gente não trabalha só o livro pelo livro... eu uso o livro como uma das ferramentas que eu utilizo, só que eu trabalho outros projetos aqui na escola... sensibilização, né... de valores com eles ((os estudantes))... quem eu sou, onde estou, qual o meu papel... aí a gente faz auditoria ambiental da escola, então tudo tem que estar dentro da harmonização que se busca do livro ali... o que que eu vou usar do livro... se tem a parte da educação ambiental do livro, tá bem fundamentada... eu tenho o projeto Guardiões da Energia, aí eu vi um livro lá do quinto ano que tem... o livro tá super completo sobre essa parte da economia de energia, do impacto ambiental que tem... e no ano que vem eles ((os estudantes)) vão ser meus alunos, então é interessante eles trabalharem com aquele livro que tá dando aquelas diretrizes que eu vou precisar no próximo ano, né... pra mostrar também que é interessante a gente trabalhar amarrado assim dessa forma... mas o livro, pra mim, ele NÃO É principal, em hipótese alguma... a gente utiliza sala informatizada, a gente faz pesquisa de campo, a gente vai no laboratório, a gente tem a horta escolar... eles ((os alunos)) viram agora a questão de horta... a gente trabalha também com horta na escola...

E: E o livro que chega aqui, à escola, é o mesmo que foi escolhido?

PE5: É... ((professor hesita e dá uma risada))... geralmente sim, agora teve o ano passado, não... o ano retrasado... não... no PENÚLTIMO... a gente diz o ano, mas é a cada três anos ((que o professor seleciona o livro e faz o pedido ao governo, no âmbito do PNLD))... teve um problema que teve a greve do correio ((professor ri)), não sei se tu lembra... e o livro que a gente escolheu, não teve tempo hábil de chegar onde tinha que chegar a solicitação e veio o livro que o MEC mandou... não foi o que a gente tinha pedido... mas a maioria das vezes sim...

E: Mas isso aconteceu porque, na verdade, o serviço de correio é que tava em greve, né?

PE5: É...

E: Se tu pedires um livro, esse livro vai chegar? Se estiver tudo dentro da normalidade?

PE5: Vai...

E: Certo... e há livros pra todos os alunos?

PE5: ENTÃO... ((professor ri))... esse é outro problema, né... a gente tem um problema... quando tem livro pra todos os alunos, agora a gente identificou um problema na escola... que os alunos do sexto ano tão trazendo um PESO muito grande ((na mochila)), porque aí tem livro de matemática, português, história, geografia no MESMO dia ((letivo)), né... e aí tem as vezes que não tem ((livro)) pra todo mundo... e tem o meu caso, que eu prefiro que não leve livro pra casa, a não ser quando tem um dever, uma pesquisa... aí a gente tem o nosso armarinho ali ((professor me aponta)), que a gente deixa o livro ali... aí quando eles ((os alunos)) querem pesquisar, quando tem... aí leva pra casa... senão deixa aqui, por causa do peso... não fica carregando...

E: Mas em quantidade tem livro pra todos os estudantes?

PE5: Às vezes não tem, depende dessa reserva técnica... aí é interessante tu fazer essa pergunta lá pro bibliotecário... às vezes, quando a gente pede um livro, a gente pede um ano antes... aí no outro ano entra bem mais aluno... aí é bom tu ver com o bibliotecário que ele vai te dizer a quantidade ((de livros))...

E: Professor, vamos falar um pouco sobre a qualidade do livro didático na tua visão, tá... e a primeira pergunta que eu te faço é o que é um bom livro didático, na tua opinião?

PE5: Tem que chamar a atenção do aluno... tem que ter textos interessantes, IMAGENS... porque eles ((os alunos)) estão na era digital, né... aquele negócio de cuspe, giz e livro não chama mais a atenção deles... então tem que trazer curiosidades, caça-palavras, mapa conceitual... assuntos que agucem a curiosidade deles ((dos alunos))...

E: E tu julga que dispõe de bons livros pra escolher?

PE5: Sim, a gente tem uma gama bem grande de livros RUINS e livros BONS, né... então dá pra gente dar uma garimpada...

E: O que é que tu consideras importante na escolha do livro didático?

PE5: Eu acho interessante essa conversa que a gente ((os professores da disciplina)) tem né, assim... é muito democrático, aqui pelo menos na nossa escola, né... é muito democrático, eu acho bem legal...

E: E que elementos que mais chamam a tua atenção num livro didático?

PE5: Primeiro, se ele tá atualizado, né... eu olho, assim, os conceitos, se tá certinho... a apresentação, assim, das fotos, como é que tá as figuras... porque isso eu sei que chama atenção do aluno... se tem esses recursos que eu te falei, que os alunos gostam de fazer... se tem pesquisa, se tem experimento, se tem valores também... os valores que eu busco... aí sim...

E: Bom, professor, nós vamos entrar no nosso último assunto, que é o uso do livro didático... e eu queria saber como é que tu utilizas os livros nas tuas atividades pedagógicas...

PE5: Eu utilizo bem pra pesquisa mesmo ((professor ri))... ah, eu... tipo, agora eu tava utilizando o livro... eu falo um pouquinho de um assunto, deixo eles ((os alunos)) meio curiosos... e daí eu faço eles irem lá e pesquisar... ou então eu vejo se tem algum texto... tipo bactérias... aí tinha um livro num outro ano que ele era bem legal... ele ((o livro)) tinha um texto que falava sobre bactéria na agricultura, outro texto que falava sobre as pesquisas com bactérias no sistema imunológico, outro texto que falava sobre bactéria na alimentação... várias coisas sobre bactéria... a bactéria e a saúde... e daí eu peço pra eles ((alunos)) lerem os textos e fazerem um mapa conceitual único daqueles vários textos... então, pra isso, eles tem que entender ((o conteúdo)) e entender que, apesar da diversidade, tá falando do mesmo assunto... né... então eu gosto de fazer umas coisas assim diferentes com o livro...

E: Tu já me falasse um pouco sobre isso, mas eu gostaria que tu voltasse ao assunto, né... se o livro didático é utilizado em todas as tuas aulas e que outros materiais você utiliza...

PE5: Não... ah, eu gosto de sair com eles ((os alunos))... eu trabalho muito a questão ambiental, né... então... eu posso até te passar o link depois, que fala de todo o trabalho que eu faço com os Guardiões da Energia ((projeto já mencionado pela professora))... então a gente vai visitar a casa eficiente da Eletrosul ((companhia de energia elétrica)), a gente... ano passado a gente visitou o museu do lixo ((no centro de coleta de resíduos da cidade))... a gente fez um intercâmbio com outra escola, a escola veio aqui e a gente foi lá... era uma escola que tinha um bosque, uma sala de aula no bosque... era a coisa mais linda – eu também tenho foto pra te mostrar –, eu vou te passar o videozinho que eu fiz do trabalho, como um todo, ao longo do ano, né... que tá buscando quem eu sou, onde estou e qual o meu papel... então... a gente vai no museu do lixo, daí faz pufe de garrafa PET, faz muito trabalho com material reciclado... e agora foi bem interessante porque teve três alunos que já tão no segundo grau ((atual ensino médio)) e vieram então pra escola pra fazer trabalho de educação ambiental com os alunos que tão aqui ainda, então eles já saíram, mas eles vem devido a esse vínculo, né... é bem legal... nós somos uma eco-escola da rede ((municipal))... então a gente trabalha muito a questão ambiental... e se o livro tem questão ambiental, pra mim, é a primeira coisa que eu olho... ((professor ri))

E: Então, além disso, o que mais tu utiliza no livro didático?

PE5: É isso... assim... o livro é uma das ferramentas, mas não é a única pra mim... não é NEM a principal... às vezes eu utilizo uma figura do livro e essa figura faz todo o trabalho, né... às vezes um texto... mas eu não fico em cima do livro, assim, o tempo todo...

E: Pensando na tua atividade pedagógica atual, você conseguiria desenvolver as tuas aulas sem o livro?

PE5: ((Professor afirma em silêncio, consentindo com a cabeça))...

E: Por quê?

PE5: ((Professor ri))... Porque a gente consegue, né... tu diz assim, sem o livro na escola ((pergunta direcionada a mim))...

E: Sem o livro NA TUA AULA... tu conseguiria desenvolver?

PE5: Sim... várias vezes eu já fiz isso... porque tem muita ferramenta pedagógica hoje... eu trabalho muito com vídeo, com a questão multimídia, sala informatizada... entendeu... então o livro não é o principal assim... o livro é uma das ferramentas que a gente tem pra desenvolver o trabalho... mas eu trabalho muita aula com power point, eu desenvolvo aula com power point... daí eu vou lá e pego uma matéria que passou no Fantástico... sobre o crack naquele Profissão Repórter, então eu trago, daí eles ((os alunos)) podem ver como é que é a realidade... então a gente trabalhou o cigarro... agora foi o trabalho que eu fiz, que foi bem legal... então a gente usa o livro... tu vai lá no livro... tu tá trabalhando o sistema respiratório no livro... aí tu vê aqui a questão da poluição e a questão do uso do cigarro, que doenças que pode trazer... aí tu usa o livro... só que daí, eu digo pra eles assim ((professor começa a falar como se estivesse dando uma aula))... gente, antigamente, na minha época da idade de vocês, as propagandas de cigarro eram MARAVILHOSAS, hoje em dia não existe mais propaganda de cigarro, mas tinha um menino da outra sala – daí eu até conto essa história, né – que me mandou um bilhetezinho assim... [...], você não é Carlton ((marca de cigarro)), mas é um raro prazer... então... ((professor ri))... até o nome do cigarro... que era CHIQUE aquele negócio... só pra me passar uma cantada... aí eles ((os alunos)) não acreditavam, aí eu peguei, fiz um vídeo, mostrando só aquelas propagandas lindas... Hollywood, um sucesso... Carlton, um raro prazer... Marlboro, venha para o mundo de Marlboro... e eles ((os alunos)) viram aquilo, eles não acreditavam... porque eles diziam assim pra mim ((professor começa a imitar os alunos))... isso é propaganda enganosa... porque eles já tinham lido no livro e eles já sabiam o mal que o cigarro faz... assim, justamente... então por isso que agora a gente faz uma contra-propaganda do cigarro... então quer dizer, o livro foi um meio, mas não foi o único... no outro ano a gente conseguiu ir além, então teve um ano que a gente ainda pegou... eles ((os alunos)) trouxeram bituca de cigarro e a gente fez um quadro enorme na escola que a gente usou material reciclado pra fazer isso daí, então a gente já trabalhou a outra questão ambiental também... aí fizeram com as caixinhas de leite, aí eles pegavam as caixinhas de leite e colavam o papel camurça preto e as bitucas de cigarro, com mensagem pra não fumar... então ficou LINDO... aí a gente fez um quadro, assim... juntou tudo e fez um quadro enorme com bambu, como se fosse uma moldura e botamos no meio da escola pra fazer uma exposição pra todo mundo... então teve uma continuidade, não foi só o livro... e é assim que eu gosto de trabalhar...

E: É... como é que tu caracteriza a importância do livro didático no PLANEJAMENTO das atividades?

PE5: Ah, no planejamento é legal porque eu olho o livro no que ele tem de conceito... os conceitos que eu vou trabalhar... aí então eu vou precisar trabalhar a questão ambiental, eu vou precisar trabalhar a questão da saúde, eu vou precisar trabalhar os sistemas lá do corpo humano... o que é que ele tem ((o livro)) que vai me dar subsídio pra isso... porque eu vou usar ele TAMBÉM...

E: E a importância do livro didático no desenvolvimento das aulas?

PE5: Então... eu acho que eu já respondi, né ((professor ri))... é assim...

E: E por que é que tu utilizas o livro didático dessa forma?

PE5: Porque eu acho que se eu pegasse página por página e fosse usando SÓ o livro, ia ficar uma aula mais monótona assim... eu não tiro a importância do livro, né... quando a gente vai ler um texto no livro, eles ((os alunos)) se interessam, porque ((o conteúdo)) já foi trabalhado de uma outra maneira... às vezes o livro, ele é um start, é aquilo ali que vai aguçar a curiosidade... eu percebo que a aula, pra ser interessante, o aluno tem que ficar CURIOSO... hoje eu escrevi no quadro sistema ABO... eles não sabiam o que que era, porque eu não tinha falado nada sobre isso ainda... eles sabiam que era do sistema sanguíneo porque a gente tá trabalhando isso, a circulação... mas agora o sistema ABO... ((professor imita os alunos)) que que é isso, que que é isso... vou pesquisar no livro... e eles tem uma preguiça... eles tem preguiça de ler... eles tem preguiça de olhar índice, qual é a página... aí eu digo que vou dizer a página, vou lá... tá em circulação... aí eles vão... aí quando acha, fica feliz, sabe... é assim... tem que aguçar a curiosidade...

E: Utilizando o livro didático dessa forma, tu tens uma melhor resposta?

PE5: Eu acho que sim...

ENTREVISTA PE6

Data: 26/06/2012

Local da entrevista: escola do professor

Duração: 25 minutos.

A entrevista ocorreu na unidade escolar onde o professor leciona. No momento da conversa, estávamos em um período livre para o professor. Nós nos dirigimos à sala dos professores, que no momento se encontrava vazio, pois todos os colegas do professor estavam em sala de aula. Neste espaço ocorreu a nossa conversa, transcrita a seguir.

Entrevistador (E): Teu nome é?

Professor entrevistado 6 (PE6): [...]

E: Você leciona em que unidade?

PE6: Eu trabalho na [...]...

E: Então, eu te pergunto qual é a tua formação...

PE6: Eu sou bióloga, me formei na PUC de Porto Alegre... é, licenciatura em Ciências Biológicas...

E: Fez alguma pós-graduação?

PE6: Não fiz... apesar de ter feito muitos cursos – até cursos com bastante horas... mas pós-graduação não...

E: E há quanto tempo está no magistério?

PE6: Há... DEZENOVE anos...

E: Sempre em sala de aula?

PE6: Sempre... eu tive um período que eu trabalhei na secretaria de Educação... que eu coordenava um projeto de educação sexual... mas foi um período curto, porque logo depois eu fiquei metade do dia lá ((na secretaria)) e metade do dia na escola...

E: E você já participou de algum curso, palestra ou formação sobre análise de livros didáticos?

PE6: Na REDE ((municipal)), dentro do nosso grupo, né... no grupo ((de professores)) de Ciências a gente já fez bastante discussões, assim... mas um CURSO específico não...

E: Certo... essas discussões que você me falou são a respeito da seleção dos livros didáticos?

PE6: É... quando a gente faz a análise do livro pra selecionar o livro didático... a gente discute bastante lá no nosso grupo antes de selecionar, né...

E: Você já leu algum trabalho de análise de livro didático?

PE6: Só esse... essa tese da [...], que depois ela mandou pra gente...

E: Certo... conhece o Guia de Livros Didáticos?

PE6: Do MEC ((professor me pergunta))...

E: Sim...

PE6: Conheço... a gente utiliza... esse guia você considera como um TRABALHO ((professor me pergunta se eu considero o Guia de Livros Didáticos como um trabalho de análise de livros didáticos))...

E: Ele é um trabalho sim...

PE6: Bom, então se é, eu já... ((professor ri))

E: Ele ((o Guia)) foi feito por uma comissão de avaliadores, né? ((Eu e o professor rimos))... Ele é considerado um trabalho sim...

PE6: Bom, então eu já li... VÁRIOS...

E: É verdade... agora vamos um pouquinho sobre a ESCOLHA do livro didático aqui na escola, tá professor? Quantas vezes você participou de um processo de escolha do livro didático?

PE6: ((Professor para e começa a fazer conta))... Ai, agora... a escolha é a cada três anos, né... SEIS vezes, né... se bem que a gente... EU participo da escolha do livro de primeiro a quinto ano, né, porque eu sou efetiva aqui na escola... até tava conversando com a [...] agora, porque a escolhe tá sendo nesse período... então ela me passou o guia do MEC, eu dei uma analisada e daí eu repassei pra ela o que eu achei interessante... olhei alguns livros que a gente recebeu aqui na escola – porque a gente não recebeu todos, né – e passei pra ela o que eu achava mais interessante...

E: Os professores do primeiro ao quinto ano pedem ajuda aos ((professores)) formados em cada área específica?

PE6: Pedem... pedem sim... até porque eles ((os colegas pedagogos)) não tem essa visão específica que a gente tem, né... então a gente já tem uma... você consegue enxergar mais longe, né... você consegue ver o que é mais importante, qual é a BASE que o aluno precisa ter de primeiro ao quinto ano pra chegar pra gente depois... então eu dou uma olhada nos livros, né, sempre pensando nisso... no que é importante ele ((o aluno)) ter de base pra depois a gente ((os professores)) pegar eles no sexto ano...

E: Certo... e aqui na escola, professor, quem escolhe o livro didático?

PE6: O de Ciências sou eu ((professor ri))...

E: É o professor?

PE6: É o professor... CLARO que a gente conversa com a equipe pedagógica, né... discute algumas coisas, mas como EU sou a efetiva quarenta horas aqui na escola e, além de mim, só tem um professor de dez horas que dá aula aqui também... então praticamente quase todas as turmas são minhas, né... então... CLARO que a gente leva essa opção pro nosso grupo ((de professores da rede municipal)), a gente nunca faz uma opção SÓ da escola, né... ((professor fala como se estivesse selecionando o livro)) ah, eu escolhi esse livro... a gente ESTUDA, né, aquele livro do MEC ((o Guia de Livros Didáticos)), olha todas as opções que vem... aí a gente vai pro grupo – o nosso grupo de formação em Ciências – e lá a gente discute o que é que todo mundo ((os professores)) achou, o que é que conhece, o que é que a gente usou... e tem uma opção também, a partir da nossa última escolha... não vou dizer assim uma opção por REDE, mas foi feita uma primeira opção... até pra gente ter essa questão da reserva técnica ((de livros didáticos)), né... às vezes falta livros e você tem a reserva técnica na central, então você pode pedir livros... então a gente ((o grupo de professores)) pensa nisso também...

E: Como é que são selecionados os livros didáticos na escola?

PE6: ((Professor faz uma pausa))... Hum... eu sempre olho dentro da proposta curricular da rede ((municipal)), né... porque a rede tem uma proposta curricular, então a gente vê os ((livros)) que estão dentro desta proposta curricular... ahn... aí a gente escolhe conforme como a gente

usa o livro, né... a gente não fica seguindo todo o livro... o livro é um material de apoio... eu uso os TEXTOS do livro, porque eu não tenho como tirar xerox de todos os textos, todo o conteúdo que precisa dar pro aluno... e é um material pro aluno ter em casa, porque muitos dos nossos alunos não tem acesso a internet... então é o que eles ((os estudantes)) tem pra consultar... então eu olho muito os textos do livro pra consultar, se ele tem bons textos, se tão atualizados... ahn... como é que é essa diagramação desse livro, se ele é agradável pro aluno olhar, se ele é empolgante... eu não olho assim se ele ((o livro)) tem muita atividade prática, porque isso eu posso buscar fora do livro, né... coisas complementares, eu posso COMPLEMENTAR sempre o livro, né... então o livro é só um apoio mesmo... eu olho simplesmente os textos, né... atividades também... tem livros – por exemplo, este livro aqui ((professora me aponta)) – que tem boas atividades... tem atividade de compreensão, tem atividade de interpretação... mas não FOCO nisso, tá... pra mim o foco do livro são os textos...

E: Deixa eu te perguntar... há alguma orientação ou pré-seleção de livros por parte ou da secretaria de Educação ou da direção da escola, por exemplo? Ou tu é livre na tua escolha?

PE6: Não... CLARO, na verdade a gente é... eu posso ser livre se eu quiser, porque quem preenche o formulário ((para solicitar o livro didático)) é a escola, né, pra escolha da escola... mas a gente tem um grupo, né... a gente faz parte de uma rede, então a gente discute e depois é pedido pela rede ((municipal))... ahn... então é aquilo que eu te falei, nessa última escolha a gente fez uma opção da rede... primeira e segunda opção... mas ainda assim tem professores que voltam pra escola e optam um outro livro ((didático)) – porque tu pode fazer isso, né... e quem preenche o formulário é a escola... mas eu costumo respeitar o que foi tirado no nosso grupo, até porque a gente tem um grupo que discute muito... e na última escolha ((de livro didático pelo grupo)) eu argumentei bem ((professor ri)) e foi escolhido o livro que eu selecionava, então valeu... as minhas argumentações foram boas, eu acho...

E: Existe alguma relação entre a seleção do livro didático e o projeto político pedagógico da escola?

PE6: Sim...

E: Em que aspectos?

PE6: O projeto político pedagógico é o que... ((professor tenta lembrar de uma palavra)) que palavra que eu vou usar... ORGANIZA a escola, é o que define tudo que acontece na escola... e o livro didático, ele tem que tar dentro dessa proposta... ele não pode estar fora...

E: Professor, você tem tempo pra PLANEJAMENTO e ESCOLHA do livro didático dentro das suas atividades?

PE6: Olha, se não tem, a gente vai ter que arranjar... de noite, no fim de semana... ((professor sorri))...

E: E você considera esse tempo adequado?

PE6: É que... às vezes... eu acho que sim... na verdade a gente tá acostumado a trabalhar assim... final de semana, à noite... então a gente acaba achando meio normal, mas não é... não DEVERIA ser, né... ahn... poderia ter MAIS tempo, mas aí tu depende... o guia do MEC até vem com bastante antecedência, mas os LIVROS não vem... as coleções não vem pra escola... às vezes vem de última hora... às vezes não vem algumas coleções e a gente tem que ligar pras editoras pra pedir... porque só através do guia do MEC não dá pra você escolher, né... tem que olhar o livro... às vezes a gente que tá em sala de aula tem uma opinião um pouquinho diferente ((das ideias que o livro apresenta)), né... então eu gosto de olhar o livro, mas assim... Ciências ((a disciplina)) não tem muitos autores novos... tem poucos... tem alguns tradicionais... o [...] ((autor de livro didático)) já é um autor antigo de Ciências... e tem umas coleções novas que eles ((os autores)) andaram VIAJANDO, né... a estrutura, o conteúdo, como eles colocaram os conteúdos por série... eu achei bem... eu não simpatizei muito... dentro da nossa REALIDADE da escola, da proposta curricular da rede... tem muitos livros que estão bem FORA, então a gente escolheu até alguns livros mais TRADICIONAIS, vamos dizer assim... porque o [...], ele até moderniza um pouco o livro, atualiza dados do livro... claro, sempre tem um errinho, alguma coisinha... mas o dele eu até acho um dos livros mais legais, dentro da proposta curricular da rede...

E: Certo... e o livro que chega aqui à escola é o mesmo que foi escolhido?

PE6: Na nossa sempre foi...

E: E existe livro pra todos os alunos?

PE6: Olha, nessa última escolha eu fui um pouco esperta... porque eu fiz assim... a gente já tinha o livro do [...]... a gente já tinha escolhido na

outra escolha ((anterior)) o livro do [...]... aí como eu sabia que ia faltar MUITO livro, porque agora com essa história da mudança de série pra ano, né ((professor faz menção à transição do ensino fundamental de oito para nove anos))... então tem muita diferença, por exemplo, nós temos dois sextos e QUATRO sétimas séries... então ano passado tinha TRÊS sétimas séries e esse ano que tem QUATRO... então, a escolha do livro é sempre feita por censo ((escolar)) do ano anterior, então sempre falta livro... aí um dos critérios que eu fiz foi escolher o livro do [...] – eu GOSTO do livro do [...] –, continuar... eu poderia mudar, até pegar um outro livro similar com um autor que tem bons textos também... mas eu optei pelo livro do [...] também porque a gente já tinha os livros do [...] na escola, então a gente não tem falta de livros por causa disso... nós guardamos os livros da outra coleção dele pra usar, então uma turma toda tá usando a coleção antiga... e não muda muito, muda algumas coisas às vezes, um texto que ele ((o autor)) atualiza, algumas informações, coisas mais recentes...

E: Certo, professor... bom, vamos falar um pouquinho agora sobre a qualidade do livro didático, tá? E eu queria te perguntar – primeira pergunta –, é... o que que é um BOM livro didático PRA TI?

PE6: PRA MIM é que tem conteúdo, BOM conteúdo... conteúdo ATUALIZADO, conteúdo CORRETO também... tem muitos erros nos livros didáticos... e é isso, porque eu uso ((o livro)) dessa maneira, eu uso ele como um apoio só, né... na verdade eu não faço estar correndo o livro na sala aula... tem MUITO material fora do livro, sabe... que a gente MONTA e faz... então o livro é SEMPRE o texto que o aluno tem em casa, que eu posso cobrar dele porque eu sei que ele tem aquele texto ali... então dentro daquilo ali eu posso cobrar do aluno, porque eu sei que nossos alunos – a maioria – não tem internet... limita um pouco, né... não posso falar pro aluno ((professor fala como se estivesse em aula)) ah, você faz essa pesquisa em casa... dar um trabalho pra ele fazer em casa... às vezes ele ((o estudante)) não tem dinheiro pra vir no turno oposto na biblioteca, pra fazer pesquisa na biblioteca, de repente na internet da escola... então eles também não tem disponibilidade, então eles tem livro, tem o texto do livro que eles podem pesquisar... então eu posso trabalhar várias coisas FORA da sala com o livro... eu sempre penso nessa questão...

E: E você julga que dispõe de bons livros pra escolha?

PE6: Ah, poderiam ser bem melhores, né... Ciências principalmente, assim... nos últimos anos surgiram poucos autores novos, poucas

coleções... até TEM um monte de coleções novas, mas assim, MUITO ruins... uns livros muito ruins...

E: Mas vamos pensar assim... tu estás há dezenove anos na rede, como tu me falaste... da tua entrada pra cá os livros estão melhores ou estão piores, na tua visão?

PE6: Ah, melhoraram né... porque tem MUITA cobrança em cima dos autores... a gente ((os professores)) tem um certo poder porque a gente... é a gente que escolhe os livros, né... então esse poder a gente tem e a gente faz críticas... eu acredito que essas críticas devam chegar eles ((os autores dos livros didáticos)) porque eles não devem ser pessoas mal informadas... ainda mais hoje em dia, né, com internet, com acesso fácil a informação, eles ((os autores)) devem fazer pesquisa pra saber, né...

E: O que é que tu considera importante na escolha do livro didático?

PE6: ((Professor faz uma pausa e me questiona em seguida))... Como assim... primeiro você me perguntou o que é um BOM livro...

E: Isso, agora eu quero saber o que é que tu consideras importante na hora que tu vai escolher um livro didático... que elementos?

PE6: Do livro... ah, é a mesma coisa... o conteúdo... eu olho se o conteúdo tá atualizado, correto... porque tem livros que são também muito superficiais, tá... traz um TEXTINHO básico... o básico do básico e como pra maneira que eu utilizo... mas pra alguns professores até acham legal, porque daí eles usam o livro na sala de aula, entendeu... aquele é o texto da sala de aula... pra mim, como ele é uma pesquisa, né... um livro de pesquisa de muitos alunos, ele tem que ter um texto um pouco mais completo...

E: Então no caso os conteúdos também seriam os elementos que mais chamam a tua atenção no livro didático?

PE6: As ilustrações também... porque não pode ser um livro que tenha só texto, texto, texto... tem que ter um pouco visual também, né... tem que ter... ainda mais ciências, né... sai um livro... ((professor simula um professor ou aluno visualizando um livro didático)) ah, tem uma foto de um microscópio, né... tem uma informação, uma foto que complementa o texto... o aluno se detém a fotos, entende melhor aquela informação...

E: Quando tu fala em conteúdo, então, tu tá falando do texto e da imagem?

PE6: ((Professor assente com a cabeça))...

E: Certo... principalmente da amarração entre eles?

PE6: É...

E: Bom, professor... vamos discutir agora um pouquinho o uso do livro didático... há algumas coisas que tu já me falaste ((risada))... seguinte, primeira pergunta: como é que tu utiliza o livro nas tuas atividades pedagógicas?

PE6: Tá... eu vou te explicar aqui... de uns cinco anos pra cá o perfil dos nossos alunos mudou muito, tá... a gente tem alunos assim, ahn... acredito que também em função de tudo que eles tem disponível pra eles... internet, televisão, sabe... acesso a informação, apesar de muitos dos nossos alunos não terem ainda internet, mas em algum momento eles tem acesso a essas informações, né... a gente tem que fazer umas aulas muito dinâmicas, né... e eles tem muito pouca consulta, então... turmas muito grandes, né... então você tem trinta e cinco adolescentes numa sala de aula, aí você chega e quer dar uma aula expositiva, você não vai conseguir dar... então você tem que chegar com um material pra eles produzirem alguma coisa dentro daquele conteúdo, pra depois você ir amarrando o conteúdo ali naquilo ali... por exemplo, eu vou trabalhar modelo atômico, né... eu dou uma BASE pra eles de modelo atômico e a gente CONSTRÓI um modelo atômico, tá... e DENTRO dessa construção, às vezes aquela aula mais dinâmica, eu já vou inserindo um monte de informações DESSE conteúdo... aí eles tem o texto em casa, que eles tem que ler também... ler NA SALA DE AULA é bem difícil... tem poucas turmas que a gente consegue ((professor imita uma situação de aula)) ah, vamos fazer uma leitura hoje... complicado com trinca e cinco alunos... mas então o livro é sempre um APOIO, tá... eles leem em casa ou eu dou uma atividade dirigida em que eles tem que pesquisar no livro, tá...

E: Ele ((o livro)) é utilizado em todas as tuas aulas?

PE6: Não...

E: Que outros materiais tu utiliza?

PE6: Ah... tudo que eu achar, que eu encontrar ((professor ri))... eu tô sempre à caça de coisas que façam com que o aluno... o nosso foco é prender a atenção dele... você tem que prender a atenção... se você prendeu a atenção dele, aí você vai JOGANDO informações pra ele e

ele vai captando... e eu acho que é legal até essa dinâmica de aula assim... porque daí o aluno vai... eles aprendem muito mais, né... aquelas aulinhas lá e você vai de quadro e leitura... NÃO FUNCIONA...

E: Então... tu já me falasse um pouquinho, mas eu tenho que te fazer essa pergunta de novo... o que é que tu utiliza nos livros didáticos?

PE6: Os textos... atividades... esse livro também tem boas atividades... sabe, eu dou deveres... nem sempre eu uso... às vezes eu uso a ordem que tem no livro, faço uma ordem de como o aluno vai entender, de sequência do conteúdo, que às vezes não é a mesma do livro... então às vezes a gente traz pro começo lá do final ((o conteúdo, no índice do livro))... na sétima série agora eu puxei o sistema genital pra frente porque tá muito agitado agora a questão da sexualidade na adolescência... então, eles ((os alunos)) tavam assim muito nessa questão, aí eu puxei pra dar uma acalmada neles, né... daí eles ficam curiosos, a gente fez um monte de aulas assim bem legais... e aí acalma, eles ficam mais calmos... no livro, inclusive, tava lá no final ((o conteúdo))... eu puxei... mas mais o texto e atividades também, trago a coisa sempre além do livro...

E: Professor, pensando na tua atividade pedagógica atual, certo, você conseguiria desenvolver as aulas sem o livro?

PE6: Ah, sim... com xerox, né... porque um TEXTO eu vou ter que dar pra eles... um material ESCRITO eu tenho que dar pra eles... porque aquela coisa de passar no quadro, EU não faço... porque aquilo pra mim é estar matando aula, né... a MORTE de uma aula é passar o texto inteiro no quadro ((professor ri))... tem gente que faz isso pra matar aula, né, mas eu não faço... acho um pecado perder uma aula assim...

E: Como é que tu caracteriza a importância do livro didático no PLANEJAMENTO das atividades?

PE6: Hum ((professor pensa um pouco antes de falar))... é isso, ele vai guiar... não vai GUIAR meu planejamento... o planejamento eu faço sempre em cima da proposta curricular, mas eu penso quando eu vou planejar minha aula o que é que eu vou usar do livro, né... se tá legal esse texto, se tem que complementar... às vezes eu não uso o texto do livro, eu acho um outro texto mais interessante, então eu pego esse outro texto... tem capítulos que a gente nem olha no livro...

E: E a importância do livro didático no desenvolvimento das aulas?

PE6: ((Pausa do professor))... Ele é importante mais por este aspecto do texto, né, do apoio, por ser um material... porque a gente não tem essa disponibilidade de xerox à vontade ou então ter um texto de fora, produzir... e a gente não tem esse tempo pra estar ORGANIZANDO tanto texto, né... então eu já vou usar esse meu tempo pra pensar em usar outras atividades, né... porque o texto já tá ali, daí esse texto está dentro do que eu quero trabalhar, é interessante, todo mundo vai entender o conteúdo em cima do texto que o livro tá trazendo... mas geralmente é no livro assim... tem uns textos bem claros, né... não todos, né, mas a gente já olha isso também como está no livro, né...

E: Última pergunta, professor... por que tu utiliza o livro didático desta forma que tu falasse?

PE6: Ah, anos de experiência, né... ((professor ri)) na verdade, a gente não deveria parar de dar aula depois de um tempo porque toda essa experiência que eu tenho agora, com os meus dezenove anos ((de sala de aula))... alguém que tá começando, nossa, eles entram na sala de aula agora e vão ficar apavorados, né... pra ele dar CONTA de tudo que eu já dou conta, sempre modificando e arrumando todo o material que eu tenho... até aqui na escola o pessoal debocha de mim, da quantidade de armários que eu tenho... eu tenho três portas, mais o armário da sala de Ciências, mais um armário grande que eu ganhei, de tanto material que tu vai acumulando, né... então é isso aí...

ENTREVISTA PE7

Data: 26/06/2012

Local da entrevista: escola do professor

Duração: 23 minutos.

A entrevista ocorreu na unidade escolar onde o professor leciona. No momento da conversa, o professor havia acabado de terminar uma aula em uma das turmas e se encontrava em um horário livre antes do almoço. Nós iniciamos esta entrevista na sala dos professores, mas tivemos de nos locomover para a sala de reuniões na metade da conversa, pois havia muito barulho feito por outros professores, que estavam conversando entre eles. Na sala de reuniões encontramos o silêncio necessário para que a conversa transcrita a seguir prosseguisse.

Entrevistador (E): Como tu te chamas?

Professor entrevistado 7 (PE7): Meu nome é [...]

E: Leciona em qual escola?

PE7: Leciono na [...]...

E: Vamos para nossa primeira série de perguntas, que é sobre sua formação, sua capacitação pra escolha do livro didático. Então a primeira pergunta que eu te faço é a respeito da sua formação.

PE7: Eu sou formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro ((UFRRJ))...

E: Certo... tu fez alguma pós-graduação?

PE7: Fiz uma especialização na área da interdisciplinaridade...

E: E há quanto tempo que você está no magistério?

PE7: Eu não tenho uma vida profissional linear, tá... eu parei por um tempo... mas eu ENTREI... em dar aula em 1982, depois eu tive uma parada...

E: Então você não esteve sempre em sala de aula?

PE7: Não... não tenho essa vida linear no profissional porque eu me mudei muito...

E: Mas vamos dizer que são vinte anos, trinta anos?

PE7: Não... é menos que isso... na sala de aula é menos que isso... é menos de vinte...

E: Menos de vinte... ok... Você já participou de algum curso, palestra ou formação sobre análise de livros didáticos?

PE7: Sim, a gente, na formação da prefeitura – ela nos oferece – todos os anos que tem escolha de livro a gente tem essa formação, pra conhecer os livros... até alguns autores ((de livros)) vem nos colégios... a gente tem sim...

E: Uhum... e você já leu algum trabalho sobre análise de livro didático?

PE7: Eu vi na internet quando eles fizeram o... mas aí é oficial, né... o MEC ((Ministério da Educação)) fez uma análise com vários livros e a gente acompanhou pela internet no MEC uma análise dos livros que foram escolhidos para que os professores escolhessem...

E: Tu tá falando do Guia de Livros Didáticos?

PE7: È... que o MEC seleciona e faz uma análise, né... mas aí aquilo ali a gente dá uma lida e tal... mas o que VALE mesmo é o que a gente discute no nosso grupo ((de professores de Ciências do município))...

E: Bom, professor... vamos falar um pouquinho sobre a escolha do livro didático aqui na escola... e a primeira pergunta que eu te faço é quantas vezes você participou do processo de escolha do livro didático?

PE7: ((Professor faz cálculos para ver se lembra do número exato))... vamos ver, dez, nove... ele ((o processo de escolha e uso do livro)) dura três anos, então vamos botar...

E: Algumas vezes?

PE7: Umás cinco, seis vezes, ou mais... dura mais ou menos três anos, né... três a quatro anos... eu entrei na rede em 97... então a cada três anos a gente tá fazendo uma nova escolha, né... era QUATRO ((anos)) e passou pra TRÊS... então é por aí... umas cinco, seis vezes já fizemos...

E: Certo... quem escolhe o livro didático na escola?

PE7: Na escola... o livro didático de Ciências é o grupo de professores de Ciências...

E: Certo... como é que são selecionados os livros didáticos aqui na escola, de que forma?

PE7: Na escola ((professor parece não entender a pergunta))...

E: É!

PE7: Pela reunião por área... reunião por área... cada área se reúne com seus professores e escolhe... SEMPRE tendo uma relação com a nossa discussão na formação... porque na verdade a última escolha que a gente fez... essa seleção acabou sendo feita lá na formação... a gente se reúne em grupo e cada grupo recebe um livro... a gente analisa, discute e elencamos três ou quatro livros... aí a escola opta nesses três, quatro livros... então na verdade a escolha começa lá na formação...

E: Certo... existe alguma orientação ou pré-seleção dos livros por parte ou da Secretaria de Educação ou da direção da escola, por exemplo?

PE7: Eu acho que é aquela relação do MEC, né... que o MEC já nos envia... então tem uma pré-seleção do MEC...

E: Mas dentro dessa seleção, que é o Guia de Livros Didáticos, tu és livre pra fazer a tua escolha?

PE7: CLARO... eu e a minha colega ((outra professora da unidade)), né... a gente procura trabalhar juntos pra escola ter um livro só, lógico...

E: E existe alguma relação entre a seleção do livro didático e o projeto político pedagógico da escola?

PE7: ((Professore reflete brevemente))... Olha, o projeto político pedagógico, ele já existe, né... os livros aparecem, né... então a gente realmente procura no livro didático o livro mais compromissado que exista, não só um livro de DADOS... mas um livro compromissado com a cidadania, com a formação do ser humano, com mudanças do ambiente, com o respeito aos valores e tal... então realmente há um encaixe com o projeto político pedagógico, mas a gente não fica analisando os dois ((o livro e o projeto, no caso)) pra ver qual vai ser o livro, entendeu... o projeto político pedagógico tá ali, ele existe, tá sendo atualizado... e a gente procura um livro que tenha esse aspecto da cidadania, entendeu... um livro que tenha a valorização do ser humano dentro do ambiente e isso é um PPP ((projeto político pedagógico))...

E: Mas pra ti, então, é importante?

PE7: Ah, é importante... é importante...

E: Ótimo... é... dentro do teu trabalho, tá, você tem tempo pro planejamento e a escolha do livro didático?

PE7: Tenho...

E: Tem? E que tempo é esse?

PE7: Ah, planejamento que você diz é de que, da aula ((professor me pergunta))...

E: Pra ESCOLHA do livro didático...

PE7: TENHO, nós ((o grupo de professores de Ciências)) temos formação pra isso... temos uma hora-atividade só pra isso, né... e depois, NA ESCOLA, é uma certa dificuldade quando você tem que encontrar o seu parceiro ((o outro professor da disciplina))... aí é uma certa dificuldade sim... as janelas ((horários sem aula do professor, na unidade))) não combinam... então geralmente quando é início de ano a gente faz a reunião pedagógica pra isso, né... e quando não há condições de fazer reunião pedagógica, aí complica um pouquinho sim... aí passa a ter esse horário pra gente reunir os professores de área... ((diretora da escola nos interrompe e pergunta se queremos ir a uma sala mais silenciosa, devido ao barulho feito pelos outros professores na sala onde estamos))...

E: Então continuando, professor, dentro desse tempo que você acabou de me falar ali... você considera esse tempo adequado?

PE7: NÃOO... não considero... é... ainda bem que nós temos essa formação que nos dá esse tempo... porque na escola é mais difícil, realmente, juntar os professores de área no mesmo período em que se está dando aula...

E: Essa formação acontece de quanto em quanto tempo? Qual é o período dela?

PE7: A gente tem formação todo ano... nossa hora-atividade é um dia da semana, segunda-feira – todo ano ela muda, vai pulando –, então toda segunda-feira nenhum professor de Ciências dá aula porque pode ser convocado a qualquer momento pra um curso... a Secretaria ((municipal de Educação)) oferece todo ano um curso de formação... cinquenta, sessenta horas, quarenta horas... outros ((cursos)) por adesão, aí você ganha mais horas... então a gente, TODO ANO, tem formação... entendeu... o nosso dia é segunda... é, sei lá... História é outro dia, quarta ou outro dia... então esse dia se chama hora-atividade... o professor está

DISPONÍVEL pra Secretaria pra fazer a formação, não tá em sala de aula... e isso a gente tem que ter pra escolha do livro didático porque lá ((nos cursos de formação)) é o melhor tempo, né... oito horas por dia... então dá sim, é um tempo bom...

E: Ok... o livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido?

PE7: ((Professor reflete por um momento))... É o mesmo que foi escolhido... ESSE ano, quer dizer ano passado, que a gente escolheu um livro muito bom – que é esse livro aqui –, o [...], nós tínhamos pedido outro como primeira opção... mas tão bom quanto esse ((professor me aponta o livro em suas mãos)), esse aqui é EXCELENTE, esse livro aqui... e veio esse... a gente não se incomodou muito porque é um livro muito bom... então assim, eu posso garantir que na MAIORIA das vezes, AQUI nessa escola, veio o livro que foi pedido... só esse ano, esse último ano, que houve uma confusão e veio a segunda opção daqui, mas como é uma segunda opção muito BOA, não deu maiores problemas...

E: Certo... e há livros pra todos os alunos?

PE7: Não... esse é um grande problema...

E: E como que a escola lida com esse problema?

PE7: Muito mal porque... o que é que a pessoa tem de fazer... você distribui os livros pras turmas que você tem e aquela turma que não tem sobra uns dez livros, quinze livros e a turma tem trinta ((alunos))... então AQUELA turma você tem que... não adianta você dar o livro pra ele ((o aluno)), que ele vai levar pra casa e pode não trazer, ((a escola)) vai ficar com menos livros... então o professor tem que ter o TRABALHO de levar aquela PILHA de livros cada vez que ele entra na sala, os alunos tem que sentar em dupla pra poder fazer as atividades ou pra poder ver um BOM TEXTO no livro... então o fato de não ter livro para todos eu acho, assim, um absurdo... porque a partir do momento que tem essa campanha de um livro pra todos os alunos, uma campanha do livro didático, TODOS tem que receber... só que uma escola que começou em dois mil e... eu comecei a trabalhar aqui em 2001, 2002... tinha 580 alunos, hoje tem 1.080... né, tem 1.080, então no ano anterior ele vai ter sempre menos livro que no ano que tá por vir... mas eles ((a Secretaria de Educação)) mandam ((os livros)) por cadastro do ano anterior, eles não atualizam... e aí os bibliotecários fazem o POSSÍVEL pra conseguir mais livros, né... eles vão, eles mandam e-mail pra todas as escolas pra ver se tem reserva técnica, pra ficar trocando os livros... mas não tem,

porque TODAS as escolas tão passando por isso... então não ter livro didático pra todos os alunos é, pra mim, um agravante... prejudica muito o nosso desempenho também e é pior pro aluno, porque NADA MELHOR do que você levar o seu livro pra casa, né... leva seu livro pra casa, folheia, estuda, lê... aí tem turmas que não podem fazer isso, porque não dá pra levar... é terrível...

E: Professor, vamos falar um pouquinho sobre a qualidade do livro didático na tua visão, tá? E a primeira pergunta que eu te faço é o que seria um bom livro didático pra tí?

PE7: Eu acho que perfeição não existe... um bom livro didático, ele tem que ter uma aparência, uma diagramação boa... tem que ser agradável de você ver as figuras, as imagens muito visíveis, de boa qualidade... e BONS TEXTOS, né... textos atualizados, exercícios inteligentes, bons... esse livro ((professora me aponta o livro com que trabalha)) é muito bom... exercícios bons, atividades que você pode USAR a atividade do livro... não foi você quem fez, mas você USA aquela atividade... facilita o trabalho do professor e são atividades muito boas... então além de você ter toda a sua parte criativa, de criar atividades e tal... você encontrar um livro bom, que te dá esse apoio pedagógico, é muito bom... pra mim um bom livro tem que ter BONS textos, ATUALIZADOS, com referências a clássicos também, né... imagens, visual, a parte visual assim muito de boa qualidade... é fundamental, senão o aluno perde o interesse por ser muito poluído, assim, demais... pouco texto, sabe... eu acho que os livros deram uma BOA melhoria ao longo dos anos... eu acho...

E: E você julga que dispõe de bons livros pra escolher?

PE7: Eu... eu acho que sim... a gente eliminou muitos... muitos muito ruins... mas tem alguns autores bons sim, que a gente tem selecionado alguns autores bons... acho que a maioria da rede tem escolhido até os mesmos, que são três ou quatro ((livros)) na rede...

E: E o que é que tu consideras importante na escolha do livro didático?

PE7: ((Professor para e reflete brevemente))... Primeiro que a escolha foi feita... é produto de uma discussão, não de uma imposição... o nome dos livros já é uma imposição, que alguns aí o comitê ((professor se refere ao comitê de avaliadores que compõem a equipe que formula o Guia de Livros Didáticos)) escolheu e já vem imposto... pra você ganhar o livro GRÁTIS, pra você ter o livro pro aluno GRÁTIS, tá dentro

daquele... daquela relação ((professor se refere ao Guia de Livros Didáticos))... mas quando essa relação chega pra nós, pra mim o importante é que tenha essa discussão porque nada melhor que você conversar com seus pares... porque às vezes você pega um livro e a pessoa fala ((professor imita um colega no grupo de discussão)) eu trabalhei e não deu certo, por esse lado não foi bom, por esse lado foi... aí esse aqui é muito bom, eu trabalhei e deu certo com esse... então ESTAR JUNTO com os professores pra discutir sobre os livros, PRA MIM, é um pré-requisito pra escolher um bom livro... depois vem aquelas características do livro que eu te falei... dá mais segurança você usar um livro quando você vê que a rede, as pessoas discutiram junto com você...

E: E, no caso, que elementos mais chamam a tua atenção num livro didático? Foram estes que tu falasse?

PE7: É... um bom texto, atividades inteligentes... uma boa diagramação, né... figuras, imagens BEM VISÍVEIS... fatos o MÁXIMO atualizados possíveis também, né... textos de referências a exemplos que aconteceram no mundo, mais atuais... então, acho importante que já tenha no livro, né...

E: Professor, vamos passar para o nosso último item da entrevista, que é sobre o uso do livro didático no teu trabalho, certo? Então eu vou começar te perguntando: como é que utiliza os livros nas tuas atividades pedagógicas?

PE7: Olha, eu tenho um norte... o livro é um direito do aluno... eu não dispense o livro... às vezes os livros didáticos são aqueles livros que os alunos vão ter mais contato ao longo desse ano... e algum outro livro que ele vai lá e encontra... mas o livro didático, pra mim, é importante como um direito do aluno... então se é um direito dele, eu vou usar o máximo que eu posso... só que eu não uso o livro dispensando as anotações no caderno, então... livro do lado, caderno aberto... porque o livro não foi o aluno que escreveu, né... então nada melhor – a gente, que já foi aluno, sabe – quando a gente é que escreve, a gente é que faz um gráfico, a gente que puxa uma seta, né... quando é a gente que **SUBLINHA** resposta, a gente aprende mais... então eu nunca dou o livro pelo livro... o livro e caderno pra ele ((o aluno)) fazer as anotações e alguns resumos que eu passo, em relação a uma matéria que tá muito abrangente no livro, eu já tenho um resumo melhor, mais esclarecedor e tal... mas eu uso muito o livro e não uso nessa ordem que tá aqui ((professor se refere ao índice))... eu vou folheando o início, vou pro fim, vou pra página do

meio... e tudo que eu uso, eu anoto no caderno deles... então a aula de hoje foi isso, página tal... então eles ((os estudantes)) tem todas as anotações das páginas no caderno pra eles poderem ir ao livro... eles não vão estudar só pelo caderno, entendeu... mas o livro, pra mim, é muito importante...

E: E tu utilizas o livro em todas as tuas aulas?

PE7: Em TODAS AS AULAS às vezes não há necessidade... às vezes você chega na aula e você só vai dar algumas atividades que não é do livro, então o aluno não precisa mais usar o livro... a MAIOR PARTE das vezes vai ser com o livro, mas tem aulas que você não vai precisar utilizar o livro...

E: E que outros materiais que tu utiliza?

PE7: A gente utiliza muito filme, né... filme, DVD sobre o assunto... sala informatizada, trabalhos na sala informatizada também... muito banner, muitos painéis... laboratório de Ciências, que nós temos e é excelente... estamos sempre no laboratório... é... o ambiente em torno da escola também... a gente usa muito fazer trabalhos aqui nesse entorno aqui do pátio, trabalhos que nós estamos fazendo com o sexto ano agora... então a gente usa... são basicamente essas... a parte de vídeo, a sala informatizada, internet... é... o laboratório de Ciências é FUNDAMENTAL... e a parte ambiente da escola, o entorno da escola... e muita saída de campo, né... também a gente faz... isso aí a gente não abre mão...

E: Ah, legal... e o que é que tu utiliza então no livro didático? Tu já falasse um pouquinho, mas...

PE7: Como assim ((professor me questiona))...

E: Que elementos do livro tu utiliza?

PE7: Eu utilizo TUDO que ele pode me dar... um BOM texto eu vou utilizar, uma BOA atividade que tem eu vou utilizar... é, desafios... às vezes os desafios aqui... figuras que você só tenha acesso ao livro... o aluno só ia encontrar determinado assunto folheando esse livro... aquela figura, aquela mensagem... então eu uso O MÁXIMO que o livro pode me dar eu utilizo... mas SEMPRE seguindo o conteúdo da rede ((municipal)), né... não tem essa ordem cronológica do livro... o livro é só um apoio pedagógico...

E: E, professor, pensando na tua atividade pedagógica atual, certo? Você conseguiria desenvolver as tuas aulas sem o livro?

PE7: Conseguiria... só que eu acho que para o aluno ia ser mais difícil...

E: Ah é?! ((Não consigo disfarçar minha surpresa com a resposta do professor))

PE7: Sim, eu acho...

E: Por quê?

PE7: Porque pro aluno é importante ele ter acesso a essa imagem que tá aqui, entendeu... pro aluno é importante ele ter, ele ver o que é que a fala tá no livro... dar importância ao escrito e publicado, entendeu... e as imagens... você não pode falar, às vezes você tem que ver, né... então eu acho que pro aluno seria muito difícil... porque pra gente ((os professores)), como a gente tem a nossa grade já... nós já temos isso estabelecidos nos nossos cursos, né... currículo e tal... a gente já sabe o que é que tem que dar ((conteúdo)) por bimestre, né... já tá uma coisa mais especificada... eu PODERIA dar sem livro, mas eu acho que ia ser pobre, entendeu... aí ia ser um argumento mais empobrecido, aí você vai ter que usar outros apetrechos, né... muito vídeo, muito banner... muito... outro tipo de apoio, né... mas poderia... mas eu acho uma CONQUISTA o aluno TER o livro hoje, de graça... eu acho uma conquista e não deve ser desprezada, deve ser bem escolhida...

E: Como é que tu caracteriza a importância do livro didático no planejamento das atividades?

PE7: Ah, isso é... isso é... ((professor pensa um pouco))... não segue a ordem da gente, né... é mais complicado, né... porque nem tudo que você dá vai estar no livro, tá... vai tar... uma das partes vai estar, mas tem outras coisas que não vão estar e é você que vai ter que criar o texto mesmo... eu faço muito isso, às vezes eu CRIO os textos, entendeu... pra facilitar... é um agente facilitador pro aluno... mas, é... a gente pega assim, quando a gente reúne por área... a gente já sabe qual o livro que a gente escolheu, né... então a gente dá uma olhada no livro sim, vê qual é o perfil daquele livro, sabe... a ótica daquele livro... então a gente DÁ UMA SEGUIDA, mas não engessa... não pode ser engessada pelo livro, entendeu... a gente dá uma orientada, orienta muito bem...

E: Mas tu considera importante então?

PE7: Nossa, eu acho o livro importante... não desprezo não... passei dessa época... ((professor ri))...

E: E a importância do livro didático no desenvolvimento das aulas, como é que tu caracteriza?

PE7: ((Professor faz um breve silêncio))... No desenvolvimento das aulas, olha... eu acho super importante... porque às vezes você fala ((professor simula uma situação de aula)) pessoal, vamos ler um texto... textos muito bons que tem no livro... eles ficam ali, cinco, dez, quinze minutos, só lendo aquele texto... é um momento RICO, entendeu... cada um lê o seu texto, o seu livro... agora vamos responder estas perguntas sobre este texto, vou discutir esse texto... eu acho que o livro... ele não é verdade absoluta, entendeu... ele é um APOIO importante pro aluno, sabe... eu acho muito importante...

E: Professor, nossa última pergunta pra fechar a entrevista: essa forma que tu me descreveu de utilizar o livro em sala de aula, nas tuas atividades... por que é que tu utilizas os livros dessa forma? Por que é que tu... ACHA que é bom trabalhar desse jeito?

PE7: ((Professor reflete um pouco))... Olha, o aluno... ele GOSTA do livro... quando eles veem algo no livro inusitado, diferente, eles CHAMAM a atenção, eles falam ((professor imita seus alunos)) professora, abre na página tal... então o livro CHAMA a atenção do aluno, pra determinada área... e você ter um aluno curioso, pra Ciências, é FUNDAMENTAL... então o livro, MUITAS VEZES, estimula isso no aluno... a CURIOSIDADE... porque é tudo novo pra ele, entendeu... então eu acho que o livro, pra mim, é importante nas aulas, mas eu tenho autonomia... eu crio os textos, eu tenho autonomia pra fazer pesquisa e aí eu enriqueço mais ((o conteúdo)), entendeu... ou só uso texto do livro... eu vou intercalando isso ao longo do ano inteiro... mas sempre mostrando pro aluno a importância do livro pra ele... a importância DESSE MATERIAL pra ele como riqueza de conteúdo... eu não abro mão disso não, tá...

ENTREVISTA PE8

Data: 28/06/2012 Local da entrevista: escola do professor
Duração: 19 minutos.

A entrevista ocorreu na unidade escolar onde o professor leciona. Encontrei o docente na saída de uma aula, em um de seus horários vagos. Nós nos dirigimos à biblioteca da escola, em uma sala mais silenciosa e reservada. Sentamos em meio a uma pilha de livros didáticos e a entrevista realizou-se neste ambiente.

Entrevistador (E): Como tu te chamas?

Professor entrevistado 8 (PE8): [...]

E: Leciona em que unidade?

PE8: Eu trabalho na [...]...

E: A primeira série de perguntas que eu quero te fazer é sobre a tua capacitação, a tua formação. Então a primeira pergunta que eu te faço é qual é a tua formação?

PE8: Eu sou bióloga... me formei em Biologia na PUC em Porto Alegre...

E: Fez alguma pós-graduação?

PE8: Eu fiz o mestrado na UFSC em Engenharia Ambiental... em 2005 eu terminei o mestrado... eu trabalhei na linha de educação ambiental, né...

E: E há quanto tempo que tu tá no magistério?

PE8: ((Professor faz as contas))... Ahn, desde 2001... dez anos, doze anos...

E: Sempre em sala de aula?

PE8: ((Professor consente com a cabeça))... Sempre...

E: Professor, você já participou de algum curso, palestra ou formação sobre análise de livros didáticos?

PE8: ((Professor reflete brevemente))... Palestra eu já participei... às vezes as próprias editoras, eles dão, né... às vezes uns cursos e pra

apresentar os livros... eu já participei nesse sentido de exposição das próprias editoras dos livros...

E: Você já leu algum trabalho de análise de livro didático?

PE8: Não, não lembro de ter lido...

E: Tá... eu vou te lembrar, por exemplo, que o Guia de Livros Didáticos é um trabalho de análise de livros didáticos na sua essência, né... você já teve contato com o Guia de Livros Didáticos?

PE8: Não sei o que tu te refere a guia, né... a gente recebe das editoras, na verdade, às vezes o próprio livro ((didático)) do professor... e aí a gente analisa esse livro e vê se tá de acordo com o plano de ensino, né... com a proposta de prefeitura e... não sei o que é que tu te refere como um guia, não sei se eu já li...

E: O documento oficial que o MEC ((Ministério da Educação)) manda pras escolas, onde o professor vai...

PE8: Não, eu acho que eu nunca cheguei a pegar o Guia assim pra ler, sabe... é sempre o próprio livro... eles ((as editoras)) mandam os livros, a gente se reúne...

E: Professor, agora sobre a escolha do livro didático, tá? Eu queria saber COMO ocorre essa escolha aqui na escola, tá bom? Então a primeira pergunta que eu te faço é quantas vezes tu participou de um processo de escolha do livro didático?

PE8: ((Professor faz uma pequena pausa))... Olha... eu, na verdade, nessa escola aqui, eu tô... eu fiquei bastante tempo afastada, né... então aqui ((na unidade do professor)) eu não sei como é que aconteceu esse processo... mas eu já participei nas outras escolas... eu participei na Dilma ((outra unidade municipal)), na Armação ((bairro de Florianópolis))... eu participei já quando eu trabalhei no Rio Vermelho ((outro bairro de Florianópolis, onde está localizada uma outra unidade escolar))... então eu já participei, eu posso dizer de uns... quatro, cinco, eu acho...

E: E aqui na escola, quem escolhe o livro didático?

PE8: São os professores de CIÊNCIAS no caso, né... da área...

E: E como é que são selecionados os livros didáticos?

PE8: Olha, quando dá tempo, os próprios professores se reúnem – da área – e aí analisam os livros... e aí, de acordo com a proposta do município, de acordo com a grade curricular que a gente tem... a gente seleciona os ((livros)) que chegam mais próximos, né, à nossa proposta de trabalho...

E: Quando tu fala os professores da área, tu quer dizer tu e todos os teus colegas da rede?

PE8: De CIÊNCIAS, aham... não, mas assim ó... pra escolha, a gente já fez esse processo, na verdade... todo mundo junto tentar escolher o mesmo livro didático, mas... é... é um pouco difícil esse processo acontecer... daí na própria unidade escolar a gente chega a um consenso, né... não com todos da rede, é na unidade escolar...

E: Mas existe essa discussão em grupo?

PE8: Existe, existe...

E: Tá... e existe alguma orientação ou pré-seleção dos livros por parte da Secretaria de Educação ou da direção da escola, por exemplo?

PE8: Indicação, tu diz ((professor me pergunta))...

E: É!

PE8: Não... não... eles deixam livre, né... as editoras apresentam os livros... aí é a gente que escolhe... os professores escolhem...

E: E há alguma relação entre a seleção do livro didático e o projeto político pedagógico da escola?

PE8: Sim... tá de acordo com o projeto político pedagógico e de acordo com a proposta da rede...

E: Em que aspectos?

PE8: No aspecto da proposta curricular, né... porque o nosso... dentro dos PPP ((projeto político pedagógico)) a gente tem a proposta curricular por áreas e também a proposta da escola como um todo, né... quais são os aspectos mais importantes pra gente estar trabalhando na escola... e aí eu acho que a seleção ((do livro didático)) leva em consideração tudo isso... a proposta que a escola se propõe a desenvolver enquanto formadora e educadora, né... a gente busca tentar selecionar isso, né...

E: Dentro do teu trabalho, tá professor, tu tens tempo pra planejamento e pra escolha do livro didático?

PE8: ((Professor faz longa pausa antes de começar a falar))... Ahn... um pouco... eu acho que pouco, assim... mas podia ser mais tempo... porque na verdade ((o livro)) às vezes vem meio que um pouco ANTES, e aí... eu, no caso, seleciono o meu, né... mas até sentar todo mundo ((os professores)) e tentar chegar num consenso já é mais difícil... deveria ter mais tempo...

E: E o livro que chega à escola é o mesmo que foi escolhido?

PE8: Sim... na maioria das vezes, sim...

E: E há livros pra todos os alunos?

PE8: Não, isso não... aqui até... aqui nessa escola a a gente tá com todos os... todos os alunos que eu tenho tão com livro didático, tão levando pra casa... mas na outra escola que eu trabalho, eles ((os alunos)) deixam o livro na escola, né... e aí a gente usa pegando na biblioteca, usando em sala... eles não levam pra casa porque não tem pra todo mundo... aí eu já não sei se isso é uma organização de escola na hora de solicitação, se é um problema de distribuição do governo federal... e aí a gente tem que buscar... às vezes tem escolas que faltam ((livros)) e tem escolas que tem...

E: Professor, vamos falar um pouquinho sobre a qualidade do livro didático na sua visão, tá... e eu queria te perguntar o que que é um bom livro didático pra ti?

PE8: Um bom livro didático, eu acho que é o livro que vai atender a nossa proposta curricular na área de Ciências, né... então, é... dentro da área, assim... a gente busca analisar o conteúdo, né... nesse livro... e a forma que ele ((o livro)) expõe o conteúdo também, né... propondo, acho que mais atividades, né... e... questões que o aluno consiga pensar, né... e não só reproduzir o que tá escrito, né... a gente busca ESQUEMAS, livros que tenham mais ESQUEMAS, né... ((livros)) que tragam o principal de cada conteúdo, assim... e... de acordo com a proposta, acho que assim, o que foge um pouco dos livros didáticos de Ciências é o livro do sexto ano, é... porque a gente tá trabalhando com um método pela prefeitura, que a gente tenta buscar trabalhar os ecossistemas da ilha ((de Santa Catarina)), né... mais local assim... e aí falta isso nos livros didáticos, como é nacional ((professor se refere ao conteúdo dos

livros ser padronizado para todo o país)) a gente sente um pouco de falta nesse sentido, né...

E: Uhum... só pra deixar claro, quando tu fala em um bom livro ter um bom conteúdo, o que que é o conteúdo pra ti?

PE8: O conteúdo é... o que a gente tá trabalhando em aula, né... faz parte do currículo... o conteúdo são os conteúdos de Ciências que a gente trabalha em cada ano, né... não sei se queres que eu liste os conteúdos por série, assim...

E: Não é necessário...

PE8: É, são temas que a gente tem na proposta curricular, né... de Ciências... os conteúdos que vão ser desenvolvidos...

E: Ok... e tu julga que dispõe de bons livros pra escolher?

PE8: Eu acho que existe uma grande variedade de livros... DENTRE esses livros a gente tem opções, né... e aí a gente elege o que considera a melhor opção... eu acho que são... que tem bastante opção de livros didáticos...

E: O que é que tu considera importante na escolha do livro didático?

PE8: Como eu já falei, a questão do... de ter a relação com os conteúdos da nossa proposta curricular, né... e a questão das atividades também... trazer bastante atividades pros alunos, mas atividades que façam eles PENSAREM e não reproduzir, né, o conteúdo...

E: É... me fala um pouquinho dessa tua proposta curricular aqui da escola... o que é que ela tenta abordar?

PE8: A proposta curricular de ciências ((professor me pergunta))...

E: Isso!

PE8: Bom, ela é... a gente trabalha assim, partindo do... do... da questão do ecossistema e da ecologia, né... então a gente busca desde o quinto – do sexto ano agora – estar trabalhando questões que vão envolver o desenvolvimento do conhecimento do aluno... partindo, acho que... no meu ponto de vista, do micro pro macro ((em relação à estrutura e tamanho)), né... então a questão da ecologia, a questão dos ecossistemas... a gente... a questão da Química, Física... a gente buscar tentar trabalhar isso desde o quinto ano, né... dentro da proposta... e ir aprofundando ((o conteúdo)) conforme vão se passando os anos, né... então a proposta curricular tá baseada em meio ambiente... você olhar o

meio ambiente no sexto ano, sétimo, oitavo e nono... só que com enfoques diferentes... aí no quinto ano enfoca mais os seres vivos e a energia... o sétimo já mais a questão da saúde, né, e aí as relações com o corpo humano também, com o meio ambiente também... e... o sétimo – é que eu me perco um pouco agora porque o sétimo ano seria o sexto –, o sexto são mais os seres vivos, né... questão de seres vivos e o meio ambiente... e aí o oitavo seria a saúde e o nono mais a questão das tecnologias, né... da questão do conhecimento tecnológico, científico... aí buscando mais a parte da Química e da Física, né...

E: Perfeito... que elementos que mais chamam a tua atenção em um livro didático?

PE8: ((Professor faz uma pequena pausa))... Elementos que mais chamam atenção, deixa eu ver... eu acho que é como ele ((o livro)) tá estruturado, né... se ele traz assim, por exemplo, um texto e um esquema ou gráficos ou imagens, né... que representem o texto que ele tá trazendo... e também as atividades relacionadas a esse tema que ele ((o livro)) tá trazendo, né... acho que o que chama mais a atenção é isso...

E: Bom, professor, vamos passar pro nosso último item, que fala sobre o uso do livro didático, tá... então eu queria te perguntar agora, primeiro, como é que tu utilizas os livros nas tuas atividades pedagógicas?

PE8: Uhum... bom, assim ó... eu... eu trabalho com livro didático, os livros que tão de acordo com essa proposta que eu te falei, né... então às vezes, tipo no sexto ano, é... eu trago muito material de fora porque a gente não tem nos livros a questão dos ecossistemas da ilha... então aí a gente trabalha bastante xerox, com vídeo, né... e... aí o livro didático eu uso pouco no sexto ano... agora no sétimo ano... no sétimo... até no sétimo, oitavo e nono ano também, eu procuro usar também o livro didático... porque eu acho que tem atividades interessantes... e tem, às vezes, os conteúdos que a gente tá trabalhando, né... então, assim... geralmente eu dou uma aula, às vezes expositiva ou trago alguma... apresentação de slide, né, com alguma explicação mais expositiva do conteúdo... e aí eu busco mais usar as atividades que tem nos livros, né... pras atividades que eu possa sempre... os livros tenham as atividades... porque daí na aula expositiva eu não costumo usar muito o livro didático, né... aí eu trago material de fora... e assim, eu não sei se cabe eu colocar agora, mas eu tô sentindo uma grande DIFERENÇA ((o gravador para de gravar automaticamente neste ponto, mas o professor iria fazer menção à questão da cognição dos alunos. Para este docente,

parece que os alunos estão tendo mais dificuldades para ler e interpretar os conteúdos que o livro didático aborda atualmente))...

Após a substituição do cartão de memória de meu gravador, a entrevista segue normalmente:

E: Pode continuar, professor...

PE8: Então, tu tava me perguntando sobre o uso do livro didático e tal... e eu comentei que – eu fiquei três anos agora de licença, porque eu tava fazendo doutorado também, né – e aí eu voltei ((à sala de aula)) esse ano... e esses três anos, que eu voltei eu senti uma diferença muito grande no nível de ensino dos alunos, sabe... então assim até o livro didático eu, agora, tô usando menos porque eu percebo que os alunos não tão conseguindo acompanhar uma leitura de livro didático... nem alunos de sexto, nem de sétimo ano, que é o que eu tô trabalhando esse ano... de outro professor eu não ouvi falar... mas caiu bastante o nível de conhecimento desses alunos... eu digo de questão de alfabetização e de questão de conseguir interpretar um livro didático... os alunos da escola pública pelo menos, eu tô sentindo...

E: Então tu não utiliza o livro didático em todas as tuas aulas?

PE8: Não...

E: Tu já falasse um pouquinho, mas eu queria saber que outros materiais tu utiliza...

PE8: Então, é... às vezes quando é pesquisa eu trago xerox de outros livros, livros mais específicos do tema que eu tô trabalhando... eu trago, eu uso bastante o data-show também, porque na escola a gente tem um auditório... então eu trago imagens quando trabalha ali os ecossistemas ou mesmo o corpo humano, né, pra eu mostrar os órgãos... e o laboratório também eu procuro usar, dentro das atividades que CABEM ali, de aula prática... também uso bastante... e VIDEO também, eu uso trabalhar com vídeo, né... eu acho que é interessante trazer vídeos pra sala de aula porque tem muito tema interessante que pode – tanto por filme, como documentário, né – acrescentar bastante nas aulas...

E: E o que é que tu utiliza no livro didático?

PE8: Isso que eu falei... eu tô procurando usar as atividades mais que tem, né... e às vezes trabalhar um pouco de leitura também... às vezes é bom trabalhar a questão da leitura... agora eu tô vendo que é importante porque essa questão ((dificuldades na leitura e interpretação)) que eu te falei dos alunos... então a gente tá tendo que trabalhar leitura com eles...

porque às vezes eles ((os alunos)) não conseguem entender um parágrafo do texto ou uma coisa que o livro traz... e aí tem que trabalhar a leitura junto, né... eu tô tentando trabalhar um pouquinho disso também...

E: Professor, pensando na tua atividade pedagógica atual, tá... você conseguiria desenvolver as aulas sem o livro?

PE8: Sim...

E: Por quê?

PE8: Porque eu consigo trazer material de fora, né... porque tem outros recursos... tem internet... a gente tem sala de informática, a gente tem o auditório, né... a gente tem xerox, que eles ((os alunos)) podem tirar e trazer também, né... atividades... eu acho que é um recurso bom, mas que é algo que se poderia fazer a aula sem livro didático, poderia...

E: Como é que tu caracteriza a importância do livro didático no planejamento das atividades?

PE8: No planejamento ((professor reflete sobre a pergunta))... é, eu acho importante... e caracterizo como importante, que eu acho... e seria MAIS importante ainda se o aluno, TODOS OS ALUNOS pudessem levar pra casa o livro didático... porque eu acho que em casa eles... tem muitos ((alunos)) que a única fonte – eu acho disso, né – pra leitura e pra pesquisa É o livro didático... então no sentido pro alunos ter um material em casa que ele possa consultar e tar auxiliando no estudo dele... eu acho importante, né...

E: E a importância do livro didático no desenvolvimento das aulas?

PE8: ((Professor reflete))... É importante, mas não assim fundamental... eu acho que o livro didático não é tudo numa aula, né... eu acho que ele serve como um... um recurso... como é que eu vou dizer... um AUXÍLIO às aulas, digamos assim, né...mas não que seja fundamental pra uma aula ter o livro didático... mas ele serve como um recurso que a gente pode usar...

E: Por que é que tu utiliza o livro didático dessa forma que tu me contasse?

PE8: Porque eu acredito que seja a forma que eu mais me identifico com o uso dele, né... a forma que, nas minhas aulas, eu acho que eu consigo aproveitar...

E: Dentro da tua ação tu tem bom resultado trabalhando assim, desse forma?

PE8: Eu acredito que sim...

8. ANEXOS

Anexo I**NOTAÇÃO UTILIZADA PARA A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES (Adaptado de Carvalho, 2006).**

... = interrupção ou pausa na fala

(()) = comentário do entrevistador

- - = comentário do entrevistado durante a própria fala

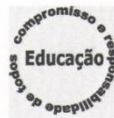
[...] = supressão de dados de identificação na fala do entrevistado

LETRAS MAIÚSCULAS = tom enfático na fala do entrevistado

**Anexo II – Autorização da Secretaria Municipal de Educação para
realização da Pesquisa.**



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
GERÊNCIA DE FORMAÇÃO PERMANENTE
Rua Ferreira Lima, 82 – térreo – Centro
CEP 88014-420 – Florianópolis – SC
Telefone: (48) 21065922– Telefax: (48) 21065917



Florianópolis, 03 de julho de 2012.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais e como representante legal da Instituição, que tomei conhecimento do projeto de pesquisa: "*Seleção e uso do livro didático por professores de Ciências: um estudo na rede municipal de ensino de Florianópolis*" do mestrando Marcelo D'Aquino Rosa, do PPGET/UFSC orientado pela Prof. Dra. Adriana Mohr (MEN/CED/UFSC) e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Handwritten signature of Helaine Maltez Costa in blue ink.

Helaine Maltez Costa
Gerência de Formação Permanente
Departamento de Eventos

Helaine Maltez Costa
Chefe de Departamento de Eventos/EME
Portaria 00209/2011

Anexo III – Lista das escolas básicas municipais de Florianópolis
(adaptado de FLORIANÓPOLIS, 2012b)

[Escola Básica Adotiva Liberato Valentim](#)

Avenida Jorge Lacerda, 1559 - Costeira do Pirajubaé

CEP:88047-001 - Fone: (48) 32261654

Fone Público: (48) 32263096

Diretora: Karla Christine H. de Lima da Silva

e-mail: ebm.adotiva@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Acácio Garibaldi São Thiago](#)

Rua Altamiro Barcelos Dutra, 1195 - Barra da Lagoa

CEP: 88061-300 - Fone: (48) 32327637 (FAX)

Fone Público: (48) 32323095

Diretora: Luciane Machado de Oliveira

e-mail: ebm.acaciogaribaldi@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Albertina Madalena Dias](#)

NEI Vargem Grande – 3 a 6 anos

Rua Cristóvão Machado de Campos, 1537 - Vargem Grande

CEP: 88056-000 - Fone: (48) 32695835 (Fax)

Fone Público: (48) 32695587

Diretora: Ruben Eduardo P. Fernandes

e-mail: ebm.albertina@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Almirante Carvalhal](#)

Rua Bento Goiá, 113 - Coqueiros

CEP:88080-150 - Fone: (48) 33486645/33486645(Fax)

Fone Público: (48) 32480346

Diretora: Eloisa Helena de Oliveira Ezequiel

e-mail: ebm.almirantecarvalhal@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Professor Anísio Teixeira](#)

Rua João Cândio Jacques, 1461 - Costeira do Pirajubaé

CEP: 88047-010 - Fone: (48) 32261154 (Fax)

Fone Público: (48) 32261008

Diretor: Claudia Cristina Zanela

e-mail: ebm.anisioteixeira@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Antônio Paschoal Apóstolo](#)

Rodovia João Gualberto Soares, 6809 - Rio Vermelho

CEP: 88058-300 - Fone: (48) 32697313(fax)

Fone Público: (48) 32697013

Diretora: Bernadete da Rosa

e-mail: ebm.antoniopaschoal@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Batista Pereira](#)

Rodovia Baldicero Filomeno, 3000 - Alto Ribeirão

CEP: 88064-000 - Fone: (48) 33376074(FAX)

Fone Público: (48) 33375964

Diretor: Simone Garcia Vargas

e-mail: ebm.batistapereira@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Beatriz de Souza Brito](#)

Rua Deputado AntonioEdú Vieira, 600 - Pantanal

CEP:88040-000 - Fone: (48) 32345792 (Fax)

Fone Público: (48) 32341513

Diretor: EdiltonLuisPiacentini

e-mail: ebm.beatriz@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes](#)

Avenida Pequeno Príncipe, 2939 - Campeche

CEP:88063-100 - Fone: (48) 32374780

Fone Público: (48) 32374495

Diretora: Carla Patrícia de Santiago Lapa

e-mail: ebm.brigadeiro@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Dilma Lúcia dos Santos](#)

Rodovia SC 406, 6050 - Armação do Pântano do Sul

CEP: 88066-000 - Fone: (48) 33895080(FAX)

Fone Público: (48) 32375047

Diretor: Grasiela Alexandrina da Silveira

e-mail: ebm.dilmalucia@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Donícia Maria da Costa](#)

Rodovia Virgílio Várzea, s/n - Saco Grande

CEP: 88032-001 - Fone: (48) 32382299 (Fax)

Fone Público: (48) 33374951

Diretora: IvanisseZarif Pires Basto

e-mail: ebm.donicia@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Gentil Mathias da Silva](#)

Rua Dom João Becker, 988 - Ingleses

CEP:88058-600 - Fone: (48) 32693091(FAX)

Fone Público: (48) 32690604

Diretora: Adriano de Oliveira

e-mail: ebm.gentilmathias@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Henrique Veras](#)

Rua João Pacheco da Costa, 249 - Lagoa da Conceição

CEP: 88062-040 - Fone: (48) 32328923 (Fax)

Fone Público: (48) 32321146

Diretora: Odilon Xavier da Rosa Filho

e-mail: ebm.henriqueveras@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Intendente Aricomedes da Silva](#)

Rodovia Leonel Pereira, 930 - Cachoeira do Bom Jesus

CEP:88056-300 - Fone: (48) 32845836

Fone Público: (48) 32845790

Diretora: Marizilda Alves G. Araujo

e-mail: ebm.aricomedes@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica João Alfredo Rohr](#)

Rua João Pio Duarte Silva, 1123 - Córrego Grande

CEP: 88037-000 - Fone: (48) 32331689 (Fax)

Fone Público: (48) 32343516

Diretora: Adenaide Ferrari Caliar

e-mail: ebm.joaalfredorohr@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica João Gonçalves Pinheiro](#)

Rua: Sílvio Lopes Araújo, s/n - Rio Tavares

CEP:88048-391 - Fone: (48) 32326269

Fone Público: (48)

Diretora: Rosinete dos Santos F. Lopes da Silva

e-mail: ebm.joaogoncalves@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica José Amaro Cordeiro](#)

NEI Morro das Pedras - 3 a 6 anos

Rodovia Francisco Thomaz dos Santos, 1691 - Morro das Pedras

CEP: 88066-000 - Fone: (48) 33387834 (Fax)

Fone Público: (48) 32379253

Diretora: Márcia Maria dos Santos

e-mail: ebm.joseamaro@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica José do Valle Pereira](#)

Rodovia João Paulo, 1268 - João Paulo

CEP:88030-300 - Fone: (48) 32381737 (FAX)

Fone Público: (48) 32380319

Diretora: Paula Moraes

e-mail: ebm.josedovalle@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Luiz Cândido da Luz](#)

Rodocia SC 403, Km 3 - Vargem do Bom Jesus

CEP:88070-220 - Fone: (48) 32696636 (Fax)

Fone Público: (48) 32696745

Diretor: Marcela Monteiro de Leon

e-mail: ebm.luizcandido@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Mancio Costa](#)

Rua Intendente Antonio Damasco, 3131 - Ratones

CEP:88052-100 - Fone: (48) 32668218 (FAX)

Fone Público: (48) 32825363

Diretora: Gilberto André Borges

e-mail: ebm.manciocosta@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Maria Conceição Nunes](#)

Rua Luiz Duarte Soares - Rio Vermelho

CEP:88060-038 - Fone: (48) 32348557

Fone Público: (48) 32348557

Diretor: Sandro de Almeida Nery

e-mail: ebm.mariaconceicao@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Maria Tomázia Coelho](#)

Rua Vereador Onildo Lemos, 1409 - Santinho

CEP:88058-601 - Fone: (48) 32691325

Diretor: Liziane Díaz Farias

e-mail: ebm.mariatomazia@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Osmar Cunha](#)

Rodovia Tertúliano Brito Xavier, 661 - Canasvieiras

CEP:88054-600 - Fone: (48) 32665312 (fax)

Fone Público: (48) 32661401

Diretor: Lenir de Oliveira Sacco

e-mail: ebm.osmarcunha@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Osvaldo Machado](#)

Rua Luiz Boiteux Piazza, 6542 - Ponta das Canas

CEP: 88056-000 - Fone: (48) 32842110(FAX)

Fone Público: (48) 32841374

Diretora: Karina Ribas

e-mail: ebm.osvaldomachado@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Paulo Fontes](#)

Rua Osni Barbatto, 168 - Santo Antônio de Lisboa

CEP: 88050-450 - Fone: (48) 32352192(FAX)

Fone Público: (48) 32351634

Diretora: Denise de Amorim Costa Martins

e-mail: ebm.paulofontes@pmf.sc.gov.br

[Escola Básica Vitor Miguel de Souza](#)

Rua Vitor Miguel de Souza, 186 - Itacorubi

CEP:88034-390 - Fone: (48) 33340031 (Fax)

Fone: (48) 33341043

Diretor: Ricardo Paz

e-mail: ebm.vitormiguel@pmf.sc.gov.br

Anexo IV – TCLE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Meu nome é Marcelo D’Aquino Rosa. Sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Juntamente com minha orientadora, Professora Adriana Mohr, estou desenvolvendo a pesquisa:

**SELEÇÃO E USO DO LIVRO DIDÁTICO NA VISÃO DE
PROFESSORES DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO NA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS.**

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar como os professores de ciências do ensino fundamental da rede municipal de Florianópolis selecionam e utilizam o livro didático de ciências.

Para isto, ouvir os docentes é fundamental. Desta forma, no andamento deste projeto, minha pesquisa entrevistará os professores de ciências das escolas básicas municipais. E é para ser uma destes(as) entrevistados(as) que convido o(a) colega.

Nós garantimos que as informações fornecidas pelos professores nas entrevistas serão utilizadas apenas nesta pesquisa e que o nome e escola do(a) professor entrevistado(a) serão mantidos no anonimato.

Em caso de alguma dúvida, mesmo após a realização da entrevista, colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail marcelodaquino87@gmail.com ou ainda pelo telefone (48) 9622 1008.

Assinaturas:

Marcelo D’Aquino

Rosa: _____

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa:

**SELEÇÃO E USO DO LIVRO DIDÁTICO NA VISÃO DE
PROFESSORES DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO NA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS.**

e concordo em participar dela como entrevistado (professor (a) de ciências da rede municipal de ensino de Florianópolis).

Florianópolis, _____ de _____ de 20__.

Assinatura: _____

RG: _____

Anexo V – Comunicação interna sobre a escolha do livro didático de Ciências no PNLD (triênio 2011-2013)



COMUNICAÇÃO INTERNA

Nº 153/2010

**DE: DIRETORIA DE ENSINO FUNDAMENTAL
PARA: Escolas Básicas de Ensino Fundamental II**

**ASSUNTO: Escolha do Livro Didático –
Anos Finais**

A Diretoria de Ensino Fundamental, juntamente com a Gerência de Formação Permanente e Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias estará realizando encontros referentes ao PNLD – escolha dos livros didáticos do Ensino Fundamental II, para os professores e especialistas que coordenam e acompanham o planejamento curricular na u.e., conforme grupos a seguir:

Dia 18/06 – das 13:00 às 17:00 –

Professores de Línguas Portuguesa e Estrangeira – Local: CEC (Ferreira Lima)

Dia 22/06 – das 13:00 às 17:00 –

Professores de História – Local: CEC (Ferreira Lima)

Anexo VI – Ofício protocolado sobre a escolha do livro didático de Ciências no PNLD (triênio 2011-2013)

FORMAÇÃO PARA ESCOLHA DO PNLD 2011-2013

Entre os dias 18 e 24 de junho de 2010, a Diretoria de Ensino Fundamental, em parceria com a Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias realizaram encontros de formações com os professores das **Séries Finais do Ensino Fundamental**, das diferentes disciplinas do currículo, com o objetivo de instrumentalizá-los para qualificar a escolha do Livro Didático Etapa 2011-2013, pelas unidades educativas da rede. Cada grupo de professores discutiu critérios técnicos e pedagógicos, focando a análise em eixos e conceitos previstos na Proposta Curricular do Ensino Fundamental da Rede. Desta formação, tendo em vista o volume considerável de títulos por área curricular, cada grupo indicou três a quatro títulos a serem considerados/referendados quando da discussão e definição da escolha na unidade educativa. O registro desta escolha pela escola tem prazo até 4 de julho próximo.

Att.

Rosane Immig
Gerente de Articulação Pedagógica
Diretoria de Ensino Fundamental

Anexo VII – Resultado das obras selecionadas na escolha do livro didático de todas as disciplinas escolares no PNLD (triênio 2011-2013)

Indicações para escolha do PNLD 2011-2013 – Resultado das formações

Língua Portuguesa:

1-Para viver Juntos – Lousada; Costa; Soares; Prado – Edições SM
2- Português Linguagem – Cereja; Magalhães – Atual Editora
3- Tudo é linguagem - Ed. Ática
3- Criação e interação - Ed. Saraiva

Língua Estrangeira – Inglês e Espanhol

Língua Inglesa	Língua Espanhola
Keep in mind - Ed. Scipione	Saludos - Ed. Ática
English for teens-Links Ed. Ática	Entérate - Ed. Saraiva

Ciências:

1-Projeto RADIX Ciências - Construindo conhecimento com o aluno - Favali; Pessoa; Andrade - Scipione
2-Ciências : A Ciência e suas relações com o cotidiano, a saúde e o ambiente – Fernando Gewandszajder – Editora Ática
3-

Matemática

1ª opção:	2ª opção
1- Projeto RADIX Matemática - Ribeiro - Scipione	1-Matemática e Realidade - Iezzi; Dolce; Machado – Saraiva/Atual
2-Matemática e Realidade - Iezzi; Dolce; Machado Saraiva/Atual	2-Matemática -Bianchini - Moderna
3-Matemática -Bianchini - Moderna	3- Projeto RADIX Matemática - Ribeiro - Scipione
4-A conquista da Matemática - Giovanni; Castrucci - FTD	4-A conquista da Matemática - Giovanni; Castrucci - FTD

História:

1ª opção:	2ª opção
1-História Temática - Scipione	1-Araribá - Moderna
2-Vontade de Saber História - FTD	2-Novo História: conceitos e procedimentos - Atual
3-História, Sociedade e Cidadania - FTD	3- História, Sociedade e Cidadania - FTD 3-Vontade de Saber História - FTD
4-Navegando pela História - FTD	4-Navegando pela História - FTD
5-Para viver juntos - SM	5-Para viver juntos - SM

Geografia

1-Araribá – Moderna
2-Espaço e Vivência - Saraiva
3-Projeto RADIX - Scipione